

(*Comptes-rendus de l'Académie des Sciences*, T. LXIV, pag. 4299).

O auctor demonstra a formação simultanea dos ammoniacos primario, secundario e terciario, por meio da decomposição do cyanato d'amyla pela potassa caustica. Este facto foi confirmado pelo sr. A. W. Hofmann (*Berichte der deutschen Chemischen Ges.* T. 1881.)

1867 — Analyses de areias titaniferas das ilhas de Cabo Verde. (*Comptes-rendus*, T. IXV, p. 207.)

1869 — Sobre a propylamina normal. (*Comptes-rendus*, T. LXIX, p. 473.)

1871 — Sobre a preparação e propriedades do oxydo de triethylphosphino. (Em collaboração com o sr. J. M. Crafts) (*Bulletin de la Société Chimique*, T. XVI, p. 43).

## II — ESTUDOS SOBRE OS COMPOSTOS DO RADICAL ISOPROPYLA

(1) Sobre o butyrato e o valerato d'isopropyla. (*Comptes-rendus*. T. LXVIII, p. 1476 — *Bulletin de la Société Chimique de Paris*, T. XII, p. 113 a 118.)

(2) Sobre o succinato, o benzoato, o azotito e o azotato da isopropylamina e da diisopropylamina. (*Comptes-rendus*, T. LXIX, p. 416 — *Bulletin de la Société Chimique*, T. XII, p. 223 a 228.)

(3) Sobre o phenato d'isopropyla e muitos dos seus derivados bromados. (*Bulletin de la Société Chimique*, T. XIII, p. 27 a 32.)

(4) Sobre o formiato, os lactatos, o cyanato e o cyaneto d'isopropyla. (*Bulletin de la Société Chimique*, T. XVII, p. 97.)

## III — ESTUDOS SOBRE A DIISOPROPYLA E ALGUNS DOS SEUS DERIVADOS.

1873 a 1875 — Estes estudos, que o auctor não pode ainda concluir, attingem:

$\alpha$ .... Os processos de preparação do hydrocarbonato.

$\beta$ .... Seus derivados chlorados, com os quaes o auctor

obteve dois isomeros da formula  $C^6 H^{13} Cl$ ; dois outros da formula  $C^6 H^{12} Cl^2$ , um solido e crystallisavel, o outro liquido.

δ... Derivados d'estes diferentes chloretos, dos quaes um oxydo  $C^6 H^{12} O$ , isomerico com a pinacolina.

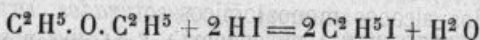
δ... Um brometo solido e crystallisavel da formula  $C^6 H^{12} Br^2$ .

Σ... Um novo hydrocarbonato,  $C^9 H^{20}$ , o penta-methylbutana. (*Bulletin de la Société Chimique*. T. xviii, p. 529, T. xxii, p. 50; Roscoe e Schorlemmer, *Organic Chemistry*. T. iii, Part. i, p. 659.)

#### IV — ESTUDOS Á CERCA DA ACÇÃO DO GAZ IODHYDRICO SOBRE UM CERTO NUMERO DE COMPOSTOS ORGANICOS.

1875 a 1881 a. — Sobre os ethers propriamente taes  $C^n H^{2n+1} - O - C^n H^{2n+1}$  e sobre os ethers mixtos:  $C^n H^{2n+1} - O - C^{n'} H^{2n'+1}$ . (*Comptes-rendus de l'Académie des Sciences*. T. 81, p. 325, 1875; *Annales de Chimie et de Physique*, 5.<sup>a</sup> série, T. vii. 1876; *Bulletin de la Société Chimique*. T. xxiv, p. 482; T. xxv, p. 529).

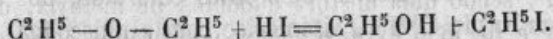
Os estudos de que se trata tiveram por ponto de partida uma experiencia realisada com o fim de separar um hydrocarbonato não saturado,  $C^n H^{2n}$ , do oxydo d'ethyla. O auctor havia pensado que esta separação podia ser realisada por meio de gaz HI, dirigido sobre uma mistura de hydrocarboneto e do ether esfriados. Contra a sua expectativa, o oxydo d'ethyla foi transformado em iodeto d'ethyla, sendo as proporções d'este ultimo um pouco inferiores ás que exigiria a equação



O auctor tomou em seguida um ether mixto, o oxydo méthylamylico  $C H^3. O. C^5 H^{11}$ , que se transformou integralmente em iodeto de méthyla e em alcool amylico, segundo a equação

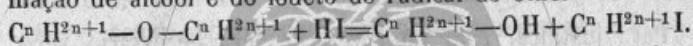


O resultado d'esta experiencia descobria ao auctor a verdadeira reacção que se effectuava entre o oxydo d'éthyla e o gaz iodhydrico e que exprime a equação:

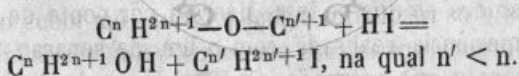


Tendo ensaiado a reacção com um grande numero d'ethers propriamente taes e d'ethers mixtos, verificava que esta é geral e indica duas leis que podem ser assim enunciadas:

1.º Quando se faz actuar o gaz iodhydrico sobre um ether propriamente tal, arrefecido entre 0 e 4 grãos, os dois corpos soffrem a dobrada decomposição, d'onde resulta a formação de alcool e do iodeto do radical do ether:



2.º Quando se faz reagir o gaz iodhydrico sobre um ether mixto,  $C^n H^{2n+1} - O - C^{n'} H^{2n'+1}$ , arrefecido entre 0 e 4 grãos, os dois corpos soffrem a dobrada decomposição, o hydrogenio do gaz iodhydrico e o radical hydrocarbonado mais pobre em carbonio, substituem-se mutuamente nas duas moleculas, donde resulta um alcool e um iodeto, segundo a equação

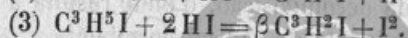
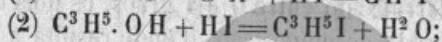
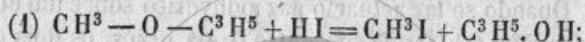


Quando  $n' = 1$ , isto é, logo que o ether mixto encerra o radical méthyla, a reacção é d'uma nitidez notavel e dá um meio muito facil e commodo para passar d'um hydrocarboneto saturado,  $C^n H^{2n+2}$ , ao alcool correspondente.

b — Referindo-se as leis acima enunciadas á acção de gaz iodhydrico sobre os ethers propriamente taes e os ethers mixtos dos alcooes monoatomicos saturados, era interessante verificar se ellas se applicam aos mesmos ethers derivados d'alcooes não saturados. O auctor regulando as experiencias no sentido de fazer esta verificação, fez actuar o gaz iodhydrico sobre o ether mixto methylalico, arrefecido entre zero e 4 grãos; e a interpretação dos resultados obtidos auctorisa a dizer que a lei relativa aos ethers

mixtos se verifica tambem para estes compostos do alcool allylico.

O producto da acção do gaz HI sobre o ether  $\text{C H}^3\text{—O—C}^3\text{H}^5$ , sendo uma mistura d'iodetos de méthyla, d'isopropyla e de iodo livre, o auctor interpretou a formação d'estes productos como sendo os resultados de tres series de reacções successivas, podendo ser representadas pelas equações:



Para justificar esta interpretação, era necessario verificar: 1.º Se o alcool allylico, arrefecido a zero e submetido n'esta temperatura a uma corrente de gaz iodhydrico, se convertia integralmente em iodeto d'allyla; 2.º Se, nas mesmas condições de temperatura, o iodeto d'allyla se transforma em iodeto d'isopropyla, com separação do

O auctor estabeleceu as experiencias relativas a estas ve-

riedades e os resultados colhidos foram, em todos os pontos, conformes com as suas previsões. (*Bulletin de la Société Chimique de Paris*, T. xxiv, p. 482 — 1875.)

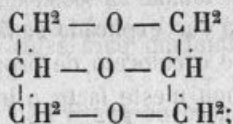
c—Sobre o ether glycerico, a épichorhydrina, o chloroiodeto de propylêná, etc.

α—Havia-se admittido, sem outra prova além da analyse elemental, que o liquido fervendo a cerca de 168º, que se fórma na preparação do alcool allylico por meio da glicerina e do acido oxalico, é o ether propriamente tal da glicerina.

Submettendo este liquido á acção do gaz iodhydrico, o auctor verificou que se fórma glicerina e iodeto d'isopropyla, com separação de iodo. Comporta-se n'esta reacção como os oxydos dos radicaes alcoolicos, dando alcool e iodeto correspondentes.

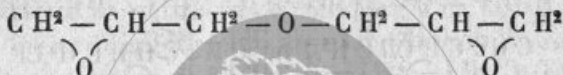
Deve ser, pois, representado pela formula:





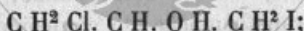
Unicamente, o iodeto que seria uma tri-iodhydrina, troca 2 atomos do seu iodo por uma quantidade correspondente de hydrogenio de gaz iodhydrico, donde resulta a libertação de iodo.

A formula de constituição

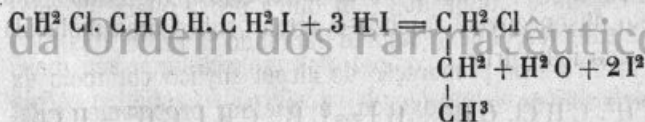


proposta pelo sr. von Gegerfelt, que fazia do corpo de que se trata o ether propriamente tal d'este alcool particular, o glucide, imaginado pelo sr. Reboul, acha-se assim separada.

β—Sabia-se, pelos trabalhos do sr. Reboul, que a épi-chlorhydrina se combina com o acido iodhydrico e dá a chloro-iodhydrina *symétrica* :



mas não se tinha feito o ensaio de atacar este ultimo corpo pelo gaz iodhydrico. O auctor tentou esta experiencia com optimo resultado, tendo conseguido a sua transformação em chloreto de propyla *normal*, segundo a equação:

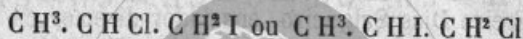


Esta reacção resolve o problema, encetado por muitos chimicos e tendo ficado até então insolavel, da transformação da glicerina em alcool *propylico normal* (*Comptes-rendus*, T. 93, p. 418; 1881.)

δ—Tendo verificado, na experiencia precedente, a formação de uma fraca quantidade de iodeto de propyla, cuja

presença não podia ser explicada senão por uma dobrada decomposição entre o chloreto de propyla e o acido iodhydrico, o auctor achou n'este facto o meio de resolver uma questão estabelecida em 1870 pelo chimico russo, o sr. Sorokine, relativa á constituição do chloriodeto de propylena.

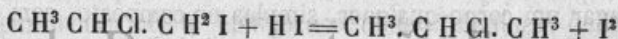
O sr. Sorokine, tendo obtido iodeto d'isopropyla, na acção do acido iodhydrico sobre o chloriodeto de propyla, concluia que faltava resolver a questão de saber qual dos dois agrupamentos



representa a constituição d'este chloriodeto. As conclusões que o auctor tirou de suas pesquisas sobre a acção do acido iodhydrico sobre a épichlorhydrina, faziam com que visse no resultado da experiencia do chimico russo uma consequencia da constituição



O auctor, para justificar esta opinião, realisou em primeiro lugar a transformação do chloriodeto em chloreto d'isopropyla, aquecendo *moleculas eguaes* d'acido iodhydrico e de chloriodeto:



Depois, converteu o chloreto d'isopropyla obtido em iodeto d'isopropyla, fazendo-o actuar sobre uma molecula de acido iodhydrico:



δ—No curso d'estas experiencias, demonstrou o auctor que o producto da acção do chloreto d'iodo sobre a propylena não é uma mistura de dois chloriodetos, mas sim um unico chloriodeto, o qual deve ser representado pela formula



(Comptes-rendus de l'Academie des Sciences, T. 93, p. 739 a 741; 1881.)

(Continua)

S. M.

## VARIEDADES

**Nomeações.** — Foram nomeados, precedendo concursos de provas publicas, nos quaes alcançaram as primeiras classificações: o sr. José Gomes de Mattos, ensaiador director da repartição de contrastaria de Lisboa; o sr. Nuno Freire Dias Salgueiro, ensaiador director da repartição de contrastaria do Porto, e o sr. Francisco Manuel da Silva Alegria, thesoureiro da penitenciaria de Lisboa.

A classe pharmaceutica deve congratular-se por estas nomeações, não só por haverem recaído em tres dos seus membros, mas principalmente pelas brilhantes provas que estes exhibiram. Felicitamol-a pois, e felicitamos os agraciados, e em especial o primeiro (nosso ex-companheiro de trabalhos), a quem nos prendem laços de sympathia e fraternal estima.

S. M.

**A reforma do ensino pharmaceutico**—(Continuado do n.º 5, pag. 100). — O pharmaceutico nunca deve empregar um corpo qualquer, simples ou composto, sem que lhe conheça perfectamente as propriedades, o que só se pôde conseguir com um aturado estudo e applicação, e para isto se alcançar, é preciso que homens doutos dirijam nos seus estudos, pelo tempo, pelo modo, e nas condições exigidas pela reforma do ensino da nossa sciencia. Não é só pela pratica que taes conhecimentos se podem adquirir; é necessario que ella seja auxiliada com estudos especiaes e proprios a cada um dos elementos com que tem de se manobrar.

É triste confessar-se, mas é a verdade, que as disciplinas exigidas ao alumno de pharmacia, no nosso paiz, para fazer o seu exame final, são tão deficientes e limitadas, e m

relação dos progressos constantes da sciencia, que é para admirar e louvar como um grande numero de pharmaceuticos, desajudados do largo ensino official, conseguem acompanhar o desenvolvimento da sua especialidade.

Mas, se, apesar d'este esforço pessoal, alguns dos cavalheiros que o empregam ainda ficam áquem dos seus collegas de outros paizes,— e citaremos para exemplo: a Allemanha, a Inglaterra, a França e a Hespanha—, este facto mostra aos governos que é tempo de olhar com attenção para a nossa classe, nõ que se prestará um grande serviço ao paiz. No entretanto, nõ podemos deixar de confessar que ha pharmaceuticos portuguezes, que pelo estudo e intelligencia chegaram a assenhorear-se de tudo quanto é preciso, para bem se conhecer e praticar a pharmacia. Isto, porém, são excepções que nõ podem servir de invalidar o principio da necessidade de reformar o ensino da nossa sciencia.

O que é urgente e necessario é que elle assente sobre bases solidas, e que só possa obter o diploma quem souber bem a sciencia especial que professamos, comprehendidas as ligações com as mais sciencias accessorias. Tudo quanto temos dito e continuaremos a afirmar sobre este assumpto, tem por base factos verdadeiros e que todos os dias se presenciavam.

Estes factos estão sujeitos a serem impugnados, como todos os que são citados; mas o que jámais se conseguirá, por mais habil que seja o impugnador, é destruir os seus effeitos. E a razão é simples.

A verdade é só uma, e, analysada perante a philosophia e a logica, imprime-se no nosso espirito, por fôrma tal, que nenhuma argumentação a poderá obscurecer e negar.

E, se a nossa causa nõ é justa, humanitaria e de credito para o paiz, como se pôde conceber que espiritos elevados e distinctos a proclamem e advoguem?

Quem será capaz de dizer que o dr. Costa Simões nõ foi levado pelas causas que apontamos, a sustentar a nossa causa, que é tambem a do interesse de todos?

Se esta auctoridade não fosse sufficiente para comprovar o que deixamos exposto, tinhamos ainda a reforçal-a a opinião das escolas medico-cirurgicas de Lisboa e Porto e ultimamente a da faculdade de medicina, pedindo que se reforme o ensino pharmaceutico.

A pharmacia necessita sair do cahos em que está e de ser impellida, pelos progressos da época, para fóra do campo das duvidas e do retraimento em que a tem conservado. E se para isto se conseguir, é necessario mostrar ao publico e aos governos que não é ella uma profissão subalterna, como diz a faculdade de medicina no seu relatorio, mas sim uma sciencia technica, com vida propria, e que precisa ensino regular, não seremos nós que deixaremos de empregar estes meios, sempre que para isso tivermos ensejo, já que tanto teem olvidado este elemento importante de conservação da vida e da saude.

Realmente, quando as condições actuaes da nossa vida social, dos seus novos conhecimentos, são completamente diferentes do que eram em 1836 e 1854, épocas em que a pharmacia soffreu uma pequena reforma, não deve esta continuar a regular o seu ensino por leis antigas, sem que haja um grande disequilibrio scientifico com as sciencias com que ella está relacionada.

É indispensavel que a classe pharmaceutica seja considerada como um dos elementos primordiaes do bem estar da humanidade e que a livrem de todos os defeitos que a subjagam, o que facilmente pôde conseguir-se, dando-lhe instrucção; e podem estar certos de que os fructos colhidos pelo paiz d'esse pequeno sacrificio hão de compensar largamente em beneficios e vantagens.

Se isto assim não fosse, o benemerito dr. Costa Simões, cujas qualidades são bastante conhecidas, nunca teria pedido que se reformasse o ensino do nosso curso.

Foi o primeiro membro da faculdade de medicina, segundo suppomos, que fallou n'aquelle assumpto, e felizmente as suas palavras foram attendidas pela universidade.

Temos a prova no relatorio que já conhecemos e apre-



ciámos, e que foi feito por um medico tambem de reconhecido talento, e que não carece dos nossos elogios, porque os seus valiosos trabalhos são bastante conhecidos: referimo-nos ao professor Augusto Rocha.

Podiamos desenvolver mais os nossos principios, mas julgamol-o desnecessario porque deve estar sufficientemente demonstrado que a pharmacia é uma sciencia importante e que necessita de uma reforma completa no seu ensino.

Sobre a segunda proposição, que apresentamos, tambem podiamos dizer muito, mas basta recordar que a sociedade pharmaceutica lusitana, na qualidade de representante da classe, tem, durante um grande numero de annos, pedido ao parlamento que melhore o ensino da nossa sciencia. Não a teem attendido; mas a culpa não lhe pôde ser imputada, devendo recair sobre aquelles a quem compete melhorar e aperfeiçoar este especial e interessante ramo das sciencias medicas.

(Continua)

F. DE CARVALHO.

**Queda desastrosa.**—O sr. Sousa Telles, illustrado ex-presidente da sociedade pharmaceutica e mui digno provedor dos estudos da camara municipal de Lisboa, caiu, ha um mez, d'um elevado muro de suporte da Avenida, fracturando a clavícula esquerda. Sua ex.<sup>a</sup> está actualmente em via de completo restabelecimento, o que muito estimamos, por que, além de sermos um dos numerosos admiradores do seu espirito lucido e variadamente culto, devemos-lhe muitas provas de estima.

S. M.

**Partidos pharmaceuticos.**—Estão a concurso os seguintes:—Um de Barrancos, por 60 dias, a contar de 2 do corrente, com o ordenado annual de 60\$000 réis (!); —Um de Villa Nova de Ourem, por 20 dias, a contar de 5 do corrente, com o ordenado annual de 400\$000 réis e residencia na freguezia da Freixianda.

## PEÇAS OFFICIAES

## Extracto das actas das sessões

SESSÃO DE 27 DE ABRIL DE 1886—Presidencia do sr. commendador  
JOSÉ TEDESCHI

Abriu-se a sessão ás 8 horas da noite.

Foram lidas e approvadas as actas das sessões de 30 de março e 13 d'abril.

O sr. *Primeiro secretario* (Silva Machado) leu a correspondencia que teve o devido destino.

O sr. *Francisco de Carvalho* pediu escusa do logar de membro da commissão de pharmacia para que tinha sido eleito na ultima sessão.

Foi concedida, depois do sr. presidente ter instado com o sr. Carvalho para desistir de tal pedido.

O sr. *Coelho de Jesus* disse que, tendo visto no ultimo numero do nosso jornal, no extracto da acta de 9 de dezembro de 1885, um periodo que se refere desfavoravelmente a elle orador, pedia ao sr. Silva Machado, que o accusava, explicasse o sentido das suas palavras.

O sr. *Machado* respondeu que n'aquella sessão, forçado pelas accusações injustas que o sr. Coelho de Jesus lhe havia feito, tinha effectivamente proferido as phrases que desgostavam o sr. Coelho de Jesus.

Que o ponto principal d'essa arguição era o sr. Coelho de Jesus, quando exerceu o cargo de 1.º secretario, ter-se servido, sem auctorisação, do carimbo da Sociedade n'uns impressos particulares d'um socio.

O sr. *Presidente*, dando explicações sobre o incidente, lembrou a conveniencia de se dar por findo este assumpto.

O sr. *Coelho de Jesus*, dando-se por satisfeito com as explicações apresentadas pelo sr. Machado, manifestou o desejo de que se mencionasse este facto na acta.

## ORDEM DA NOITE

O sr. *Antonio Manuel Augusto Mendes* começou por la-  
Nona serie—Anno de 1886.

mentar que, tendo-se dado para ordem da noite um assumpto tão importante, comparecessem tão poucos socios.

Fallou em sentido favoravel á proposta do sr. Pratas e mostrou desejar que ella fosse mais ampla.

O sr. *Xavier da Silva* disse que seria melhor nomear-se primeiro uma commissão para dar parecer sobre a proposta e indicar o meio de a levar a effeito, affigurando-se-lhe todavia de difficil realisação.

O sr. *Pratas* disse que não deseja que se nomeie uma commissão para dar parecer, mas sim para proceder contra os intrusos que manipulam e vendem medicamentos com grave prejuizo da saude publica e dos interesses da classe pharmaceutica.

O sr. *Cunha*, corroborando o que havia exposto o sr. Pratas, disse ser necessario empregar todos os meios a fim de evitar os abusos que se commettem, taes como o de alguns droguistas, que indicou, aviarem formulas pharmaceuticas.

O sr. *Fragoso*, disse, que apesar de conhecer que a proposta do sr. Pratas é boa, a julga todavia inexequivel, pois vê n'ella graves embarços.

Que para se proceder contra os droguistas e outros, seria necessario muito dinheiro para se lhes promoverem os respectivos processos, e que o cofre da Sociedade talvez não podesse fazer face a essas despesas.

Fallou largamente sobre o assumpto, mostrando os inconvenientes que se podem dar, e terminou dizendo que lhe parecia melhor para os interesses da classe a organização d'uma companhia pharmaceutica, como já em tempo se tinha projectado, do que sustentar uma lucta como esta.

O sr. *Cunha*, disse que não receiava os inconvenientes que o sr. *Fragoso* apontava, pois a commissão ia proceder em face da lei e pedia apenas a execução d'ella, não sendo necessario para isso gastar muito dinheiro. Terminou estranhando que o sr. *Fragoso* temesse e defendesse tanto os droguistas.

Fallaram no mesmo sentido, os srs. Mendes, Coelho de Jesus e Pratas, dizendo este senhor que o assumpto a seu vêr não tinha discussão, por isso se abstinha de entrar n'ella, instando para que se nomeasse a commissão como indicava na sua proposta.

O sr. *Fragoso* disse que não defendia o procedimento dos droguistas, pois diversas vezes se tem referido a elles desfavoravelmente no seu jornal a *Gazeta de Pharmacia*, deseja porém que o assumpto seja primeiramente estudado por uma commissão, pedindo para que d'ella façam parte o auctor da proposta e os srs. Coelho de Jesus e Pedro Fernandes da Cunha, para entrar depois na apreciação do resultado dos trabalhos da referida commissão.

O sr. *Primeiro secretario*, fallando a favor da proposta, desejou que ficasse resolvido se as despesas a fazer seriam por conta do cofre da Sociedade ou por quotisação especial entre os socios.

O sr. *Pratas* disse que deveria ser a Sociedade quem satisfizesse as despesas que houvesse a fazer.

Não havendo mais nenhum socio inscripto para fallar sobre este assumpto, foi votada e approvada a proposta do sr. Pratas.

Tiveram primeira leitura duas propostas para socios.

O sr. *Fragoso* propoz que se consignasse na acta um voto de louvor aos pharmaceuticos nossos consocios que faziam parte da commissão do regimento de preços pela maneira digna e levantada como procederam, demittindo-se da referida commissão em vista das exigencias menos regulares da Junta consultiva de saude publica.

Foi approvado unanimemente, e que se lhes officiasse n'esse sentido.

Encerrou-se a sessão, eram 11 horas da noute.—O 2.º secretario, *Francisco José Malato*.

## CHIMICA

## Nova reacção da digitalina

PELO PHARMACEUTICO LAFON

Tratando uma insignificante quantidade de digitalina por uma mistura de acido sulfurico e alcool (acido sulfurico puro uma parte, alcool uma parte) e adicionando-lhe umas gotas de perchloreto de ferro, desenvolve-se uma bella còr azul esverdeada, que persiste por algumas horas.

As condições mais favoraveis para operarmos são:  
empregar uma pequenissima quantidade de digitalina;  
humedecer a substancia com pequenissima quantidade da mistura de acido sulfurico e alcool;  
aquecer ligeiramente até apparecer uma coloração amarella;

ajuntar-lhe, finalmente, umas gotas de perchloreto de ferro diluido.

A reacção vae-se accentuando com o arrefecimento. É muita intensa, quando se opera sobre um milligramma de substancia, e apresenta-se ainda nitida com um decimilligramma.

Esta reacção deu bom resultado com as diversas especies de digitalina francezas, Nativelle, Duquesnel, Mialhe, Homolle e Quevenne, ao passo que foi sempre negativa com certos productos de origem estrangeira, e nomeadamente com duas especies de digitalina de Merck (Darmstadt), uma designada com o nome de *digitalina crystallizada*, e a outra com o de *digitalina pura pulverizada*.

Como se sabe, a morphina em presença do perchloreto de ferro produz uma coloração do mesmo genero, sendo para isso indispensavel que o soluto esteja neutro.

Nas condições indicadas acima, isto é, n'um meio acido, a morphina não produz coloração pelo tratamento como o perchloreto de ferro.

A digitaleina, que é, segundo a opinião de Nativelle, uma mistura complexa, incompletamente privada de digitalina colora-se levemente.



As reacções de coloração produzidas pelo acido chlorhydrico concentrado e pelo acido sulfurico apresentam egualmente, com estes diversos productos, diferenças notaveis.

#### I — ACÇÃO DO ACIDO CHLORHYDRICO CONCENTRADO

- 1.º Digitalina crystallisada (Nativelle)—coloração verde.
- 2.º Digitalina crystallisada (Duquesnel)—coloração verde.
- 3.º Digitalina crystallisada (Mialbe)—coloração verde.
- 4.º Digitalina crystallisada (Merck)—insensivel.

#### II — ACIDO SULFURICO CONCENTRADO

- 1.º Digitalina crystallisada (Nativelle)—coloração pardo-escuro.
- 2.º Digitalina crystallisada (Duquesnel)—coloração pardo-escuro.
- 3.º Digitalina crystallisada (Mialhe)—coloração pardo-escuro.
- 4.º Digitalina crystallisada (Merck)—coloração vermelho intenso.

As solubilidades no chloroformio são tambem diferentes, como se mostra em seguida:

- 1.º Digitalina Nativelle — 100 gr. de chloroformio, dissolvem 20 gr. de digitalina (o residuo chloroformico apresenta uma alvura notavel; á vista desarmada distinguem-se crystaes de digitalina). Este producto pareceu ao operador ser o mais puro de todos aquelles que foram ensaiados.
- 2.º Digitalina Duquesnel—100 gr. de chloroformio, dissolvem 16 de digitalina.
- 3.º Digitalina Merck, de Darmstadt—100 gr. de chloroformio dissolvem 0,8<sup>o</sup> 16 de digitalina.

Os srs. Laborde e Duquesnel demonstraram n'um trabalho recente<sup>1</sup> que as diferenças entre estes productos, considerados physiologicamente não são menos notaveis.

S. M.

<sup>1</sup> *La digitaline des hospitaux de Paris.*

## Caracteres chimicos das diversas especies de digitalina

PELO PHARMACEUTICO LAFON

I.—Lê-se geralmente nos diversos tratados de toxicologia, que ha duas especies de digitalina: uma conhecida pela designação de digitalina franceza, a segunda pela designação de digitalina allemã. Pareceu-nos interessante investigar qual dos dois productos possui as propriedades da digitalina indicadas no Codex.

II.—Fizemos as nossas experiencias simultaneamente com digitalina crystallisada de Nativelle, com as digitalinas crystallisada e amorpha de Homolle e Quevenne, com as digitalinas crystallisada e amorpha de Duquesnel, e com a digitalina crystallisada de Mialhe. Por outro lado, repetimos os mesmos ensaios sobre tres productos vendidos pela casa Merck, de Darmstadt—digitalina amorpha, digitalina crystallisada e digitoxina.

Depois de muitas experiencias, verificámos que todos os productos de origem franceza, quer amorphos quer crystallisados, são completamente soluveis no chloroformio, pouco soluveis no ether, insoluveis na benzina, e que, tratados pelo acido chlorhydrico concentrado, adquiriam coloração verde.—Sabe-se que estes caracteres são indicados pela pharmacopéa franceza para os ensaios da digitalina.

—Os productos allemães, conhecidos com os nomes de digitalina amorpha e de digitalina crystallisada, são pelo contrario insoluveis no chloroformio, e não manifestam nenhuma reacção, quando tratados pelo acido chlorhydrico concentrado.

Lembramos que em junho do anno proximo passado indicámos uma reacção muito sensivel e muito caracteristica da digitalina franceza <sup>1</sup>. Nós haviamos verificado, effectivamente, que as digitalinas de origem franceza adquiriam uma magnifica coloração azul-esverdeado, persistente, pela

<sup>1</sup> Vid. o artigo *Nova reacção da digitalina*, pag. 124.

acção do acido sulfurico alcoolisado e de umas gotas de perchloreto de ferro.—Não conseguimos nunca obter com os dois productos de Merck, vendidos com o nome de digitalina; esta reacção (que reproduzimos sobre todos os preparados com base de digital: tinctura, extracto, macedado)—A digitoxina de Merck, pelo contrario, cujo preço é de 40 francos o gramma, e que na Allemanha é considerada por certos auctores como o principio mais activo da digital, apresenta porém todos os caracteres da digitalina franceza; possui effectivamente as propriedades seguintes:

- 1.º completamente soluvel no chloroformio;
- 2.º difficilmente soluvel no ether, insoluel na benzina;
- 3.º tratada pelo acido chlorhydrico, adquire coloração verde;
- 4.º tratada pelo nosso reagente, adquire magnifica coloração azul-esverdeado.

III.—Depois de uma averiguação minuciosa, podêmo-nos certificar que existe no commercio francez uma grande quantidade de productos vendidos com os nomes de digitalina amorpha, de digitalina crystallisada, de granulos de digitalina, que não conteem vestigios de *digitalina*.

Estes productos não teem geralmente marca de fabrica; comportam-se, em presença dos reagentes chimicos, d'uma maneira identica aos que recebemos de casa do sr. Merck, de Darmstadt.

IV.—Concluimos das nossas pesquisas que a digitoxina do sr. Merck é a mesma cousa que a digitalina franceza: este producto é para nós identico á digitalina do sr. Nativelle, differencando-se apenas em ser amorpho e d'uma coloração amarella. O producto vendido pelo sr. Merck, com o nome de digitalina, não é a digitalina no sentido proprio da designação franceza, por isso que não possui nenhum dos caracteres indicados pelo nosso *Codex*. Não deveria haver mais, sob o ponto de vista medico, duas qualidades de digitalina, da mesma maneira que não ha duas qualidades de morfina ou de quinina.

O que fica exposto explica, sem duvida, as contradicções

que assignalam diferentes auctores, relativamente á acção physiologica da digitalina. — Nós encontrámos as mesmas contradicções, depois de longas pesquisas, que emprendemos para fazer o estudo toxicologico da digitalina.

S. M.

## FORMULARIO

### Cylindros d'iodoformio

DE VULPIUS

Gelatina pura .....	15,0
Agua .....	50,0
Glycerina .....	7,5
Iodoformio em pó fino .....	27,0

Dissolve-se a gelatina na agua e glycerina a banho maria, e deixa-se evaporar o soluto até reduzir a 54 grammas; adiciona-se o iodoformio, agitando a massa para que fique homogenea. Introduce-se esta ainda quente em fôrma (*lingoteira*) analoga á que se usa para moldar o azotato de prata fundido. A fôrma deve ser previamente aquecida e fazer-se esfriar; logo que se introduza a massa, immergindo-a em agua gelada. A celeridade do arrefecimento é indispensavel para que o iodoformio não se deposite.

Os cylindros que se obtem devem ser collocados em lugar fresco e claro, onde serão conservados até que estejam reduzidos a um terço do seu peso primitivo. São então molles e flexiveis.

Usam-se com vantagem no tratamento das fistulas.

Ext. do jornal *Nouv. Rev.*

### Preparados de iodol

O iodol é um corpo anesthesico e cicatrisante; tem além d'isso propriedades anti-putridas muito pronunciadas. Para o empregar reduz-se a pó muito fino e applica-se sob a fôrma de soluto, de pomada, etc.

## SOLUTO

Iodol .....	3 gr.
Alcool.....	35 »
Glycerina .....	65 »
Dissolva.	

## POMADA

Iodol.....	2 gr.
Vaselina.....	30 »

## Misture.

(Ext. do Rép. de Ph.)

### Soluto de cafeina para injeção hypodermica

A cafeina é muitas vezes prescripta em solução para injeção hypodermica; porém, como este alcaloide é insolúvel na agua, é indispensavel a addição d'uma substancia que o dissolva. Tanret aconselha o *modus faciendi* seguinte:

Benzoato de soda.....	2 <sup>gr</sup> ,95
Cafeina.....	2 <sup>gr</sup> ,50
Agua distillada.....	10 cent. cub.

Mist. n'um gral a cafeina com o benzoato de soda e ajunte a agua distillada. A solução opera-se immediatamente. Filtre.

Tem-se tambem aconselhado o emprego do salicylato de soda em lugar do benzoato, mas a alteração d'aquelle é tão sensivel que bastam pequenos vestigios de ferro para o liquido se tornar rosado.

S. M.



## BIBLIOGRAPHIA

**Nota dos trabalhos do pharmaceutico portuguez sr. Roberto Duarte Silva, chefe do laboratorio de analyse geral da escola central das artes e manufacturas, professor d'analyse chimica na escola de physica e chimica industrial de Paris.**

(Continuado de pag. 117)

**V — PRODUÇÃO DE UM CERTO NUMERO DE HYDROCARBONETOS AROMATICOS PELO METHODO GERAL DE SYNTHESE DOS SRS. FRIEDEL E CRAFTS**

O auctor obteve e descreveu, entre outros hydrocarbonetos, dois cumenas, o cymena, o dibenzylo, um methyl-di-phénylméthana, dois phénylpropanas isomericos, etc. etc. (*Comptes-rendus*, T. LXXXIX, pag. 606 a 608; *Bulletin de la Société Chimique*, T. xxxvi, pag. 25; XLIII, pag. 317 etc. etc.)

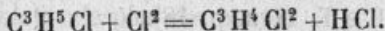
Além dos trabalhos acima mencionados, o auctor executou outros não menos importantes, de collaboração com o sr. Friedel, dos quaes damos em seguida a summula.

I — *Sobre diversos compostos do grupo em C<sup>3</sup>.* (*Bulletin de la Société Chimique*, 2<sup>e</sup> série, T. XIII, pag. 484; T. xv, p. 4 e 6; T. xvi, p. 3; T. xvii, p. 98, 193, 386, 352, 527; T. xviii, p. 7, 50; T. xx, p. 98; *Comptes-rendus de l'Académie des sciences*, T. LXXIII, p. 955, 1379; T. LXXIV, p. 805, T. LXXV, p. 81; T. LXXVI, p. 4594; *Association française pour l'avancement des sciences. Session de Bordeaux*, p. 375.)

Annuncia-se n'estas memorias:

(1) A produção d'um chlorobrometo de propylena, obtido na acção do brometo mercurico sobre o chloreto de propylena.

(2) A formação de dois propylenas bichlorados pela acção do chloro sobre o propylena mono-chlorado, na obscuridade:



(3) A producção do methylchloroacetachlorado pela acção do chloro sobre o mesmo propylene mono-chlorado.

As duas reacções precedentes mostram um facto notavel: actuando sobre o propylene mono-chlorado, na obscuridade, o chloro ataca a molecula por substituição, ao passo que na claridade, combina-se com ella por fixação.

(4) A producção simultanea de dois isomeros da formula  $C^3 H^6 Cl^2$  fazendo actuar o chloro sobre o chloreto de isopropyla.

Foi esta a primeira vez que se verificou, na serie gorda, a formação de dois isomeros, em uma mesma acção chimica, sobre um corpo unico.

(5) A producção d'um unico chloreto,  $C^3 H^6 Cl^2$ , fazendo actuar o protochloreto d'iodo sobre o mesmo chloreto de isopropyla.

(6) A existencia de tres propylenas bichlorados,  $C^3 H^4 Cl^2$ , formando-se dois na reacção do chloro sobre o propylene mono-chlorado e da potassa sobre o methylore acetochlorado; resultando dois outros, sendo um diferente dos precedentes, da acção da potassa sobre a trichiorhydrina.

(7) Formação d'um dos tres propylenas bichlorados precedentes na acção do oxychloreto de phosphoro, ou do anhydrido phosphorico sobre a dichlorhydrina.

(8) A producção de muitos derivados ethereos e bromados d'estes propylenas bichlorados.

(9) A synthese total da glycerina, produzindo o trichlorhydrico  $C H^2 Cl. C H Cl. C H^3 Cl$ , pela acção do protochloreto de iodo sobre o chloreto de propylene ordinario e saponificando em seguida a trichlorhydrina assim obtida.

(10) A acção do bromio sobre o chloroformio e formação do chloro-brometo de carbonio  $C. Cl^3 Br$ .

II — *Estudos sobre a pinacone e sobre a pinacolina; novo alcool terciario e methodo geral de preparação d'uma serie de alcooes terciarios; um isomero do acido valerico.*

(*Bulletin de la Société chimique*, 2.<sup>a</sup> serie, T. XIX, p. 98, 146, 289, T. XX, p. 50; T. XXI, p. 98; *Comptes-rendus*, T. LXXVI, p. 226 e T. XXVII, p. 48).

(1) Hydrogenação da pinacolina e formação d'um alcool terciario, o alcool pinacolico, crystallisavel e fuzivel a  $+ 4.^\circ$

(2) Oxydação do alcool pinacolico: regeneração da pinacolina.

(3) Oxydação da pinacolina e formação d'um acido solido e crystallisavel isomericico com o acido valerico,  $C^5H^{10}O^2$ , e que é identico com o acido trimethylacetico do sr. Boutleraw.



Os trabalhos que ficam enumerados podem ser divididos em seis grupos:

O primeiro grupo compreende a formação da propylamina normal, as analyses das areias titaniferas de Cabo Verde, que o auctor foi o primeiro a noticiar, e factos relativos aos ammoniacos com base de amyla e á preparação do oxydo de triethylphosphina.

O segundo indica a producção d'um numero consideravel de combinações d'um alcool secundario, o primeiro na ordem chronologica, e cuja descoberta é devida ao sr. Friedel.

O terceiro compreende o estudo d'um hydrocarboneto com seus principaes derivados, estudos onde se acham consignados factos interessantes sobre a isomenia de compor com seis atomos de carbonio.

O quarto compreende factos assás importantes que conduziram o auctor a descobrir leis relativas á acção iodhydrica sobre os etheres; e, finalmente, a realisação da transformação de glicerina em alcool propylico de fermentação.

O quinto é relativo á producção synthetica de muitos hydrocarbonetos aromaticos, importantes, taes como o cumena, o cymena, o dibenzilo, phenylpropanas, etc.

O sexto grupo é relativo aos trabalhos do sr. Friedel, nos quaes tomou parte o auctor, e compreende factos cuja importancia não é preciso encarecer; não devendo porém

deixar de mencionar que entre esses trabalhos se acha a **SYNTHESE** total da glicerina e a descoberta d'um acido isomérico do acido valerico.

S. M.

### VARIEDADES

**Roberto Duarte Silva.** — Este nosso distincto collega acaba de alcançar na capital de França, onde reside, um novo triumpho.

O conselho da escola central classificou-o em primeiro logar entre distinctos concorrentes, e votou por unanimidade a seu favor.

O conselho de *Perfectionnement de l'Ecole*, composto de 20 votantes, deu-lhe 18 votos. O sr. Roberto Duarte Silva é, como se sabe, um chimico notabilissimo e auctor de trabalhos speciaes muito apreciados<sup>1</sup>.

S. M.

### O commercio das alfazemas e a sua distillação no massiço de Ventoux

POR M. HENRI LAVAL, PHARMACEUTICO

Na parte montanhosa do districto de Carpentras (Vaucluse) existe uma industria recente, que tem adquirido rapidamente direito a ser notada, graças á iniciativa d'alguns nossos compatriotas; quero fallar do commercio e da industria das alfazemas, no massiço de Ventoux.

Residindo proximo da região onde se exerce esta industria, desejo tornar publicos os esforços que se fizeram para a tornar prospera. Precederei a parte technica d'este trabalho d'um estudo sobre as alfazemas, dedicando-me, tratando d'este assumpto, a factos por mim verificados ou adquiridos de origens muito seguras.

O genero das alfazemas, que pertencem á familia das *Labiadas*, comprehende tres especies: *Lavandula Staechas*

<sup>1</sup> Vid. a Nota publicada na secção *Bibliographia*, pag. 110 a 117 do n.º antecedente, e pag. 130 a 133 d'este n.º.

(rosmaninho), *Lavandula vera* ou alfazema propriamente dita, *Lavandula spica*. Estas duas ultimas só se encontram no massiço de Ventoux.

*Caracteres da lavandula vera.*—Os caracteres botanicos estão indicados em todos os tratados que dizem respeito a este assumpto, e com muita precisão por M. de Lanessan; indicál-os-hemos em poucas palavras, seguindo-os do que é particular a esta planta no massiço de Ventoux. Os caules são quadrangulares, cujo comprimento varia entre 15 a 20 centímetros. As flores estão dispostas em espiga frouxa sustentada por um pedunculo comprido e dispostas em seis ou dez grupos, estando os mais inferiores separados dos superiores. Cada grupo é formado de duas cymeiras e cada uma formada pouco mais ou menos de tres flores; cada cymeira está situada na axilla d'uma bractea e cada flôr tem uma bractea na base. O calix tem cinco divisões, a corolla é tubulosa, de côr violeta, bilabiada, com cinco divisões; o labio superior tem duas divisões, o inferior tres. As folhas são oblongo-lineares e muito feludas em novas. A corolla, o calix, as bracteas, os pedunculos e as folhas são cobertos de pellos, dos quaes alguns luzidios e glandulosos. As flores exhalam, pela fricção, um aroma delicioso e possuem um sabor aromatico agradável.

A *lavandula vera* encontra-se no massiço de Ventoux, umas vezes com flores muito desenvolvidas e vivamente coradas, outras vezes pouco desenvolvidas e quasi brancas. Estes caracteres exteriores teem concorrido algumas vezes para dividir esta especie em muitas variedades, mas estas divisões não assentam em nenhum caracter botanico. Estas differenças no aspecto são devidas á natureza do solo e sobre tudo á altitude em que ella vegeta. Sabe-se, com effeito, que nos vegetaes, as especies se definham á medida que se approximam do limite da sua vegetação.

*Habitat d'esta alfazema.*—Começa a apparecer na vertente meridional do Ventoux, no limite da *azinheira*, isto é, a 700 metros d'altitude; nunca mais se vê quando apparece a *faia*, pouco mais ou menos 1:150 metros de altura.



Vegeta entre estas duas zonas de cultura com as plantas da mesma familia, taes como o tomilho, a segurelha, etc. cobrindo muito largas superficies designadas n'aquella região com o nome de *garrigues* (charnecas).

Na vertente norte do Ventoux, a alfazema encontra-se mais proxima da base do monte, começa a vegetar a 450 metros, mas desaparece mais baixo á medida que nos elevamos, e a 900 metros nunca mais apparece. N'este lado do Ventoux, não fórma zona particular, encontrando-se disseminada na região da *azinheira* e da *nogueira*, até á do *carvalho commum*.

*Caracteres da lavandula spica.*—Distingue-se da precedente pelas suas folhas mais largas no cimo, pelas ramificações mais numerosas do caule, pelo aroma das suas flores, que é mais activo do que o da *lavandula vera*, mas menos agradável.

*Habitat da lavandula spica.*—A altitude em que vegeta é menos elevada do que a da *lavandula vera*. Sobre a vertente meridional já não se encontra a mais de 700 metros e sobre a vertente norte não se encontra senão na base do monte.

As charnecas occupam no Ventoux uma superficie approximadamente de onze mil hectares, dos quaes oito mil pertencem ás communas e os restantes aos particulares.

As alfazemas são exploradas pelas suas flores, que são expedidas para a Allemanha e Oriente, onde se empregam como substancias aromaticas; são tambem submettidas á distillação, fornecendo uma essencia que é usada na perfumaria, ou pura, ou misturada com outras essencias.

*Usos medicos.*—Um pratico muito apreciado no nosso districto, o dr. Cavaillon, emprega, ha muitos annos, esta essencia em fricções, em todas as affecções superficiaes dos musculos e dos nervos. Tambem tem dado excellentes resultados nas dôres proteiformes e generalisadas das mulheres nevropathicas, sobretudo quando ha relação entre a nevrose e as duas edades extremas da vida feminina: puberdade e menopausa. Emprega-se tambem na cura das feridas,

sendo superior ao acido phenico, principalmente na primeira parte do tratamento que segue a operação do cancro.

Esta essencia possui ainda uma acção adstringente, hemostatica, que elle aproveita com vantagem em certas doencas uterinas.

*Propriedades das lavandulas vera e spica.*—Indicando mais adiante as propriedades d'estas essencias, não pretendemos fazer um trabalho que nos seja pessoal. O estudo d'estas essencias tem sido feito por pessoas competentissimas, e se indicamos aqui, resumidamente, as propriedades d'ellas, é que, residindo n'uma região, centro da sua producção, e tendo alcançado amostras d'uma puresa indiscutivel, podémos verificar experiencias e registral-as d'uma maneira segura.

A essencia d'alfazema é ligeiramente amarella, muito fluida, d'um cheiro forte, sabor acre, aromatica, um pouco amarga. Rectificada, tem a densidade de 0,875; ferve a 186°, é pouco soluvel na agua, soluvel em todas as proporções no alcool a 86°, no ether, nos oleos fixos e volateis. Desvia á esquerda a luz polarizada e o desvio é de 3° 3'.

A essencia da *lavandula spica* tem a densidade de 0,96, o seu ponto de ebullicão é sensivelmente o da essencia da *lavandula vera*, o seu aroma menos suave. Tem uma ligeira tendencia a desviar á esquerda a luz polarizada; nos numerosos ensaios que temos feito a este respeito, este desvio nunca passou a 8'.

Esta maneira de comportar se no polarimetro, fornece o meio de se reconhecer a adulteração da essencia de *lavandula vera* pela da *lavandula spica*.

*Falsificação d'estas essencias.*—Estas essencias soffrem no commercio numerosas fraudes. Apparecem misturadas com alcool, oleos fixos e principalmente com essencia de terebinthina. Para reconhecer a presença do alcool, deitam-se n'um tubo graduado volumes eguaes da essencia suspeita e d'agua, e agita-se tudo a fazer uma mistura intima. Pelo repouso, a diminuição do volume d'essencia

indica sensivelmente a quantidade d'alcool que se juntou.

Um processo ainda mais seguro, consiste em agitar um volume determinado d'essencia com um fragmento de chloro de calcio secco. Este sal fica intacto, se a essencia é pura, e torna-se brilhante, amollece ou liquifaz-se se ella contem alcool.

A presença dos oleos fixos é facil de reconhecer; é bastante lançar algumas gottas de essencia suspeita em papel sem colla; a presença d'estas substancias estranhas é accusada por uma mancha persistente, que nem o tempo, nem o calor fazem desaparecer.

As falsificações da essencia d'alfazema pela essencia de terebinthina reconhecem-se distillando o oleo suspeito. A de terebinthina ferve a 156°, a d'alfazema a 186°; se houver essencia de terebinthina passará no refrigerante a uma temperatura inferior a 186°.

Preconisa-se em Grasse um processo rapido para reconhecer a presença da essencia de terebinthina na d'alfazema. Consiste em introduzir n'um tubo graduado 0,01<sup>cc</sup> d'essencia suspeita e 0,03<sup>cc</sup> d'alcool a 73°. Se a essencia é pura, permanece limpida, torna-se leitosa, pelo contrario, se está misturada ainda que seja com uma pequena quantidade de essencia de terebinthina. Tendo á minha disposição essencias, em cuja pureza tenho absoluta confiança, reconheci que este processo dá muitas vezes resultados inexactos; isto comprehende-se facilmente: a essencia d'alfazema é constituida por uma materia solida e resinosa, solavel no alcool, e d'um liquido hydro-carbonado. A quantidade de materia solida varia com o modo de fabrico da essencia e tambem com a qualidade da planta que a forneceu; é necessario por isso, para effectuar a sua dissolução no alcool, quantidades variaveis d'este liquido.

(Continua.)

A.

**A reforma do ensino pharmaceutico**—(Continuado do n.º 6, pag. 120). — Dissémos em o n.º 9, pag. 220 (março de 1885) que tinhamos escripto um artigo em con-

tinuação dos publicados na *Gazeta dos Hospitaes Militares*, e que para elle ser devidamente apreciado, nos viamos obrigados a transcrevel-os primeiro. A sua transcripção acabou em pag. 120, e agora segue o artigo a que acima nos referimos, modificado em harmonia com o jornal onde já o publicámos, assim como outros que depois escrevemos e que também transcreveremos do mesmo jornal.

A falta de espaço que se dava no nosso jornal, a importancia do assumpto que não permittia delongas sem prejuizo da causa que nós propozêmos defender, e a coincidencia do *Jornal do Commercio* transcrever o ultimo artigo, publicado em os n.ºs 5 e 6, precedendo-o de palavras bastante lisongeiras, animou-nos a pedir para n'elle advogarmos a nossa causa, o que nos foi concedido de boa vontade, e que aqui novamente agradecemos ao nosso talentoso amigo e collega do curso superior de letras, o sr. Christovão Ayres.

Como escrevemos n'um jornal, por assim dizer, estranho á classe, julgámos conveniente publicar o projecto que em 1875 foi apresentado ao parlamento, para se ver bem evidentemente os esforços que a classe tem empregado em favor da sua instrucção.

Podíamos quando chegassemos ao artigo em que está transcripto o projecto, cortal-o, e foi esta a nossa primeira idéa. Mas, depois, lembramo-nos que ha muitos collegas que não teem d'elle conhecimento, e aos quaes será de certo agradavel conhecel-o e saber que, membros distinctos da classe, não teem descurado a questão do nosso ensino, por isso resolvemos não fazer alteração alguma ao que a este respeito escrevemos.

Dados estes esclarecimentos, de certo indispensaveis, passamos a transcrever os nossos artigos.

Como se sabe pelos artigos anteriores, a lei que regula o ensino da pharmacia é deficiente e precisa ir, por assim dizer, ao cadinho do chimico para ser totalmente refundida e transformada em nova materia, em harmonia com os progressos da sciencia.

E a occasião parece-nos propria. O parlamento está aberto, e o governo, que se tem mostrado favoravel ao desenvolvimento da instrucção e da saude dos habitantes do paiz, não deve esquecer o ensino pharmaceutico.

É elle, de certo, da mais alta importancia, porque o seu estado actual é um descredito para o ensino das sciencias medicas, como declarou o distincto e respeitavel decano da faculdade de medicina, dr. Costa Simões, em pleno congresso universitario.

Com effeito, como pôde haver boa medicina, se um dos seus ramos, em vez de estar viçoso, se acha desfallecido, velho e improprio para produzir bom fructo!

Não pareça exagero o que dizemos da pharmacia.

A lei que regula o seu ensino (já de si acanhada) foi publicada em 1854 e conserva-se no mesmo estado. Esta falta não pôde ser attribuida aos meus collegas, nem ás escolas medico-cirurgicas de Lisboa e Porto, que ha muitos annos pediram aos governos melhoria de ensino para a sciencia que professamos.

A universidade de Coimbra tambem elaborou um projecto de reforma do ensino pharmaceutico, e n'elle diz bem terminantemente que crear entre nós uma faculdade de pharmacia não é objecto de mera phantasia, mas sim uma necessidade para o paiz; que a Allemanha tem os seus doutores em pharmacia, bem como a França e Hespanha, e que o estado da nossa pharmacia, comparado com o das outras nações, não pôde deixar de ser desfavoravel para o credito scientifico de Portugal, e, o que é mais, para as forças vitaes da nação.

Uma reforma completa, no ensino do nosso curso, ha de trazer incontestavelmente grandes beneficios para a industria, porque a chimica é a base da nossa sciencia; nasceu nos laboratorios pharmaceuticos e da classe pharmaceutica tem saído os seus maiores vultos.

Os serviços que a chimica pôde prestar ao paiz, desde o momento que o pharmaceutico tenha uma instrucção de-



envolvida, hão de ser importantes, e os sacrificios que se fizerem largamente recompensados.

E' mister attender que, no momento em que as mais nações da Europa se estão preparando para importarem o menos possivel do que careçam para o seu consumo, a fim de attenuarem a crise de trabalho que em quasi todas ellas se está manifestando por fôrma bem sensivel, entre nós se não pôde descurar este acontecimento, e que se deve attender muito ao auxilio que a pharmacia pôde prestar.

Mas para isto se obter é necessario que o seu ensino seja melhorado, sem o que, o paiz bastante pôde perder.

O conselho de instrucção publica está presidido por um professor tão distincto, douto, intelligente e competente para avêliar as nossas palavras, que, se soubessemos que as lia, ousavamos chamar a sua attenção para este assumpto e recommendal-o ao seu saber.

Referimo-nos ao sr. conselheiro Jayme Constantino de Freitas e Moniz, director da secretaria da camara dos deputados e do curso superior de letras, de quem tivemos a honra de ser discipulo e de ouvir as suas brilhantes conferencias que teem sido um poderoso auxilio para elevar o nivel scientifico d'aquelle estabelecimento d'ensino superior, que já hoje gosa de justos creditos.

E pondo a sociedade pharmaceutica lusitana nas suas mãos, a nossa causa, que é tambem da humanidade, affigura-se-nos que não poderá entregal-a a advogado mais habil e mais competente, para a defender e resolver.

Vamos concluir repetindo o pedido que fizemos n'outro jornal, aos que se interessam pelo desenvolvimento do paiz, que nos auxiliem n'esta lucta, que tem por objectivo a completa educação profissional do pharmaceutico portuguez. porque este illustrando-se ha de necessariamente contribuir para o desenvolvimento da nação.

(Continua)

F. DE CARVALHO.

## PECAS OFFICIAES

Representação dirigida pela mesa da sociedade pharmaceutica lusitana ao sr. ministro do reino, chamando a attenção de sua ex.<sup>a</sup> para um abuso praticado em Leiria, em virtude do qual um praticante pharmaceutico pretende ser admittido a exame de pharmacia sem ter a pratica que a lei exige.

Ill.<sup>mo</sup> e ex.<sup>mo</sup> sr. — Havendo sido informada a mesa da Sociedade Pharmaceutica Lusitana de que um aspirante a pharmaceutico pretende obter uma portaria que lhe permita o fazer exame vago em qualquer das escolas medicas, para o que justificou administrativamente alguns annos de pratica, que disse ter obtido na pharmacia de José de Paiva Cardoso, de Leiria, e demonstrando-se pelos documentos juntos que elle só ali praticou desde 4 de outubro de 1881 até 13 de outubro de 1883, dando-se mais a circumstancia do pharmaceutico Cardoso negar terminantemente que elle ali tivesse começado a praticar em data anterior ou que o tivesse feito n'outra pharmacia, como o prova a propria declaração por elle feita no acto de se inscrever no livro de registro, vem mui respeitosa e humildemente pedir a v. ex.<sup>a</sup> que se sirva tomar conhecimento do facto, que offerece alguma gravidade. Se a lei só permite justificações administrativas de pratica pharmaceutica no caso de fallecimento do pharmaceutico, ou quando este se tenha esquecido de dar a respectiva participação para as escolas, não se deve permitir que ella seja sophismada com prejuizo d'aquelles que se vêem na dura necessidade de a cumprir. E a mesa da Sociedade Pharmaceutica Lusitana, aproveitando a oportunidade, lembra a v. ex.<sup>a</sup> o quanto seria motivo de satisfação para os pharmaceuticos do paiz se v. ex.<sup>a</sup> reformasse radicalmente o ensino de pharmacia, que se encontra no mais deploravel abandono.

Em paiz algum da Europa elle é tão mesquinho, e o ministro que o reformasse praticaria um dos actos que mais exalçaria a sua carreira de homem publico.

A mesa da Sociedade Pharmaceutica Lusitana, confiando em extremo nos elevados dotes d'espírito que ornam a pessoa de v. ex.<sup>a</sup> e na justiça com que v. ex.<sup>a</sup> costuma sempre proceder, espera merecer da parte de v. ex.<sup>a</sup> a sua esclarecida attenção para os assumptos que expõe.

Lisboa, sala das sessões da Sociedade Pharmaceutica Lusitana 2 de agosto de 1886.—O presidente, *José Tedeschi*.—O 1.<sup>o</sup> secretario, *Alfredo da Silva Machado*.—O 2.<sup>o</sup> secretario, *Francisco José Malato*.

### Extracto das actas das sessões

SESSÃO DE 11 DE MAIO DE 1886.—Presidencia do sr. commendador  
JOSÉ TEDESCHI

Abriu-se a sessão ás 9 horas da noite.

Feita a leitura da acta, trocaram-se explicações entre o sr. José Bento e 2.<sup>o</sup> secretario.

O sr. 1.<sup>o</sup> secretario (*Silva Machado*) leu a correspondencia que teve o devido destino.

Procedeu-se á eleição da commissão proposta pelo sr. Pratas: sendo eleitos os srs. Pratas, Pedro Fernandes da Cunha e José Bento Coelho de Jesus.

O sr. *Coelho de Jesus*, disse que não aceitava o cargo para que acabava de ser eleito, pelos seus affazeres não lh'ó permittirem.

Foram eleitos socios os srs. Filippe de Mattos Miranda e Antonio Rosado Caeiro, de Reguengos, este correspondente e aquelle effectivo.

Encerrou-se a sessão eram 10 horas e meia da noite.—O 2.<sup>o</sup> secretario, *Francisco José Malato*.

SESSÃO DE 8 DE JUNHO DE 1886—Presidencia do sr. commendador

JOSÉ TEDESCHI

Na ausencia dos 1.º e 2.º secretarios o sr. presidente convidou o sr. Emilio Fragoso e Pratas para occuparem os respectivos logares. Achando-se a mesa assim constituida, e havendo na sala numero legal para poder funcionar, foi declarada, pelo sr. presidente, aberta a sessão, eram 9 horas da noite.

Teve a palavra o sr. 1.º secretario para ler a correspondencia e entre ella havia uma consulta do socio o sr. Francisco Porphirio Albano Gonçalves sobre se uma pharmacia poderia ser classificada como casa commercial para os effeitos dos artigos 218.º e 219.º do codigo do commercio.

O sr. *Presidente* disse que a commissão de direito pharmaceutico já tinha elaborado o seu parecer, visto o sr. Gonçalves ter pedido a sua urgencia e mandou fazer a sua leitura; finda que foi, pediu á assembléa se dispensava o regimento para que podesse entrar immediatamente em discussão.

Pediu a palavra o sr. Xavier e declarou que concordava plenamente com o que o sr. presidente acabava de ponderar á assembléa. Como nenhum socio impugnasse o pedido do sr. presidente foi posto á discussão o parecer da commissão de direito pharmaceutico; sobre a sua doutrina e redacção não houve inscripção de socios, sendo finalmente approved, por unanimidade, que se lhe desse o devido destino.

Como a primeira parte da noite era — eleição de um membro para a commissão proposta pelo socio Pratas — o sr. presidente suspendeu a sessão por cinco minutos para a confecção das listas, findos os quaes se procedeu á chamada para a votação, verificando-se terem entrado na urna um numero de listas egual ao dos socios presentes. Escrutinando-se, a eleição recaiu no sr. Terceiro, por unanimidade.

O sr. *Presidente* participou á assembléa que tinha, em

nome da mesa, visitado o sr. Sousa Telles o qual se acha melhor.

O sr. dr. *Alves* pediu á mesa para que fosse visitado o sr. José Gabriel de Sousa e Silva que está doente.

O sr. *Emilio Fragoso* pediu que se mencionasse na acta que esta assembléa se rejubila pela nomeação dos nossos collegas os srs. José Gomes de Mattos, Dias Salgueiro, e Alegria, aquelles para directores da repartição de contrastaria e este para thesoureiro da Penitenciaria de Lisboa. — Assim se resolveu.

Não havendo mais que tratar o sr. Presidente deu para ordem da sessão seguinte — propostas — pareceres de commissões — e levantou a sessão eram 10 horas da noite. — O socio, servindo de 2.º secretario, *Silva Pratas*.

---

SESSÃO DE 30 DE JUNHO DE 1886 — Presidencia do sr. SILVA MACHADO  
1.º secretario

Secretarios — Emilio Fragoso, J. A. Vaz Leirinha.

Estando presente numero legal de socios, abriu-se a sessão ás 8 horas e meia da noite.

Lida a acta da sessão antecedente foi approvada.

A correspondencia teve o devido destino.

O sr. *Gomes de Mattos*, agradeceu á sociedade as felicitações recebidas por ter sido nomeado ensaiador-director da contrastaria de Lisboa.

Foi lido um officio do sr. Nunes Freire Dias Salgueiro, do Porto, agradecendo as manifestações de apreço que a sociedade lhe dirigiu, por ter sido nomeado ensaiador-director da nova contrastaria do Porto.

O sr. *Silva Machado*, presidente, participou á sociedade o fallecimento do nosso consocio Joaquim Sant'Anna Machado Figueira, fazendo-se a mesa representar no prestito funebre.

O sr. dr. *Alves* pediu que se officiasse á commissão de direito pharmaceutico para que dê parecer á proposta apre-



sentada por s. ex.<sup>a</sup>, relativa a preços de medicamentos, o que em tempo foi submettida ao exame da mesma comissão.

O sr. *Presidente* interrompeu a sessão por cinco minutos para se proceder á eleição da comissão revisora de contas.

Reaberta a sessão e corrido o escrutínio, verificou-se terem sido eleitos os seguintes socios: José Antonio Barreiros, Antonio Manuel Augusto Mendes e Antonio Augusto da Silva Pratas.

Foram eleitos socios correspondentes os srs. : Antonio Augusto Proença, de S. Thomê; Antonio Vieira d'Almeida, de S. Thomê; Fernando Soares Poças, de Moçambique.

O sr. *Presidente*, perguntou ao sr. Fernandes da Cunha o que sabia s. ex.<sup>a</sup> com respeito ao frasco da emulsão de oleo de figados de bacalhau preparada e enviada á sociedade pelos nossos collegas e consocios os srs. Miguel José de Sousa Ferreira & Irmão, do Porto, e remettido ha tempo á comissão de pharmacia para dar parecer.

O sr. *Cunha* respondeu que, com quanto fizesse parte da comissão de pharmacia, não era seu presidente, por isso, nada podia informar a tal respeito.

O sr. *Presidente* communicou que o sr. Guimarães Drack está quasi restabelecido da doença que o tem accommettido n'estes ultimos tempos, e que brevemente tomará conta do seu lugar.

Não havendo mais nada a tratar, encerrou-se a sessão, eram 10 horas. — O 2.<sup>o</sup> vice-secretario, *Joaquim Antonio Vaz Leirinha*.

SESSÃO DE 13 DE JULHO DE 1836—Presidencia do sr. SILVA MACHADO

Estando na sala numero legal de socios, o sr. *Presidente* declarou aberta a sessão, eram 8 horas e meia da noite e convidou para secretarios o sr. Emilio Fragoso e Silva Pratas. Foi lida e approvada por unanimidade a acta da sessão anterior.

O sr. *Primeiro secretario* leu um officio do sr. Paiva Cardoso, dignissimo pharmaceutico estabelecido em Leiria, em que pede á sociedade que obste, pelos meios que entenda, á que um individuo que foi seu praticante obtenha portaria para poder fazer exame de pharmacia, visto não ter o tempo de pratica que a lei exige.

O sr. *Presidente* pediu á assemblea que se pronunciasse sobre o assumpto de que trata o officio do sr. Paiva Cardoso.

Usaram da palavra os srs. dr. Alves, Augusto Mendes, Emilio Fragoso, e Mattos Miranda, sendo finalmente deliberrado pela assemblea, sob proposta do sr. Assumpção, additada pelo sr. dr. Alves — que se pedissem documentos ao sr. Paiva Cardoso, e que a mesa representasse ao governo.

Tiveram primeira leitura tres propostas para socios contribuintes.

O sr. *Augusto Mendes* agradeceu a sua eleição para membro da commissão revisora de contas e perguntou se já estava constituida a commissão para desempenhar a proposta do socio Silva Pratas, que tem por fim obstar a que individuos alheios á profissão pharmaceutica estejam vendendo e manipulando medicamentos, com offensa expressa das leis de saude.

O socio *Silva Pratas* pediu a publicação, no jornal da sociedade, da proposta a que o sr. Mendes acaba de referir-se. — Assim se resolveu.

O sr. *Presidente* disse, como esclarecimento ao sr. Mendes, que a commissão a que o digno socio allude ainda se não acha installada, por isso que, dois dignos socios, os srs. Coelho de Jesus e Terceiro, em quem recaíram as votações, se tinham recusado, mas que dava para ordem da sessão seguinte a eleição do membro, que falta para complemento da dita commissão.

O sr. dr. *Alves* communicou á sociedade que, por motivo de saude, se ausentava do paiz, e que offerencia os seus serviços em qualquer objecto que lhe podesse ser util.

O sr. *Presidente*, em nome da sociedade, agradeceu as

atensões do sr. dr. Alves e fez votos para que s. ex.<sup>a</sup> regressasse completamente restabelecido.

Não havendo mais a tratar, o sr. Presidente encerrou a sessão eram 10 horas e meia da noite.—O socio servindo de 2.<sup>o</sup> secretario, *Silva Pratas*.

## PHARMACIA

### Poder de absorção dos corpos gordos (ou analogos) pela agua

Havendo o dr. Unna provado que quanto maior é a quantidade de agua que um corpo absorve tanto maior é a rapidez com que elle é absorvido pela pelle, procurou o sr. Dieterich determinar quaes são as quantidades de agua que os corpos gordos podem absorver, a vaselina, a lanolina e diversas misturas. Eis a lista completa dos resultados de suas experiencias.

100 partes das substancias seguintes absorvem:

	Partes de agua
Vaselina .....	4
Banha .....	15
Banha benzoinada .....	17
Oleo de amendoas 70) .....	23
Cera amarella... 30) .....	
Azeite ..... 70) .....	26 a 31 <sup>1</sup>
Cera amarella ... 30) .....	
Oleo de bacalhão. 70) .....	28
Cera amarella... 30) .....	
Oleo de bacalhão. 70) .....	32,4
Cera branca..... 30) .....	
Oleo de linhaça.. 70) .....	41,3
Cera amarella ... 30) .....	
Oleo de linhaça.. 70) .....	48,5
Cera branca..... 30) .....	
Acido oleico..... 70) .....	50,5
Cera amarella ... 30) .....	

<sup>1</sup> Conforme o tempo que tem o azeite.  
Nona serie.—Anno de 1886.

Acido oleico.....	70	
Cera branca.....	30	60
Azeite.....	60	
Terebenthina.....	10	16
Cera amarella... ..	30	
Azeite.....	65	
Resina.....	10	19
Cera amarella... ..	25	
Cebo de carneiro..	70	
Azeite.....	30	27
Banha.....	80	
Espermacete.....	10	14
Azeite.....	10	
Banha.....	50	
Espermacete.....	10	28
Cera branca.....	10	
Azeite.....	30	
Espermacete.....	15	
Cera amarella.....	15	32,6
Azeite.....	70	
Espermacete.....	15	
Cera branca.....	15	39,5
Azeite.....	70	
Lanolina.....		105

Esta lista mostra que as misturas em que entra a cera branca absorvem mais agua do que as que são preparadas com cera amarella. Este facto parece dever attribuir-se a ser mais ou menos acida a cera branca, o que parece ser confirmado pela maior capacidade das misturas que contem acido oleico.

Em todo o caso os ensaios do sr. Dieterich parecem demonstrar que a vaselina, ultimamente tão usada como excipiente das pomadas, é o agente menos proprio para ser absorvido pela pelle.

S. M.

(Journ. de med. de Paris.)

## HISTORIA NATURAL

## BOTANICA

## Catalogo das plantas medicinaes que habitam o continente portuguez

PELO SR. ADOLPHO FREDERICO MOLLER

(Continuado de pag. 110)

**Amygdaleae. Juss.***Amygdalus communis. L.*<sup>1</sup>

## Amendoeira.

Planta originaria da Barbaria e muito cultivada em alguns pontos do paiz.

Flor. de janeiro a março.

P. u. as amendoas (fructos) doces e amargas<sup>2</sup>.

Emp. as preparações feitas com as amendoas amargas usam-se contra as febres intermittentes, embriaguez e nevroses. É preciso ter muita prudencia no seu emprego, pois tem propriedades venenosas<sup>3</sup>. As amendoas doces empregam-se como antiphlogisticas e sedantes, debaixo da fórma de emulsão, em todas as molestias febris. Por expressão a frio das amendoas doces ou das amargas obtem-se o oleo de amendoas. Em pharmacia emprega-se sempre para uso interno o oleo feito com as amendoas doces; o obtido das amendoas amargas é mais usado pelos perfumistas. O oleo de amendoas doces, applicado internamente

<sup>1</sup> Variedades: *α. ossea. Gren.*; *β. fragilis. Gren.*

<sup>2</sup> A arvore que produz as amendoas amargas differe mui pouco da que produz as amendoas doces, porque a unica distincção que se póde estabelecer é que, na variedade amarga, o estylete da flor é do mesmo comprimento que os estames e os pecialos das folhas estão marcados com pontas glandulosas, em quanto que, na variedade doce, o estylete é muito mais comprido que os estames, e as glandulas em vez de estarem sobre os pecialos acham-se na base dos dentes das folhas. (Chernoviz.)

<sup>3</sup> As amendoas amargas na dóse de sete amendoas, já produzem anciedade; em grande dóse podem occasionar a morte. Orfila matou um cão, fazendo-lhe ingerir vinte amendoas amargas. (Chernoviz.)

As amendoas amargas contém um principio chamado *amygdalina*.



é emolliente ou laxante segundo se emprega em dose pequena ou elevada. A acção topica do mesmo oleo é emolliente.

*Persica vulgaris*. Mill.

(*Amygdalus Persica*. L.)

Pecegueiro.

Planta originaria da Persia e India septentrional e muito cultivada no nosso paiz.

Flor. em março e abril.

P. u. as flores <sup>1</sup> e folhas.

Emp. as flores como laxativas e as folhas usam-se em infusão nas nevralgias e coqueluche; tambem se tem recommendado tanto interna, como localmente, nas affecções cancerosas <sup>2</sup>.

*Prunus domestica*. L.

Ameixieira.

Planta indigena da Syria e muito cultivada no nosso paiz.

Flor. em março e abril.

P. u. as drupas seccas <sup>3</sup>.

Emp. como laxativas e bechicas.

*Prunus spinosa*. L.

Ameixieira brava.

Hab. nas visinhanças de Coimbra e em quasi todo o paiz.

Flor. em março e abril.

P. u. a casca.

Emp. contra as febres intermitentes. Pouco usado.

*Prunus avium*. L. <sup>4</sup>

(*Cerasus avium*. Moench., *Prunus cerasus*. Ass. non L.)

<sup>1</sup> Devem ser colhidas antes de completamente desabrochadas. Seque rapidamente.

(*Pharmacopœa Portugueza*, 1876.)

<sup>2</sup> As amendoas, folhas e flores do pecegueiro dão pela distillação uma agua que contém certa quantidade de acido prussico e oleo essencial, e que é recommendada pela escola italiana como remedio hyposthenisante nas molestias inflammatorias. Emprega-se na mesma dose, e com a mesma cautela, que a agua de louro-carejo. (Chernoviz.)

<sup>3</sup> Vulgarmente chamadas *ameixas passadas*.

<sup>4</sup> Variedades:  $\alpha$ . silvestris. Ser.;  $\beta$ . Duracina (*Cerasus Duracina*. D. C.);  $\gamma$ . Juliana (*Cerasus Juliana*. D. C.)

Cerejeira preta.

Planta originaria de alguns paizes da Europa e muito cultivada entre nós, encontrando-se ás vezes quasi que espontanea.

Flor. em março.

P. u. as drupas <sup>1</sup> e os pedunculos.

Emp. as drupas para fazer o hydrolato de cerejas pretas que se usa como calmante e antispasmodico e os pedunculos como diureticos <sup>2</sup>.

*Prunus padus*. L.

Azereiro pado, Pado, ou Azereiro dos damnados.

Hab. em Traz-os-Montes, nas encostas do Sabor, proximo a Bragança e junto a Manteigas. Aparece cultivado em alguns pontos do paiz, como por exemplo Coimbra, Porto, etc.

Flor. na primavera.

P. u. a casca secca.

Emp. tem as mesmas qualidades que as das amendoas amargas, mas em menor gráo <sup>3</sup>.

*Prunus laurocerasus*. L.

(*Cerasus Laurocerasus*. Lois.)

Loureiro-cerejo.

Planta indigena do Oriente e cultivada entre nós.

Flor. na primavera.

P. u. as folhas recentes <sup>4</sup>.

Emp. para fazer o hydrolato e o oleo essencial de loureiro-cerejo.

<sup>1</sup> Vulgarmente chamadas *cerejas*.

<sup>2</sup> Em Allemanha prepara-se uma bebida com as cerejas pretas a que dão o nome de *Kirschenwasser*. Na Dalmacia prepara-se com ellas o licor chamado *Marrasquino*.

<sup>3</sup> É uma especie dignissima de maior altura. A casca não é ainda recebida nas officinas; mas as suas qualidades fazem esperar grandes effeitos das suas virtudes.

(Dr. Jeronymo J. de Figueiredo.)

<sup>4</sup> Deverão ser colhidas no estio.

Algumas arvores pertencentes á familia das Amygaleas, como as ameixieiras, as cerejeiras e outras, segregam uma gomma, chamada *gomma do paiz*, que póde substituir a gomma alcatira. A gomma do paiz é muito analoga á gomma-arabica.

O hydrolato de louro-cerejo obra pelo acido cyanhydrico que contém; a sua acção é a mesma que a do acido cyanhydrico, porém muito menos energica. Em pequena dóse produz um enfraquecimento geral; o pulso torna-se lento e pequeno. Continuando-se o seu uso sobrevêm vertigens, delirio e somnolencia. Augmentando-se a dóse manifestam-se espasmos e convulsões, e finalmente declara-se a paralyisia. A escóla italiana considera a agua de louro-cerejo como um poderoso contra-estimulante, util nos pleurizes, pneumonias, rheumatismos agudos, e todas as moléstias inflammatorias, no tétano, phthisica, nevralgias, enfartes do figado e baço, hydrophobia, vomitos nervosos, etc. O hydrolato de louro-cerejo não differe do acido prussico senão por ser menos energica.

O oleo essencial de louro-cerejo contém acido prussico e, administrado em dóse ainda mesmo fraca, determina promptamente a morte. Entretanto emprega-se como calmante nas tosses nervosas, asthma, palpitações e na phthisica, mas só na dóse de uma a quatro gottas. (Chernoviz.)

(Continua.)

(Instituto de Coimbra.)

---

## VARIEDADES

---

**Ensino pharmaceutico.**—O conselho da escola medico cirurgica de Lisboa approvou umas propostas para *uma reforma do ensino medico em Portugal*, que tem evidentemente por principal objectivo a suppressão da faculdade de medicina (!) do nosso primeiro estabelecimento scientifico e enorme augmento dos ordenados dos professores.

Essas propostas abrangem, como era natural, o ensino pharmaceutico, mas por maneira que este pouco ou nada ganharia com a reforma, por que os auctores, para mostrar quanto lhes interessa o desenvolvimento da instrucção pharmaceutica, propoem a continuação, com pequena differença, do *statu quo*, contra o qual tantas vezes tem representado a classe pharmaceutica.

Felizmente o *desideratum* dos amigos da nossa classe e da universidade não passará de fugitivo ideal.

**Nova planta medicinal.**— Segundo nos communica de Coimbra o sr. Moller, illustrado chefe dos trabalhos do jardim botanico da universidade, foi mandada por um individuo a uma familia d'aquella cidade, que tem um dos seus membros atacados de febres intermitentes, uma planta com a recommendação de ser remedio infallivel contra taes febres, e muito empregado em algumas localidades de Hespanha.

Tendo sido apresentada a referida planta ao sr. Moller para classificar, por ser desconhecida do facultativo assistente, reconheceu n'ella a *Micromenia gracca* L., que habita em Portugal, e que saiba este nosso amigo, na Serra de Monsanto e Alcantara, junto de Lisboa, e na quinta da Lomenda e suas visinhanças, proximo a Setubal. Nas proximidades de Coimbra encontrou-se uma outra especie, que é a *Micromenia Juliana* Beuth.

O sr. Moller diz-nos que não sabe o que possa haver de verdade ácerca da cura das febres intermitentes por meio da *Micromenia gracca*; visto não vir mencionada como planta medicinal em nenhum dos mais importantes tratados de materia medica e floras medico-pharmaceuticas.

Como existe no paiz, não é difficil experimentar-se os seus efeitos therapeuticos. Emprega-se em infuso.

S. M.

**A reforma do ensino pharmaceutico.** (Continuado do n.º 7, pag. 140.)—Declarámos no n.º 7, que a lei que regula o ensino pharmaceutico é deficiente, e que o seu estado actual é um descredito para o ensino das sciencias medicas, não podendo esta falta ser attribuida aos pharmaceuticos nem ás escolas medico-cirurgicas de Lisboa e Porto, que ha muitos annos pediram aos governos melhora de ensino para a sciencia que professamos.

Não podémos então comprovar as ultimas proposições que novamente acabamos de apresentar; as duas primeiras

estão demonstradas nos n.<sup>os</sup> 5 e 6, e agora vamos tratar das restantes.

Que o estado anarchico em que se encontra a pharmacia portugueza não pôde ser attribuido á classe a que pertencemos, provam-o as repetidas representações da sociedade pharmaceutica lusitana, pedindo aos governos que melhorem o ensino pharmaceutico, e que estão publicadas nos differentes tomos do seu jornal. Não a teem attendido, mas a sociedade não tem desanimado e continuará a cumprir o seu dever, porque, pugnando pela sua instrucção, defende os interesses da patria.

Com effeito, não pôde haver boa medicina, sem que a pharmacia, que é um dos seus ramos, tenha o devido desenvolvimento.

E o pharmaceutico que, tem de contribuir com o seu saber, com a sua intelligencia, para a conservação da vida e da saude dos habitantes do paiz, necessita que o seu ensino seja desenvolvido e o habilite a bem desempenhar o seu mister, nos multiplices e dificeis problemas que é obrigado a resolver.

É necessario attender que a obrigação do pharmaceutico não consiste apenas em aviar uma ou outra formula medicamentosa: mais elevados são os seus deveres. Precisa conhecer bem a composição dos productos que recebe em sua casa, e, para elle proceder á sua analyse chimica, é indispensavel ter conhecimentos profundos de physica, chimica, botanica, zoologia, mineralogia e mathematica, sem o que, se ha de ver em bastantes embarços.

Muitas vezes o pharmaceutico é o guia do medico, indicando-lhe um ou outro producto medicamentoso, qual a sua composição, emfim dando-lhe todos os esclarecimentos precisos para o habilitar a empregal-o em proveito da humanidade.

E não acaba aqui a sua missão, porque as analyses a que tem de proceder não se limitam ás apontadas.

É chamado a fazer analyses chimico-legaes e a prestar serviços á hygiene, analysando farinhas, pão, aguas, vinhos,



etc., etc. Isto é tão conhecido que julgamos desnecessario apresentar as muitas provas que possuímos.

Ora todas as causas que apontámos não podiam deixar de levar os pharmaceuticos a pedir que se olhe com attenção para as materias do seu curso, e se aquelles que podem e devem fazel-o, tivessem consciencia intima do que vale a pharmacia, não nos incomodariamos com este assumpto, porque ha muitos annos que o seu ensino estaria aperfeiçoado.

Foi pois inspirados por estes motivos, que os membros da nossa classe que em 1875 tinham assento no parlamento, apresentaram um projecto para se crearem escolas de pharmacia. O projecto é precedido de considerações tão interessantes que julgamos conveniente transcrevel-o:

Senhores:—O ensino da pharmacia em Portugal deve á iniciativa do illustre estadista Passos Manuel a sua primeira reforma.

Esta reforma adequada provavelmente á época, e as modificações que lhe foram feitas em 1854, estão bem longe de satisfazer as justissimas aspirações da classe pharmaceutica.

O espirito de imitação, tão pronunciado no nosso paiz, pelo que se pratica no estrangeiro e os progressos da sciencia tem feito crear escolas, institutos, desenvolver os cursos, augmentando-os por meio de cadeiras especiaes; mas em todo este movimento vê-se notavelmente exceptuada a pharmacia portugueza. Para ella subsistem leis anachronicas, promulgadas ha cerca de quarenta annos, que produzem a mais absoluta desigualdade no systema de ensino.

Repugna ao bom senso e causa serio reparo este abandono injustificado, origem da anarchia que se nota nos diversos modos porque actualmente se habilitam os pharmaceuticos.

Appellando para as nações estrangeiras, vemos que nas mais illustradas se tem olhado com disvello e attenção para esta classe, reputando a sua instrucção não menos importante que a da medicina.

Em todos estes paizes existem escolas especiaes de pharmacia, e em alguns por tal fôrma desenvolvidas, que esta sciencia constitue uma faculdade.

Todos os homens de sciencia conhecem os bons resultados obtidos em diferentes nações pela fôrma regular dada ao ensino da pharmacia, e os nomes illustres de verdadeiros sabios, que se teem tornado distinctos como naturalistas e chimicos, enobrecem por este modo as escolas que os crearam, o paiz de que são filhos, e a classe pharmaceutica a que pertencem.

No nosso paiz, onde não se julga conveniente a existencia das duas classes de facultativos, não é racional que se permita o contrario para um outro ramo das sciencias medicas, que não tem menor responsabilidade.

Existem actualmente, posto que em pequeno numero, pharmaceuticos com o curso regular e desenvolvido; outros ha em maior numero, habilitados segundo as leis de 29 de dezembro de 1836 e de 12 de agosto de 1854, que lhes facultam o poderem obter diplomas, poupando-se á frequencia exigida pelas escolas e a um certo numero de preparatorios.

Não obstante conhecermos que se encontram n'esta ultima classe, devido ao natural talento e propensão ao estudo pharmaceuticos de subida capacidade, constituem estes uma excepção, que não justifica o serem considerados eguaes em habilitações individuos tão diversamente instruidos.

Contra tão descurada legislação tem, desde muitos annos, clamado a benemerita sociedade pharmaceutica lusitana. É em nome d'ella e como filho que me preso de ser da mesma classe, que levanto a minha humilde voz n'esta camara, pedindo aos meus illustres collegas o seu valioso auxilio, para que se obtenha uma reforma em harmonia com o estado actual da sciencia, que a justiça e a saude publica reclamam.

Uma unica classe de pharmaceuticos habilitados por uma só fôrma, com um curso superior adquirido em aulas especiaes annexas ás escolas medico-cirurgicas de Lisboa e

Porto, e á faculdade de medicina da universidade de Coimbra, é quanto requer a classe pharmaceutica de accordo com a proposta do corpo docente da escola medica de Lisboa, quando, em 1866, foi convidada pelo governo a emitir opinião sobre a reforma do ensino superior.

Longe de pretender agravar as despesas do thesouro, limita-se esta classe a pedir a instrucção e consideração a que tem direito, não exigindo escolas especiaes, que, dando equal resultado, acarretariam avultada despesa.

Firmado nas razões expostas e convencido da urgente necessidade da organização do ensino pharmaceutico, em Portugal, tenho a honra de submeter á vossa consideração o seguinte projecto de lei.

(Continua)

F. DE CARVALHO.

### O commercio das alfazemas e a sua distillação no massiço de Ventoux

POR M. HENRI LAVAL, PHARMACEUTICO

(Continuado da pag 137)

*Colheita das alfazemas.*—É em julho e agosto que se faz a colheita; n'esta época, homens, mulheres e rapazes vão para a montanha e na maior força do trabalho o seu numero eleva-se a 1200. Munidos de foices, cortam as plantas acima da parte folhada, e formam pesados molhos que levam á cabeça até Bedoin, Villes, Sault, e outros centros d'exploração. A colheita das alfazemas nos terrenos communaes e geralmente livre e gratuita; certas communas, porém, como as de Bedoin, submettem cada familia que se entrega a este trabalho ao pagamento annual d'um franco. Este systema da colheita, que constitue uma fonte de receita preciosa para as familias pobres da montanha, tem comtudo alguns inconvenientes. Os cortes fazem-se, a maior parte das vezes, antes da maturação das flores e com tão pouco cuidado que grandes superficies de terreno se tem tornado improductivas.

Se estes inconvenientes se generalisarem, será necessa-

rio explorar as alfazemas por adjudicação, como já pedia, em 1876, a administração florestal.

*Informações commerciaes.*—Avalia-se em 1.700:000 kilogrammas o peso das alfazemas frescas que se cortam annualmente no massiço do Ventoux. D'esta quantidade, 1.200:000 são distilladas, formando 6:000 kilogrammas d'essencia, cujo preço, por kilogramma, regula por doze francos; fazendo a importancia de 72:000 francos, 450:000 kilogrammas de plantas são reservadas para se extrahirem as flores, que se seccam em eiras. Em seguida, são passadas por joeiras para se reparar a terra e os corpos estranhos. Depois d'estas diversas operações, obteem-se 150:000 kilogrammas de flores escolhidas, que se vendem, termo medio, por dezeseis francos cada 100 kilogrammas, prefazendo o total de vinte e cinco mil francos, que, junto ao preço das essencias, eleva-se a cem mil francos o rendimento d'esta industria.

*Distillação das alfazemas.*—A distillação das alfazemas no referido massiço remonta a tempos immemoriaes. Já no fim do seculo passado os distilladores, munidos d'apparelhos muito primitivos, installavam-se na montanha, junto d'algum filete d'agua, e procediam a qualquer trabalho que lhes dava mais perda do que ganho.

Desde então, os processos da fabricaço teem-se aperfeiçoado; as pessoas que mais contribuíram para estes aperfeiçoamentos, na ordem d'importancia de seus trabalhos, são: Mario, distillador em Sault; Malavard filho, em Villes; Bellon, em Bedoin. Antes de passar em revista os trabalhos d'estes industriaes, indicarei algumas conclusões que derivam de factos por mim observados:

1.º Que se distille a vapor ou a fogo nu, os productos obtidos do mesmo peso d'algumas teem o mesmo valor e são de equal qualidade;

2.º São precisos 200 kilogrammas de plantas frescas para se obter 1 kilogramma d'essencia. A *spica* é mais rica que a *vera*, porque 160 kilogrammas d'esta planta são sufficientes para se produzir a mesma quantidade;

3.º A essencia está quasi inteiramente contida nas flores. As hastes, as folhas, as bractees só contem pequenas porções e de qualidade inferior.

Mario estabeleceu na planicie de Sault, no sitio chamado La Tansière, uma pequena officina modelo.

Uma balança posta ao abrigo das intemperies atmosphericas por um pavilhão de fôrma graciosa, serve para marcar exactamente o peso das flores que dão entrada na officina.

Um gerador de vapor alimenta quatro cylindros de cobre estanhado, podendo conter cada um 150 kilogrammas de flores.

Estes cylindros, quando cheios, são fechados por uma cobertura do mesmo metal hermeticamente por meio de chavetas e rodellas de caoutchouc, collocadas na parte superior de cada cylindro.

Os cylindros teem na parte superior um tubo que conduz os vapores saturados d'essencia para uma serpentina que mergulha completamente n'um refrigerante com uma torneira. A essencia condensada recolhe-se em recipientes florentinos. Uma bomba Chiffart conduz a agua quente dos refrigerantes para o gerador de vapor. Cada operação dura proximamente uma hora e um quarto, e 8:400 kilogrammas de plantas ficam livres da essencia no lapso de 24 horas.

Levando em conta que o sr. Mario distilla durante dois mezes, ficaremos sabendo que 504:000 kilogrammas se distillam na sua officina, produzindo-lhe cada anno 1:500 kilogrammas d'essencia.

As despesas de mão d'obra e de combustivel são relativamente pequenas. São sufficientes 150 kilogrammas de madeira a um franco cada 100 kilogrammas para aquecer a caldeira durante 24 horas. Tres homens são sufficientes para o trabalho, graças á boa disposição do edificio composto de dois compartimentos; um, situado no rez-do-chão, onde se alimenta a machina e se recolhe a essencia; outro, no primeiro andar, que está em plano-direito, onde se car-



regam e descarregam os cylindros. Todas estas operações se effectuam sem confusão:

Mario não é sòmente um industrial cheio de iniciativa, mas é tambem um operario habil; é elle que construe os seus aparelhos e que os aperfeiçoa continuamente. Na occasião da nossa ultima visita, tinha imaginado um aparelho por meio do qual, fazendo atravessar o vapor d'agua destinado a separar das plantas a essencia, atravez da agua d'alfazema, obtinha um oleo volatil mais suave, menos carregado de resina e que se dissolve, cousa notavel, n'um volume d'alcool a 8 graus.

Além d'esta officina, possui 32 fornalhas a fogo nu, que funcionam na montanha. Está disposto, em vista da sua producção e da dos que seguiram o seu exemplo, a montar em Sault um deposito muito importante, onde os commerciantes do meio-dia de França venham fazer provisão d'essencia.

(Continua.)

## FORMULARIO

### Pomada d'Helmerich modificada

(P. VIGIER)

Enxofre sublimado..... 10 gram.

Carbonato de potassa..... 5 gram.

Agua distillada..... 5 gram.

Vaselina amarella..... 40 gram.

F. s. a. Não endurece e pôde ser preparada d'antemão.

### Papel de naphtalina, contra a tinha

Acido phenico..... 25 gram.

Ceresina..... 25 gram.

Naphtalina..... 50 gram.

Funda; pinte com a mistura ainda quente papel sem gomma, estendido sobre folhas polidas de cobre ou de ferro, que devem ser mantidas quentes.

## PEÇAS OFFICIAES

**Acta da sessão solemne  
commemorativa do quinquagesimo primeiro anniversario  
da sociedade pharmaceutica lusitana**

Presidencia do sr. commendador JOSÉ TEDESCHI

Em 24 de julho de 1886, pelas nove horas da noite, achando-se na sala grande numero de socios benemeritos, honorarios e effectivos; o sr. presidente abriu a sessão solemne anniversaria e convidou o segundo secretario, Francisco José Malato, a fazer a leitura do seguinte

**Relatorio dos trabalhos da sociedade pharmaceutica lusitana  
durante o quinquagesimo primeiro anno da sua instituição**

Meus senhores :

É um dos deveres do 2.º secretario d'esta sociedade apresentar o relatorio dos trabalhos por vós executados durante o anno. Difficil missão é, para quem ainda sente repercutir-se n'esta sala o echo de vozes brilhantes de muitos consocios que me antecederam. E mais difficil ainda ella se torna, quando, como agora, e por circumstancias muito excepcionaes, se perdeu a maior parte do anno n'uma lucta que todos vós sois os primeiros a lamentar, porque d'ella só resultou o desgosto e o desanimo. Felizmente que terminou, e por fôrma a mais honrosa para esta sociedade que recebeu satisfação condigna aos ataques de que foi alvo.

Meus senhores :

Começarei por descrever muito perfunctoriamente os trabalhos executados pelas commissões permanentes, que existem para satisfazer ao que se dispõe na vossa lei organica.

A commissão de chimica satisfez a todos os pedidos de analyse feitos por convite da procuradoria regia, e em todos os trabalhos se houve com a maior competencia, não dando lugar a contestações que servissem para empanar sequer, por um momento, a reputação de peritos consu-

mados de ha muito conferida aos vossos consocios os srs. drs. Alves e Drack.

Para quem conhece o valor d'estes trabalhos deve fazer inteira, cabal e completa justiça áquelles dois distinctos pharmaceuticos, que assiduamente nos dão as mais brillhantes demonstrações do seu saber e aptidão. A toxicologia, esse importante ramo da medicina legal, tendo tido no eminente Orfila, o seu creador, tem hoje, especialmente nos chimicos allemães, os mais abalisados mestres, que passam dias e dias nos laboratorios estudando os processos de pesquisa dos alcaloides organicos, affirmando assim não só o seu amor á sciencia, que cultivam com o maior brilho, como tambem o desejo de serem uteis á sociedade. É, por isso, meus senhores, que para desempenhar conscienciosamente e á sua verdadeira altura, o logar de *chímico perito* junto dos tribunaes, se necessita de grande copia de conhecimentos praticos, d'estes que só se adquirem no convivio da retorta e da balança, pesquisando e observando, como o requer uma sciencia tão positiva.

A vossa *Commissão de Historia Natural*, teve que proceder ao estudo de varias especies botanicas, classificando-as, satisfazendo assim aos pedidos que vos foram feitos por consocios das provincias. E, deve dizer-se, para prestarmos culto á verdade, que sempre se houve com a maior competencia e zelo.

Na vossa *Commissão de Direito Pharmaceutico* resolveram-se algumas duvidas que vos foram suscitadas.

Mereceu-vos especial attenção a que se referia ao abuso praticado por alguns escrivães de fazenda, que obrigaram varios collegas a sellar os livros de registro das receitas querendo assim equiparal-os aos que o commercio usa para o lançamento das suas transacções. Esta exigencia, evidentemente absurda, antes provinha de má vontade, do que d'um modo diverso mas consciencioso de interpretar a lei. Antes deve ser considerada como o resultado d'estas miserrimas questões com que amiudadas vezess e entreteem os politicos nas terras de provincia, do que a satisfação

d'um dever moral: o de pugnar pelo cumprimento da lei. Aquelles que querem considerar a pharmacia como uma profissão commercial, enganam-se. A pharmacia está subordinada a preceitos e regras scientificas e, quando ella troca um medicamento por dinheiro, não exerce um acto puramente commercial. Assim o teem entendido os bons praxistas, assim se tem entendido n'este paiz, quando questões identicas teem sido levadas ás estações superiores.

E se justiça vos tem sido feita, agora, mais do que nunca, ella não se fará esperar. Sobraçando a pasta da fazenda o eminente publicista, o nosso consocio Marianno de Carvalho, que todos vós reconheceis como um dos vultos politicos mais notaveis d'este paiz, por certo que elle, como pharmaceutico que já foi e muito conhecedor d'este assumpto, não deixará de pugnar pelos interesses moraes e materiaes da profissão, que elle desempenhou nos aureos tempos da juventude.

Meus senhores:

Uma das questões que mais prendem a vossa attenção e que mais concorrência chamou a esta casa foi, sem duvida alguma, a que se levantou a proposito do relatorio do *Conselho Geral de Instrucção Publica*. Partindo d'esta corporação a idéa de se acabar com os pharmaceuticos de curso irregular, nem todos vós a recebestes com applauso. Aqui foi ella ampla e largamente discutida, sendo approvada por maioria, mas as rasões que foram apresentadas por parte dos que a consideram como má e imprudente, no estado actual da pharmacia, fizeram algum peso no animo de alguns collegas. Estes diziam que quando a França e a Alemanha, paizes que vão sempre na vanguarda dê todos os progressos scientificos e economicos, teem ainda os dois systemas de habilitação, quando outros paizes na sua maioria, tambem conservam os dois systemas, não era rasoaavel que se adoptasse de chofre a idéa apresentada pelo *Conselho* que, a meu ver, não é o mais competente para conhecer do que mais convem á classe. Bem sei que, da Universidade, tambem partiu a idéa de se acabar com os phar-

maceuticos de curso irregular, mas em contraposição temos que a escola de Lisboa, no seu projecto de reforma de estudos que vae enviar ao governo, include a pharmacia, admitindo as duas classes, estabelecendo-as em bases muito mais vantajosas para a profissão do que as adoptadas no projecto da Universidade, que todos vós sabeis exclude o elemento pharmaceutico do professorado.

No ultimo congresso pharmaceutico, vozes auctorizadas como a do eminente toxicologista belga Depaire e o notavel chimico Cannizzaro se levantaram em favor das duas classes de pharmaceuticos. Ora, quando as opiniões estão d'este modo em manifesta opposição, quando a idéa de se acabar com a 2.<sup>a</sup> classe não está ainda radicada nos mais lucidos espiritos, devemos nós, diziam os defensores das duas classes, abraçal-a só para satisfazer umas pequenas vaidades?

Meus senhores: Já que, no decorrer do meu pobre discurso, eu me vi forçado a falar no *Congresso Pharmaceutico de Bruxellas*, devo ainda mais uma vez referir-me a elle, porque desejo acentuar quanto eu me rejubilo por ver os nossos collegas, embora sejam de paiz estranho, fazer tão grandiosas manifestações do seu saber, do seu valor intellectual.

Os congressos, quando para outra cousa não sirvam, servem ao menos para estreitar os laços da boa confraternidade scientifica entre os que, muitas vezes, apostolisam doutrinas bem contrarias. Mas o congresso de Bruxellas foi mais além, estabeleceu preceitos scientificos d'um alto valor, principalmente quando tratou das falsificações dos generos alimentares e da potabilidade das aguas. Os documentos promanados d'esta assembléa de doutos, não só synthetizam o que a tal respeito está escripto, como estabelecem doutrina nova. Consultae-os meus senhores, e vereis que não vos illudo. Não é pelo simples prazer de architectar palavras que eu me refiro a elles. Se o faço, é por que vejo n'aquelles dois notaveis documentos a prova provada da alta importancia que teve o congresso. Infelizmente



não podestes ser representado por delegado vosso, nem o governo se lembrou de ali mandar um vosso collega a expensas do paiz, a exemplo da Italia, da França, da Alemanha, etc.

Nós, que somos considerados por muitos escriptores como a Turquia do Occidente, ainda ficamos áquem d'este paiz. A Turquia lá teve o seu representante official, que se mostrou um pharmaceutico dos que mais honraram o congresso, vós não o tivestes, nem mostrastes muito empenho em o terdes. Eu queria, que para estes actos tão sollemnes, e que tanto evidencia mas corporações, quando n'elles se fazem representar a vós não confiasses exclusivamente na acção dos governos.

Tendes fundos bastantes para poderdes subsidiar um dos vossos consocios, que ali iria não só representar-vos, mas colher uma somma de conhecimentos praticos do estado actual da pharmacia nos outros paizes, o que seria de maxima vantagem. E porque o não fizestes? A vossa consciencia que responda. Eu não desejo entrar nos motivos que tivestes para o não fazerdes, porque o logar e a occasião m'o vedam. Só lamento que se realisasse um certamen pharmaceutico d'uma importancia que as mais nações saudaram com vivo enthusiasmo, e que vós deixastes passar quasi desaperebido.

Meus senhores:

Centro de Documentação Farmacéutica  
da Ordem dos Farmacêuticos

Tenho apresentado o que me pareceu digno de occupar as vossas attentões por alguns momentos. Resta-me dizer ainda algumas palavras sobre dois factos, que eu não quero esquecer, tanto elles honram a classe pharmaceutica, honrando egualmente tres dos vossos consocios. Quando se affirma, e vós tendes sido os primeiros a fazel-o, com bastante magoa o digo, que aos pharmaceuticos falta instrucção, respondem elles, dando as mais brilhantes demonstrações de que ainda valem alguma cousa, e de que não são tão destituídos de conhecimentos que não possam apresentar-se em publico competindo com outros de profissões diversas, que teem estudos mais desenvolvidos. Para os logares de directores

ensaiadores das contrastarias de Lisboa e Porto foram nomeados, precedendo concurso, os srs. Gomes de Mattos e Dias Salgueiro. Para o logar de thesoureiro da penitencia-ria foi tambem nomeado, precedendo concurso, o sr. Silva Alegria. Tres pharmaceuticos, e todos elles foram classificados na primeira plana. Gomes de Mattos já vós conheceis de ha muito, como um dos vossos consocios que mais honram a classe. Tendo tanto de intelligente, como de modesto, todos vós conheceis os luminosos escriptos que produziu quando occupava o logar de primeiro secretario. De collaboração com outro collega, fundou e redigiu nos seus primitivos tempos a *Gazeta de Pharmacia*, um dos jornaes que se tem proposto a advogar os vossos interesses. Dos outros collegas pouco vos posso dizer, porque não os conheço pessoalmente. Mas as brilhantes provas que deram da sua intelligencia, demonstram evidentemente o que elles valem, e podem fazer em beneficio da classe.

Disse.

Em seguida foi concedida a palavra ao sr. primeiro secretario, Alfredo da Silva Machado, para dar conta dos assumptos seguintes :

**Premio José Dionysto Corrêa, fundado no quinquagesimo anno da Instituição da Sociedade**

#### PROGRAMMA DE CONCURSO

A Sociedade Pharmaceutica Lusitana, em observancia do § 8.º do art. 27.º dos seus estatutos, tem a honra de apresentar aos amadores das sciencias o seguinte programma para o concurso que ha de ser julgado no proximo anno :

«Memoria sobre qualquer questão de pharmacia, ou sobre assumpto de interesse profissional.»

#### CONDIÇÕES

Os premios consistirão na adjudicação do diploma de membro benemerito, acompanhado de um *bonus* de cin-

coenta mil réis em moeda sonante, ao premiado em primeiro lugar.

No diploma de membro honorario aos que se seguirem, quando suas memorias sejam julgadas tambem dignas de premio.

A estes premios terão direito os concorrentes que satisfizerem cabalmente á questão escolhida.

Todas as memorias que vierem a concurso serão escriptas em portuguez, se os seus auctores forem naturaes d'este paiz, e em francez, se forem estrangeiros, e virão dirigidas ao primeiro secretario da sociedade por todo o mez de abril do anno em que tiverem de ser julgadas.

Deverão trazer o nome do auctor em carta fechada, na qual se lerá por fóra, como divisa, a mesma epigraphe da memoria, e que será aberta na sessão solemne, se a memoria fór premiada; no caso contrario a carta será entregue ao seu auctor, pedindo-a com a mesma epigraphe declarada no exterior da carta.

As memorias que houverem de ser lidas na sessão solemne anniversaria, deverão ser para esse fim approvadas pela sociedade, e além d'isso serão impressas e publicadas na collecção que terá por titulo «*Memorias da Sociedade Pharmaceutica Lusitana*», recebendo os seus auctores vinte exemplares da referida impressão.

Finalmente, os premios conferidos aos concorrentes, nem sempre serão uma prova de que esta sociedade sanciona absolutamente a doutrina das memorias, mas sim um testemunho authentico de que seus auctores desempenharam, em geral, o exigido pela sociedade n'este programma.

---

#### Lista dos doadores e objectos doados á sociedade durante o quinquagesimo primeiro anno

**Pelo sr. A. J. d'Oliveira**, de Coimbra:—Homens e livros da medicina portugueza.

**Pelo sr. Alfredo da Silva Machado**, de Lisboa:—Relatorio sobre uma memoria do sr. Falières (de Libourne) intitulada:

«*Monographia chimica e pharmaceutica do bromureto de potassio*» pelo sr. Poggiale.

**Pelo sr. dr. Antonio Augusto da Costa Simões**, de Coimbra:—As prepotencias de Coimbra no conflicto da carne d'Aveiro, por A. A. da Costa Simões.—A penuria progressiva dos hospitaes da Universidade de Coimbra, idem.—A interpeção da camara dos pares, 3.º ap-penso do folheto «As prepotencias de Coimbra», idem.

**Pelo sr. Augusto Fuschini**, de Lisboa:—Regulação do trabalho dos menores na industria. Projecto de lei apresentado á camara dos senhores deputados em 11 de julho de 1885.

**Pela Camara Municipal de Lisboa**:—Archivo municipal de Lisboa.—Elementos para a historia do municipio de Lisboa.

**Pelo sr. Carlos Maria Eugenio de Almeida**, de Lisboa:—Relatorio da administração da Real Casa Pia de Lisboa no anno economico de 1884 a 1885, pelo Provedor Carlos Maria Eugenio de Almeida.

**Pelo sr. commendador José Tedeschi**, de Lisboa:—Enciclopedia medico-pharmaceutica, de Barcelona.—La Crónica oftalmológica, de Cádiz.—Los Avisos, por D. Pablo Fernandez Izquierdo.—Semanario pharmaceutico, de Madrid.—La Gaceta de sanidad militar, de Madrid.—El Laboratorio, revista de farmacia y ciencias accessorias, de Barcelona.—El Monitor de la salud, de Barcelona.—El Corsario, de Barcelona.—El sentido católico en las ciencias medicas, de Barcelona.—Boletin del cambio pharmaceutico espanol, de Madrid.—Gaceta de oftalmologia, otologia y laringologia, de Madrid.—Crónica medico-quirurgica de la Habana.—El Restaurador Pharmaceutico, de Barcelona.—El Porvenir Pharmaceutico, de Madrid.—Gaceta del hospital militar, de Guadalajara, (México).—La Gaceta Cientifica, de Lima (Perú).—El Monitor Médico, de Lima (Perú).—La Crónica Médica, órgano de la Sociedad «Union Fernandina», de Lima (Perú).—El observador médico, do Mexico.—Boletin de ciencias medicas, do Mexico.—Revista Médico-Quirurgica, do Mexico.—La Reforma Médica, do Mexico.—Boletin de medicina, de Santiago, (Chile).—Anales de la «Sociedad de Farmacia de Santiago de Chile.»—Revista Médica, de Chile.—La Medicina moderna, de Bogotá (Colombia).—Crónica de especialidades médico-quirurgicas, de Cádiz.—Giornale medico del esercito e della marina, de Roma.—Giornale de medicina militare, de Roma.—Giornale di farmacia di chimica, e de scienze affini publicato dalla Società di farmacia di Torino.—L'Orozi, giornale di chimica, farmacia e scienze affini publicato per cura della associazione chimico-pharmaceutica fiorentina.—Bulletin des travaux de la «Société de pharmacie de Bordeaux».—Bulletin de la «Société de Pharmacie du Sud-Ouest», Toulouse.—Moniteur de la pharmacie belge, de Bruxelles.—Le Progrès pharmaceutique, de Lyon.—L'Union pharmaceutique, journal de la pharmacie centrale de France.—Bulletin commercial, annexe de l'Union pharmaceutique.—Les Nouveaux remèdes, de Paris.—Le Praticien, journal hebdomadaire de médecine, de Paris.—Petites affiches pharmaceutiques et médicales.—Der Fortschritt, de Genebra.—Gazeta medica, da Bahia.—Revista pharmaceutica, do Rio de Janeiro.—União medica, do Rio de Janeiro.—Revista de pharmacia, de Recife (Pernambuco).—A Saude Publica, do Porto.—Boletim de pharmacia do Porto.—Boletim noticioso commercial da «Casa Pharmaceutica», do Porto.—Revista de medicina dosimetrica, do Porto.—O Instituto, de Coimbra.—Coimbra Médica, revista quinzenal de medicina, e cirurgia, de Coimbra.—O Gremio litterario, do Fayal.—Archivo Ophthalmotherapico, de Lisboa.—A Medicina Contemporanea, de Lisboa.—Correio Medico, de Lisboa.—Jor-

nal da Sociedade das Sciencias Medicas de Lisboa.—Revista de medicina, cirurgia, pharmacia e sciencias accessorias, de Paris.—De l'identité de la fièvre jaune et de l'impaludisme aigu, par Vieira de Mello, do Rio de Janeiro.—Discursos publicados no «Comercio de Portugal», ácerca da questão dos medicos hespanhoes poderem exercer a medicina em Portugal.—Anti pyrina, these por Pina Machado.—Colica hepatica calculosa, these por Carlos Philippe.—Hypertrophia papillar da lingua, these por José Luiz Rangel de Quadros Joyce.—Ictericia catarrhal, these por Benjamim Arrobas.—Inversão uterina, these por Joaquim Evaristo d'Almeida.—Phlegmatia alba dolens, these por José Gomes.

**Pelo sr. J. B. Gille**, de Anvers:—La chaux considérée comme désinfectant. Discours prononcé à la Société de Pharmacie d'Anvers, dans une causerie sur ce sujet, par Mr. J. B. Gille.—De la valeur d'un désinfectant, idem.

**Pelo sr. José Bernardino Birra**, do Porto:—Elementos de therapeutica dosimetrica, por A. J. d'Oliveira e Castro.

**Pelo sr. José Francisco da Gama Freixo**, de Evora:—Considerações sobre o tratamento e profilaxia do cholera morbus, em additamento a um folheto publicado em 1836, com o titulo de «Breves noções contra o cholera morbus, por José Francisco da Gama Freixo.

**Por Mr. L. F. de Nobelle**, Gand (Belgica):—Éléments de chimie horticole à l'usage des élèves des écoles d'horticulture, par L. Nobelle.—De l'emploi des engrais chimiques en horticulture, idem.—Recherches sur le jus de tabac employé comme insecticide, idem.—Grondbeginselen der algemeene kruidkunde, idem.

**Pelo sr. dr. Manuel S. Soriano**, do Mexico:—Memoria sobre las aguas potables de la capital de Mexico, por el dr. Antonio Peñañel.—Apuntes biográficos del ilustre quimico mexicano dr. Leopoldo Rio de la Loza.—Informe que la comision permanente de farmacopea rindió à la sociedad farmacéutica mexicana al entregarle impresa la segunda edicion.—Resena de los trabajos verificados en la academia de medicina de Mexico durante el ano de 1881 a 1882, por su primer secretario Doctor Manuel S. Soriano.—Contribucion à la estadistica de la cirurgia militar en Mexico por el dr. Manuel S. Soriano.—Memoria sobre la enfermedad pintada de las americas llamada vulgarmente mal del pinto, tina ó mal de las manchas.

**Pelo Ministerio do Reino**:—Os lazaretos terrestres de fronteira nos annos de 1884 e 1885. Relatorio dos inspectores A. M. da Cunha Bellem e Guilherme José Ennes.

**Pelas Redacções**:—Annaes do Club militar naval.—Correio Medico de Lisboa.—Gazeta de pharmacia de Lisboa.—Jornal de pharmacia e sciencias accessorias de Lisboa.—A Medicina Contemporanea, de Lisboa.—Jornal da sociedade das sciencias medicas de Lisboa.—A saude publica, do Porto.—Boletim de pharmacia, do Porto.—Boletim noticioso commercial da «Casa Pharmaceutica do Porto.—Revista de medicina dosimetrica, do Porto.—Boletim da sociedade Broteriana, de Coimbra.—O Instituto, de Coimbra.—Coimbra Medica, revista quinzenal de medicina e cirurgia, de Coimbra.—Jornal de horticultura pratica, do Porto.—União Medica, do Rio de Janeiro.—Gazeta Medica, da Bahia.—Enciclopedia medico-farmacéutica, de Barcelona.—La Crónica Oftalmológica, de Cádiz.—El Restaurador Farmacéutico, de Barcelona.—El Monitor de la Salud, de Barcelona.—Boletim del Instituto Médico valenciano.—Revista farmacéutica, órgano de la «Sociedad nacional de farmacia argentina».—Revista de



ciencias m3dicas, de Barcelona.—Revista Pharmaceutica, do Rio de Janeiro.— El Observador M3dico, do Mexico.— Gaceta del Hospital Militar de Guadalajara (Mexico).—Les Nouveaux rem3des, de Paris.—Der Fortschritt, de Genebra.— Boletim da associa3o dos jornalistas e escriptores portuguezes.—Republicas, revista semanal pol3tica e litteraria, de Lisboa.—O Cintrense, de Cintra.— Tribuna pharmaceutica, do Rio de Janeiro.

**Pela Sociedade de Geographia**, de Lisboa: — Boletim da Sociedade de Geographia de Lisboa.—Subsidios para a historia do jornalismo nas provincias ultramarinas portuguezas, pelo socio Brito Aranha.

**Alterações ocorridas no quadro da Sociedade Pharmaceutica Lusitana durante o 51.º anno da sua institui3o**

**FORAM ADMITTIDOS**

Para a classe de benemeritos

Alfredo da Silva Machado, *Lisboa.*

Jos3 Ribeiro Guimar3es Drack, *Lisboa.*

Para a classe de honorarios nacionaes

D. Antonio Xavier Pereira Coutinho, *Lisboa.*

Conselheiro Jos3 Silvestre Ribeiro, *Lisboa.*

Emilio Fragos, *Lisboa.*

Dr. Guilherme Jos3 Ennes, *Lisboa.*

Jo3o Maria Holtreman do R3go Botelho de Faria, *Lisboa.*

Para a classe de honorarios estrangeiros

L. F. de Nobelle, Gand, *Belgica.*

Para a classe de effectivos

Anthero da Costa Oliveira, *Lisboa.*

Antonio Diniz d'Abreu, *Lisboa.*

Carlos Bernardo d'Almeida Ferreira, *Lisboa.*

Filippe Pereira de Mattos Miranda, *Lisboa.*

Firmino d'Almeida Brito, *Lisboa.*

Ignacio Jos3 Franco, *Lisboa.*

Jo3o Maria Lopes, *Lisboa.*

Joaquim Marques de Sousa, *Lisboa.*

Joaquim de Mattos Alves Christov3o Pinheiro, *Lisboa.*

Jos3 Pedro Estanislau da Silva, *Lisboa.*

Julio Moreira Feyo, *Lisboa.*

Manuel Pinheiro Cardoso, *Lisboa.*

Para a classe de correspondentes nacionaes

- Antonio Augusto Proença, *S. Thomé.*  
Antonio Rosado Caieiro, *Reguengos.*  
Antonio Vieira de Almeida, *S. Thomé.*  
Aureliano José Santos Viegas, *Coimbra.*  
Domingos Antonio Liso de Sant'Anna, *Olhalvo.*  
Eduardo Augusto Marques Perdigão, *Olhalvo.*  
Eugenio Albano Gonçalves, *Mafra.*  
Fernando Soares Poças, *Mocambique.*  
Francisco Candido Barbosa, *Rio Maior.*  
Francisco Xavier de Paiva, *Braga.*  
Henrique Maria da Fonseca, *Beja.*  
João Augusto Ferreira Braga, *Braga.*  
Joaquim Albino Fernandes, *Coimbra.*  
Joaquim Antonio Pereira Veiga, *Braga.*  
José Arsenio da Fonseca, *Alter do Chão.*  
José Cardoso da Silva Guimarães, *Braga.*  
José Maria da Costa Veiga, *Porto.*  
José Martins de Miranda Junior, *Ericeira.*

Para a classe de correspondentes estrangeiros

J. B. Gille, *Anvers, Belgica.*

PEDIRAM A DEMISSÃO

Correspondentes nacionaes

- Bernardo Pereira Maia, *Cabeceiras de Basto.*  
Francisco José de Oliveira Xavier, *Lumiar.*  
Francisco José da Silva Nobresa, *Quiaios.*  
Joaquim José Guerra, *Vimieiro.*

Foram eliminados

- Narciso Alves Xavier, *Almada* (correspondente nacional)  
Francisco João Rosa (effectivo).

## FALLECERAM

## Protector

Sua Magestade El-Rei o Sr. D. Fernando II.

## Benemeritos

Felix da Fonseca Moura, *Porto*.

Dr. Francisco José da Cunha Vianna, *Lisboa*.

José Antonio de Araujo, *Lamego*.

## Honorario nacional

Guilherme José Antonio Dias Pegado, *Lisboa*.

## Honorario estrangeiro

Ernest Baudrimont, *Paris*.

## Effectivos

Francisco das Dôres Magalhães, *Lisboa*.

Joaquim Rodrigues Pereira da Silva, *Lisboa*.

Joaquim de Sant'Anna Machado Figueira, *Lisboa*.

## Correspondentes nacionaes

Antonio Vaz Teixeira, *Cabeceiras de Basto*.

Candido José Pinto da Fonseca, *Moçambique*.

João Baptista Martins, *Caminha*.

João Pereira Veiga, *Villa Verde*.

Joaquim Emilio de Sousa Pinto, *S. Cosme de Gondomar*.

## Correspondente estrangeiro

D. Carlos Mallaina, Breviesca, *Hespanha*.

## RESUMO

## Ficam existindo

Protector .....	1
Benemeritos .....	25
Honorarios nacionaes .....	34
Honorarios estrangeiros .....	32
Effectivos .....	96
Correspondentes nacionaes .....	212
Correspondentes estrangeiros .....	29
Total .....	429

Finalmente o sr. presidente leu o seguinte discurso :

Senhores. — Já decorreu um anno, depois que n'este mesmo lugar, que devo aos vossos benignos suffragios, vos dirigi algumas palavras em cumprimento das leis, que nos regem, para commemorar o anniversario da installação d'esta tão util, como nobre associação.

Difficil empresa é o cumprimento d'esta obrigação para quem, como eu, não possui os dotes oratorios, que costumam embellezar estas festas, e solemnidades. E muito mais difficil para quem tem tido necessidade de repetir esta mesma formalidade por muitas vezes, e em annos successivos, como nos acontece actualmente.

Demais a avançada idade, em que me acho, os differentes trabalhos, e occupações, em que me encontro envolvido, e o supremo desejo de a ellas não faltar, me preoccupam os pensamentos, me produzem distracções intellectuaes, e obstem por vezes a que as possa satisfazer, em condições favoraveis, e perfeito, e exacto cumprimento.

Mas, se por um lado me preocupa o receio de não prehencher este dever, como são os vossos justos desejos, e como deveis esperar; por outro lado anima-me a certeza, que tenho, de que a vossa amizade, a generosidade, que sempre tendes tido para comigo, e a benignidade, de que sois dotados, e com que costumaes relevar a insignificancia de nossos escriptos, desculpará ainda d'esta vez a falta de harmonia, e de flores, que podereis notar n'esta occasião.

Senhores. — Em 24 de julho do anno proximo passado, e a esta mesma hora, nos achavamos aqui reunidos em agradável convivio, para solemnisar o primeiro quinquagenario d'esta nossa sociedade! Effectivamente completavam-se cincoenta annos, em que um pequeno, mas corajoso, numero de pharmaceuticos, verdadeiramente portuguezes, hasteavam a bandeira da liberdade para a classe pharmaceutica, inaugurando esta sociedade, com a denominação de *Sociedade Pharmaceutica de Lisboa*, que mais tarde, e

com razão, foi modificada pela de *Sociedade Pharmaceutica Lusitana*, com que hoje é conhecida por nacionaes e estrangeiros, que a consideram, e respeitam como uma das associações mais uteis ao paiz, mais prestante á classe, que a compõe, e mais dedicada ao bem-estar de seus concidadãos, velando por tudo, que nos limites de seus estatutos, póde concorrer para a conservação da saude publica.

Entre os seus incessantes trabalhos devemos notar os seus muitos esforços, empregados em promover o augmento, e regularidade da instrucção pharmaceutica.

Este ramo de serviço publico póde servir de typo aos serviços mal organizados, e peor servidos: é uma perfeita anarchia, como não se encontra em nenhum outro ramo de administração publica!

A habilitação pharmaceutica é feita pelos mais variados modos; continua o desprezo das insignificantes leis promulgadas, para a regularisar até certo ponto, e que, apesar de reconhecidamente insufficientes e rachiticas, são substituidas, e alteradas por portarias de favor, em que se despresam os mais necessarios requisitos para bem se exercer a pharmacia! E vós conheceis bem as muitas d'estas dispensas, que teem sido concedidas por taes portarias, que teem tido o poder de annular artigos das leis, promulgadas pelos corpos legislativos, que por sua parte tambem, ou por sua *docilidade*, ou cedendo á certas pressões, não ha muito onsaram fazer uma lei especial, e *ad hoc*, ou antes *ad hominem*, dispensando todos os estudos preparatorios, e todas as condições de idade, de pratica, e de costumes, que justamente se exigem aos que se pretendem habilitar decentemente, e com devido respeito ás leis do paiz, a um candidato, ou aspirante, que teve a coragem de affrontar, e remover, todas as difficuldades e obstaculos que se oppunham á execução de tão flagrante injustiça.

Gloria para o aspirante; vergonha eterna para quem correu para tão inaudito acto de parcialidade a favor de quem nenhuns merecimentos tinha para obter um diploma



de pharmaceutico, que aliás lhe foi dado por uma universidade, a qual por sua vez tambem dispensou para se conseguir o mesmo fim regras e formalidades, que lhe marcam os seus estatutos; e note-se que tudo isto se faz e se passa nas regiões governativas, onde incessantemente se acoimam de falta dos indispensaveis conhecimentos scientificos aquelles a quem nas mesmas regiões se tem concedido dispensas de preparatorios e mais condições legais.

Todos estes factos, que não podem deixar de ser considerados por esta sociedade como absurdos e contrarios ao regular andamento no exercicio da pharmacia em Portugal, teem dado logar a repetidas reclamações, feitas em representações, dirigidas já ao governo, já aos corpos legislativos, representações que não teem sido attendidas, apesar das muitas promessas feitas por diversos ministros e parlamentares, a que teem sido dirigidas.

Ainda ha pouco, as mais fagueiras esperanças nos eram dadas por quem as podia dar; mas, senhores, foram passageiras e desappareceram, senão para todos nós, para mim, que estou cansado de as ouvir sem resultado algum mais, do que consolidar-me na descrença de que alcancemos as reformas a que temos todo o direito!

E se no ramo da instrução pharmaceutica reina a anarchia e confusão, de que vos fallo e que bem conheceis, não são ellas menores no exercicio da pharmacia, que devendo ser regulado pela lei de dezembro de 1868, é ella letra morta, consentindo-se, e protegendo-se toda a especie de intrusos, que a exercem franca, clara e livremente, como em paiz nascente, onde não tivessem chegado ainda a hora de organizar a sua administração. E mais poderemos dizer, que é mesmo perigoso dirigir ás competentes auctoridades reclamações, ou queixas contra taes intrusos, pois, por experiencia temos visto, que em seguida a taes queixas ou reclamações, são os queixosos, ou reclamantes os perseguidos, deixando em doce paz os queixados, contra quem se levantavam reclamações.

Bastantes exemplos antigos, e *muito modernos*, vos po-

deriamos apresentar n'este momento, senão fosse incompativel com a occasião e logar a citação de nomes, e especialidades d'esta natureza.

Deverá esta sociedade, em presença da indifferença dos governos ás suas reclamações, e representações, abandonar o campo, e deixar ao acaso a futura sorte da nossa classe? É esta uma questão das mais importantes, para que não posso deixar de chamar a vossa attenção: sei que em nosso seio temos quem advogue o abandono d'estas questões, e tambem quem opte pela constancia nas reclamações, que por incessantes e persistentes poderão um dia mover o animo d'algum ministro, devidamente instruido, e que se entregue ao estudo das necessidades da classe, que são egualmente as da saude dos povos. Em presença, pois, d'esta diversidade de opiniões sobre o caso, muito convirá que esta sociedade se occupe do seu estudo, para que se possa tomar uma resolução definitiva.

O exercicio pratico da pharmacia chamou sempre a attenção dos antigos pharmaceuticos, que em verdade davam muito mais valor á perfeição dos seus preparados, e ao aperfeiçoamento dos processos empregados em os obter, do que mesmo ás theorias, pelas quaes se podiam explicar as reacções, porque passam as materias primas empregadas, e os phenomenos, que se manifestam durante sua elaboração.

A parte vegetal lhes merecia toda a attenção, e não eram poucos os pharmaceuticos, que não confiando a colheita das plantas, que tinham de empregar, a individuos analfabetos, faziam amiudadas excursões, e consideravam as *herborisações*, como a parte mais principal dos conhecimentos do pharmaceutico. E a rasão d'este escrupulo na escolha da época da colheita das plantas é obvia. Respeitando os direitos de seus clientes, que, confiando sua saude, e vida aos seus cuidados, a elles se soccorriam, quando necessitavam de alivio aos seus padecimentos, elles reconheciam a obrigação que lhes assistia, de cumprir religiosamente as prescripções, que lhes eram feitas, empregando

as plantas verdadeiras, e colhidas nas épocas, que eram proprias, sem o que, mal podiam contar com o bom resultado de suas applicações.

Ora se esses cuidados na colheita das plantas medicinaes, e não inferiores na obtenção das substancias que nos fornecem os reinos animal e mineral, eram necessarios nas épocas que nos ficam anteriores, muito maiores attenções deve merecer ao pharmaceutico actual a aquisição de todas as substancias de que tem de se sortir, pois que o desenvolvimento das sciencias, que tanto tem concorrido para o seu progresso e aperfeiçoamento, tem tambem sido aproveitado pelos especuladores, para falsificar e adulterar os mais preciosos medicamentos, tornando-os inuteis, quando não perigosos em sua applicação.

E esta tendencia para a falsificação, e adulteração, está de tal modo generalizada, que devemos desconfiar de tudo, e de todos, para evitarmos o cahir em grandes e perniciosos erros, prejudicando a saude e bem estar de nossos clientes, e não menos o nosso credito de pharmaceutico habil e honrado.

E não se diga que exageramos, quando declaramos como frequentes, e quasi geraes, as falsificações com que apparecem actualmente as substancias medicinaes nos mercados: a adulteração tem chegado aos mais preciosos medicamentos, comprehendendo não somente os de preço elevado, que mais podiam attrahir a cubica, ambição, e egoismo dos mercadores, mas até aos de preço mais inferior, o que nos faz pensar que estas falsificações e adulterações não são somente filhas do desejo de ganhar grandes fortunas em pouco tempo, mas tambem de uma doutrina, que se tem desenvolvido, para pôr de parte a lealdade commercial, que outr'ora se encontrava, adoptando em seu lugar a especulação, muitas vezes bem grosseira.

As falsificações dos medicamentos e substancias medicamentosas é um outro ponto, para que devo chamar a vossa attenção. Em França, paiz onde existem officinas destinadas exclusivamente a fazer as falsificações, teem estas tomado

tal incremento, que resolveu a sociedade de pharmacia de Paris a tratar vivamente d'este importante assumpto, fazendo do seu estudo o thema de suas discussões, as quaes estão actualmente dando os melhores resultados.

Ali, porém, se por um lado se encontram homens, cujo trabalho consiste em fazer imitações, com que possam substituir os verdadeiros artigos por outros, sem as propriedades d'aquelles que imitam; por outro lado existem sabios pharmaceuticos, que em seus laboratorios examinam, e estudam taes falsificações, tornando-as bem conhecidas, e ensinando o meio de as reconhecer, para que possam ser despresadas como convem.

Implantar entre nós o uso de não empregar as substancias medicinaes, que nos são fornecidas pelo commercio, sem serem competentemente estudadas e analysadas, seria um grande serviço, feito a beneficio dos doentes, e não menos do credito dos individuos que compõem a nossa nobre classe.

E este expediente vae sendo tanto mais necessario, quanto é certo, que o commercio d'essas substancias tem ido resvalando para as mãos de individuos sem instrucção alguma, pela maior parte completamente analphabetos, que, por isso mesmo que ignoram o que são as substancias medicamentosas e o alto valôr em que se deve ter a sua pureza, nenhuma duvida teem em adulterar, falsificar, e substituir as que se lhes pedem, manejando-as como quem tem os conhecimentos, e as habilitações necessarias, para as espedir. A sua provada ignorancia, n'este ponto, os leva a intrometter-se em attribuições, que as leis lhes vedam, mas que a criminosa tolerancia das auctoridades lhes permite, tornando-se uns verdadeiros e perigosos intrusos no exercicio da pharmacia, em prejuizo dos doentes, que, alluciados por uma fantastica economia pecuniaria, com que os iludem, confiam seu tratamento a quem os pôde sacrificar.

Dirijamos, pois, nossa attenção para este importante ponto, e não serão frustrados nossos esforços, empregados para obter as mais puras substancias medicamentosas.

Ha um anno, senhores, no meio da nossa festa commemorativa do meio seculo de nossa existencia legal, tivemos de suspender por um pouco nossa alegria, para dar conta do passamento de um dos mais prestantes membros, seu instituidor ! Ainda não está esquecido, nem o será jámais, aquelle que nos acompanhou constantemente, durante aquelle longo periodo, nos nossos trabalhos : aquelle que nunca recuou diante das difficuldades e obstaculos, que se apresentavam para evitar nossa constituição : aquelle, que soube resistir com a mais louvavel energia ás seducções, que se lhe faziam para que abandonasse os seus collegas n'esta ardua tarefa, a que se dedicavam: aquelle, finalmente, que passou por grandes dissabores, por ter concorrido para a exaltação da classe pharmaceutica, livrando-a, quanto possivel, do jugo que a opprimia ! E' certo que as duras correntes, que a agrilhoavam, não desapareceram ainda de todo; é certo que ainda se pretende não somente conservar-as, mas talvez augmentar o seu rigoroso aperto; mas a verdade é que, se todos nos unirmos, formando uma barreira compacta, serão frustrados os desejos, empenho, e trabalhos de nossos inimigos, e sahiremos victoriosos d'essa campanha, em que mais ou menos claramente nos achámos empenhados.

Esta sociedade, senhores, tem a mais honrosa historia do seu meio seculo: durante elle trabalhou sem cessar pelo bem publico; promoveu sempre os maiores beneficios para a saude publica; nunca esqueceu os fins de sua instituição; por muitas vezes tem sido consultada pelas auctoridades de diversas gerarchias sobre negocios de seu fóro, tendo recebido as mais claras demonstracções de terem sido bem aceites seus pareceres, e attendidas suas opiniões.

Agora, nós, os da actualidade, temos rigorosa obrigação de a continuar a elevar no conceito e opinião publica, e de não a interrompermos na sua marcha gloriosa. E de certo assim acontecerá; por quanto, se os homens da geração que vae desaparecendo, com coragem e abnegação a crearam, desenvolveram, e illustraram, aos da presente



geração facil lhes é engrandecel-a, por quanto, além de encontrarem o edificio construido e bem ornamentado, sobram-lhes os meios moraes e materiaes, de aperfeçoarem qualquer cousa que possa ter escapado aos nossos antecessores, a quem devemos respeito e gratidão pelos beneficios que promoveram a bem da classe.

O anno que findou, não foi, é verdade, dos mais prosperos para esta sociedade; mas os inconvenientes, que appareceram ultimamente, devemos removel-os com toda a energia, dedicando toda a nossa attenção a prehencher os fins de sua instituição.

Uma união compacta de todos os seus membros, nos dará força para conseguir o seu aperfeçoamento nos diferentes ramos de seu serviço.

Membros dedicados, e é d'estes o maior numero, não nos faltam. Aproveitando a sua boa vontade, nós teremos no presente anno uma vida brilhante, em que resplandecerão os trabalhos que completarmos; e mereceremos os applausos de todos, que se interessam pelo publico.

O estado financeiro da sociedade, como acabaes de ouvir, prospero cada vez mais, nos deve gloriar, visto que não temos de lutar com difficuldades, que sempre transtornam o bom andamento de corporações d'esta ordem. Os seus creditos, ganhos á custa dos bons serviços prestados, tem dado em resultado o consideravel numero de pharmaceuticos, que tem instado pelo seu recebimento em nosso seio. São estes novos socios, outros tantos campões, com que devemos contar para o desenvolvimento de nossos trabalhos scientificos. O maior numero d'elles, tendo acabado de ser instruidos nas mais modernas theorias das sciencias naturaes, nos prestarão auxilio com sua sciencia, para que nossos trabalhos mereçam a approvação e o applauso de todos os que exercem qualquer ramo das sciencias medicas.

As discussões scientificas, em que cada um de vós mostre quanto tem sido de vantagem o estudo obrigatorio das sciencias naturaes, da physica, e da chymica em especial, darão decerto os mais proficuos resultados, assim para o

credito desta sociedade, como de cada um de seus membros, que, empenhando-se n'estas uteis discussões, se illustrarão, illustrando ao mesmo tempo os seus dedicados collegas.

Façamos d'estas discussões uma especie de ensino mutuo, onde cada um communique á associação o fructo bem sazonado de seus trabalhos, e seja por momentos um relator, sendo logo depois um ouvinte de outro escrupuloso, e assiduo collega. As nossas pharmacias, que desde as mais remotas epochas teem sido o manancial, donde teem sahido os mais notaveis naturalistas, e os mais sabios chimicos, podem, e devem continuar a ser a casa de estudo pratico das operações pharmaceuticas, e chimicas, que tanto se confundem em seus processos, e em seus fins. Pois que são a maior parte dos preparados pharmaceuticos, senão o producto de reacções chimicas, passadas entre os elementos que os constituem? Não vemos nós, que é raro o fazermos uma mistura de duas substancias, em que se não desenvolvam fenomenos, mais ou menos pronunciados, que estão mostrando, que entre ellas se passam reacções, e que muitas vezes não podemos explicar pela exiguidade d'esses fenomenos, mas que mais tarde nos são ellas confirmadas pela nova fórma, que tomou o producto, pelas novas propriedades, que elle adquiriu?

Quantas vezes, durante a preparação de um medicamento nos acontecem factos d'estes? Pois são estes, que devem ser trazidos ao seio d'esta sociedade, que devem aqui ser estudados, e avaliados por bem dirigidas discussões, em que se envolvam, e empenhem os esclarecidos collegas, que em abundancia os temos, para que de taes estudos, e discussões saia o conhecimento da verdade, que a todos nós convem conhecer.

As discussões scientificas illustram tanto aquelles que tomam parte activa n'ellas, como aquelles que se conservam simples ouvintes, e que com tudo não merecem menos respeito e consideração que os primeiros.

Convençamo-nos todos d'esta verdade, e unamo-nos to-

dos da melhor vontade, e com o maior empenho, para seguir este caminho, com o que concorreremos para tornar cada vez maior o credito e brilhantismo d'esta sociedade.

Lembremo-nos que seu credito e brilhantismo se reflecte em cada um de nós: assim como que seriamos justamente accusados, se por indiferença, ou negligencia, a fizessemos descer do alto conceito a que tem chegado, o que aliás não é de esperar.

O exemplo dos nossos antecessores, e o reconhecimento das suas vantagens, são incentivos bastante fortes para que esta sociedade encontre sempre em seus membros zelosos campioes, que a façam prosperar.

A terrivel Parca, ainda durante este anno findo, nos roubou alguns collegas, cuja falta não podemos deixar de lamentar! entre elles, como ouviram do nosso distincto secretario, figuram alguns, que serviram importantes cargos com a maior dedicação, com o maior zelo, e a mais reconhecida honradez. São faltas irremediaveis, e que só as podem supprir a boa vontade dos novos associados, que cheios de vida, de força e de sciencia, se prestem a servir os mesmos cargos com egual dedicação. E assim é de esperar de sua illustração, e das favoraveis condições, em que em geral se encontram.

A sociedade conta actualmente no numero de seus membros, apenas *tres*, dos muitos que figuraram na primitiva lista de seus instituidores. D'aqui os felicitamos, dirigindo-lhes um fraternal abraço, e um aperto de mão de sincero amigo, fazendo votos para que lhes possamos dirigir eguaes felicitações durante muitos annos, como o merecem, tendo-se sempre tornado dignos do nosso reconhecimento e gratidão.

Reconhecimento e gratidão devo tambem aos meus nobres collegas, membros desta sociedade, que, pondo de parte a incompetencia, que me tem produzido a idade, e a falta de forças, para exercer este logar, me teem dado seus votos, que de certo recairiam muito melhor, e muito mais vantajosamente para ella, dados a individuos cheios

de força, e de vigorosa intelligencia, que applicando-as aos seus serviços a elevariam ao nivel das mais sabias e respeitaveis sociedades, como é mister e todos desejamos.

Disse.

Encerrou se a sessão, eram 10 horas da noite. — O 2.<sup>o</sup> secretario, *Francisco José Malato*.

## VARIÉDADES

**Dr. Joaquim José Alves.** — Com a devida venia transcrevemos da *Gazeta de Pharmacia* a noticia seguinte: — Está já em Paris, de volta da sua digressão pela Allemanha, Suissa, Italia e outros paizes, o nosso dedicado amigo e illustradissimo collaborador, o sr. dr. Alves. Acha-se completamente restabelecido, e deve já ter começado a frequentar o curso de chimica do eminente professor Brouardel, que o está iniciando na pratica dos ultimos progressos da sciencia — a bacterioscopia. Folgamos de ver que o sr. dr. Alves, que não é moço, com quanto ainda esteja no vigor da vida e na idade em que mais desenvolvida se encontra a intelligencia, ainda vá beber a purissimas fontes o ensino que deve depois ministrar áquelles que, como nós, o contam como o mais desvellado mestre e um dos collegas mais sabedores.

**Curvas de solubibilidade.** — A solubibilidade dos saes a diversas temperaturas póde ser representada graphicamente por meio de linhas designadas *curvas de solubibilidade*.

Para traçar a curva de solubibilidade d'um sal, dividem-se em partes eguaes os lados d'um angulo recto; nas divisões de um d'elles marcam-se os grãos de temperatura, e nas do outro as partes do sal dissolvidas n'uma dada quantidade de agua; determinados que sejam aquelles e estas, levantam-se, nos pontos correspondentes, perpendiculares aos respectivos lados do angulo, as quaes se encontram necessariamente; unem-se os pontos de encontro por uma linha que é a pretendida curva de solubibilidade do sal.

S. M.

**O ensino pharmaceutico e o congresso de Bruxellas.**—Tendo-se referido o sr. segundo secretario no seu relatorio, lido na ultima sessão solemne e publicado n'este jornal, ao congresso pharmaceutico que se reuniu ha um anno em Bruxellas, isto a proposito da supposta conveniencia de haver duas classes de pharmaceuticos, julgamos opportuno dar uma breve noticia do que se passou a respeito do ensino pharmaceutico n'esta douta assembléa, que era composta de homens notaveis pelo seu muito saber, e dos quaes citaremos os seguintes: Stas, Melsens, Chaudelon, Kubour, J. B. Gille, Depaire, Dragendorff, Von Waldheim, Lotze, Van Bastelaer, Greenish, A. Petit, Mehu, Mosca, Dittrich, Redwood, L. de Nobeles, Hugnet, Genevoix, etc.

O sr. Nobeles apresentou ao congresso um bem elaborado relatorio que permite avaliar o estado actual dos estudos pharmaceuticos nos differentes paizes, como tambem fornece uma base solida para as discussões sobre este assumpto.

O congresso adoptou as seguintes conclusões:

1.º Estabelecer, onde não existir ainda, um diploma que dê unicamente direito ao exercicio da pharmacia;

2.º Exigir dos aspirantes á profissão pharmaceutica os mesmos estudos preparatorios impostos aos medicos e doutores em sciencias;

3.º Organisar um programma contendo o minimo dos conhecimentos que devem possuir os pharmaceuticos em todos os paizes;

4.º Substituir os titulos que existem actualmente de pharmaceutico, ou de quaesquer outros synonymos, pelo de doutor em pharmacia;

5.º Crear nos diversos paizes o diploma de auxiliar de pharmacia;

6.º O titular poderá ser substituido em sua ausencia por pessoa que possua o diploma de pharmaceutico ou de auxiliar.

O Congresso pronunciou-se por grande maioria em favor da idéa de haver uma só classe de pharmaceuticos. O sr.



Canizarro, delegado official do governo italiano, disse que na Italia foi necessario diminuir a somma de conhecimentos exigida dos pharmaceuticos, para facilitar o recrutamento militar a que estão sujeitos. Que existe ali para os que completam os seus estudos o diploma de doutor em pharmacia.

Sobre o assumpto apresentaram notaveis trabalhos os srs. Huguet, professor adjuncto em Clermont-Ferrand e Genevoix, discorrendo este ultimo sobre a importancia do tirocinio nas pharmacias.

A tal respeito a *Wiener Apotheker Verein* havia proposto que se permittisse aos pharmaceuticos admittirem em suas officinas auxiliares de qualquer nacionalidade, desde que houvessem prestado exame provando as suas aptidões.

Essa indicação tinha como causa o facto de ser na Austria indispensavel, para ser admittido em uma pharmacia, haver seguido todos os estudos classicos exigidos dos pharmaceuticos austriacos, o que vale o mesmo que excluir em absoluto os estrangeiros.

Ampliando e generalizando a questão, o Congresso adoptou as seguintes conclusões:

1.º E' facultativo aos pharmaceuticos estabelecidos contractarem auxiliares de qualquer nacionalidade, entendendo-se como *auxiliar* aquelle que, diplomado ou não, trabalha em uma officina sob a direcção do pharmaceutico;

2.º Será válido em todos os paizes o tirocinio legal exigido dos alumnos de pharmacia, após a verificação de haver sido feito esse tirocinio em casa de um pharmaceutico legalmente approvedo.

Approveda esta segunda conclusão, pelos governos, o alumno com dois annos de tirocinio em Paris, por exemplo, poderia completal-o por meio de um anno de pratica em alguma pharmacia de Vienna ou de Londres. Adquiriria serio conhecimento de pharmacia pratica n'esses paizes, ao mesmo tempo que familiarisar-se hia com uma lingua estranha, com grande utilidade para as suas futuras relações scientificas e commerciaes.

## O commercio das alfazemas e a sua distillação no massiço de Ventoux

POR M. HENRI LAVAL, PHARMACEUTICO

(Continuado da pag 160)

O sr. Malavard, filho, distilla tambem a alfazema em grande escala. Sem mencionar os apparatus portateis, a fogo nu, e que funcçionam por sua conta na montanha, fundou em Villes uma officina que, de menor importancia do que a do sr. Mario, dá comtudo excellentes resultados.

O systema é o mesmo, e as plantas são egualmente tratadas a vapor; a fórma dos apparatus, porém, é differente.

As cucúrbitas destinadas a receber as plantas, em lugar de serem cylindricas, apresentam na parte superior e inferior uma saliencia que dá ao apparatus a forma d'um ovo. As plantas introduzem-se e extrahem-se por uma abertura lateral e anterior.

Cada uma d'estas cucúrbitas póde receber 100 kilogrammas de plantas. A operação renova-se quatorze vezes em 24 horas, elevando-se a 14 kilogrammas a quantidade de essencia obtida n'este lapso tempo, e, como os apparatus do sr. Malavard funcçionam durante dois mezes, a officina produz annualmente 700 kilogrammas d'essencia.

O sr. Malavard occupa-se tambem na preparação das flores d'alfazema; 100.000 kilogrammas de flores provenientes de dessecação de 300.000 kilogrammas de plantas frescas, sahem todos os annos das suas officinas para serem entregues ao commercio.

O sr. Belon. — Até agora temo-nos occupado do tratamento das alfazemas, seja a fogo nu, seja a vapor. O sr. Belon, de Bedoin, imaginou um systema que prefere aos dois processos. O seu apparatus compõe-se de dois cylindros de folha de ferro, tendo 3 metros d'altura e 1<sup>m</sup>,50 de diametro. Lança uma certa quantidade d'agua no fundo dos cylindros, baixando em seguida por meio de uma roldana um disco metallico com abertura, que se apoia sobre

cunhas collocadas um pouco acima da superficie do liquido. Sobre o disco colloca 75 kilogrammas d'alfazema que comprime com outro disco igual ao primeiro e que recebe, por sua vez, a mesma quantidade de plantas. Fecha então o aparelho com uma tampa de folha de ferro segura com chavetas, e aquece a agua com um forninho collocado de baixo dos cylindros.

O vapor d'agua atravessando as plantas arrasta a essencia, cuja condensação se effectua n'uma serpentina, que mergulha n'um refrigerante junto aos cylindros.

Cada cucurbita póde conter 250 kilogrammas d'alfazemas; a operação renova-se cinco vezes durante o dia. O sr. Belon obteve d'este modo 12 kilogrammas d'essencia em 24 horas e 700 kilogrammas durante a estação.

No precedente estudo, limitei-me a distinguir as pessoas que, distillando as alfazemas n'uma escala muito desenvolvida, deram a esta operação o caracter d'uma verdadeira industria. Além d'estes industriaes veem distilladores das localidades visinhas dos terrenos productores de alfazemas e mesmo de Grasse (Alpes Maritimos), os quaes se dedicam tambem á distillação das alfazemas e obtem com aparelhos portateis a fogo nú, quantidades d'essencia que ainda não consegui determinar com exactidão.

Não tenho, por fim, a pretensão de ter tratado completamente este assumpto; outros mais competentes d'elle se occuparão d'uma maneira mais completa.

O estudo das industrias locais, na maior parte dos paizes, está quasi incompleto. Fazendo a historia d'uma d'essas industrias não tive em vista senão indicar o caminho que os nossos collegas poderão seguir. Não faltará trabalho certo áquelles que tiverem a coragem de se dedicar a elle.

## SOCIEDADE PHARMACEUTICA LUSITANA

RESUMO DO BALANÇO GERAL DE RECEITA E DESPESA DO ANNO ECONOMICO  
DE 1885 A 1886

<b>Receita</b>		INSCRIPÇÕES	METAL
Saldo em cofre em 1 de julho de 1885 . . . . .	9:000\$000		427\$785
Quotas dos socios contribuintes . . . . .	-\$-		457\$200
Diplomas de 22 socios novos . . . . .	-\$-		26\$400
Juros d'inscripções . . . . .	-\$-		276\$000
Analyses toxicologicas feitas no laboratorio chimico . . . . .	-\$-		144\$000
Assignaturas do jornal . . . . .	-\$-		5\$940
Inscripções compradas, valor nominal . . . . .	200\$000		-\$-
<b>Reis . . . . .</b>	<b>9:200\$000</b>		<b>1:037\$325</b>
<b>Despesa</b>			
Impressão do jornal . . . . .	-\$-		133\$590
Analyses toxicologicas . . . . .	-\$-		108\$000
Compra de livros para a bibliotheca e assignatura de jornaes estrangeiros . . . . .	-\$-		25\$110
Encadernações de livros para a bibliotheca . . . . .	-\$-		3\$470
Renda da casa . . . . .	-\$-		200\$000
Contribuições . . . . .	-\$-		21\$990
Seguro de mobilia e utensilios . . . . .	-\$-		6\$000
Iluminação . . . . .	-\$-		15\$810
Ordenado do continuo . . . . .	-\$-		180\$000
Gratificação do escripturario . . . . .	-\$-		86\$400
Portes de jornaes e correspondencia . . . . .	-\$-		23\$840
Compra de livros e impressos e outras des- pesas de expediente . . . . .	-\$-		29\$130
Compra de moveis e utensilios, e concertos . . . . .	-\$-		15\$380
Despesas miudas . . . . .	-\$-		17\$215
Ditas extraordinarias . . . . .	-\$-		41\$800
Compra d'inscripções (200\$000 rs. a 46,3 %)	-\$-		93\$000
	-\$-		1:000\$735
<b>Saldo para o anno economico seguinte . . . . .</b>	<b>9:200\$000</b>		<b>36\$590</b>
<b>Reis . . . . .</b>	<b>9:200\$000</b>		<b>1:037\$325</b>

Secretaria da Sociedade Pharmaceutica Lusitana em 30 de junho de 1886 — O 1.º Secretario, *Alfredo da Silva Machado* — O Thesoureiro, *Pedro Fernandes da Cunha*.

## PEÇAS OFFICIAES

## Extracto das actas das sessões

SESSÃO DE 10 DE AGOSTO DE 1886—Presidencia do sr. commendador  
JOSÉ TEDESCHI

Abriu-se a sessão ás 8 horas.

Foi lida e approvada a acta da sessão antecedente. Leu-se tambem a acta da sessão de 11 de maio, sendo approvada.

O sr. 1.º secretario (*Silva Machado*) deu conta da seguinte correspondencia:

Um officio do sr. João Cardoso, pedindo para ser publicado no *Jornal da sociedade* um trabalho da sua lavra, intitulado *Horas de trabalho em Africa*. Enviou-se a commissão de redacção.

Um officio do *Centro Pharmaceutico*, que pediu varias informações, a que já respondêra o sr. 1.º secretario.

## ORDEM DA NOITE

A commissão revisora de contas apresentou o relatorio respectivo.

As conclusões, que foram approvadas, são as seguintes:

1.ª Que se approvem as contas da gerencia do anno de 1885 a 1886;

2.ª Que seja dado um voto de louvor ao conselho administrativo e á mesa da sociedade;

3.ª Que seja elogiado o funcionario encarregado da escripturação. (Assignados) *José Antonio Barreiros, Antonio Manuel Augusto Mendes, Antonio Augusto da Silva Pratas.*

## Eleições

Procedendo-se ao escrutinio, saíram eleitos:

Presidente—commendador José Tedeschi.

1.º vice-presidente—Guimarães Drack.

2.º vice-presidente—Alfredo Machado.

1.º secretario—Emilio Estacio.

2.º secretario—Francisco de Carvalho.

Nona serie.—Anno de 1886.



- 1.º vice-secretario—João de Jesus Pires.  
 2.º vice-secretario—Joaquim Antonio Vaz Leirinha.  
 Thesoureiro—Pedro Fernandes da Cunha.  
 Vice-thesoureiro—Antonio Augusto d'Ascensão.  
 Bibliothecario—Simões Terceiro.  
 Vice-bibliothecario—Prospero Meyrelles.

#### Commissões

##### CHIMICA

- 1.º operador—Dr. Joaquim José Alves.  
 2.º operador—Guimarães Drack.  
 3.º operador—Gomes de Mattos.  
 Supplente—Emilio Estacio.

##### PHARMACIA

- José Bento Coelho de Jesus.  
 Francisco de Carvalho.  
 Francisco d'Almeida Ferreira.  
 Supplente—Francisco Simões Serra.

##### SAUDE PUBLICA

- Dr. Sousa Martins.  
 José Mendes d'Assumpção.  
 José Antonio d'Oliveira.  
 Francisco José Malato—Supplente.

##### PHYSICA

- Manuel Vicente de Jesus.  
 Manuel Vicente de Jesus Abrantes.  
 Alfredo Mella.  
 Alves Barata—Supplente.

##### HISTORIA NATURAL

- José Mendes Jara.  
 Antonio Joaquim Pinto Junior.  
 José Ferreira da Silva.  
 Prospero Chaves Meyrelles—Supplente.

##### DIREITO PHARMACEUTICO

- Commendador José Tedeschi.  
 Oliveira Abreu.

Simões d'Abreu.

Pereira Pedroso—Supplente.

Em seguida pediu a palavra o sr. Alfredo da Silva Machado, que agradeceu o ter sido eleito 2.º vice-presidente e declarou que se congratulava com a sociedade pelo resultado das votações.

O sr. *Emilio Fragoso* manifestou o seu agrado pelo resultado da votação, que, para elle orador, significou mais alguma cousa do que o simples cumprimento d'uma formalidade. Que os socios eleitos para os primeiros cargos eram d'aquelles que mais d'uma vez na sociedade, tinham dito estar esta enfeudada a certos socios, e os factos agora vieram demonstrar que tal asserção não tinha fundamentos serios em que assentasse.

Que a assembléa procedêra bem, elegendo os srs. Estacio, Pires, Carvalho e Coelho de Jesus para os primeiros cargos, não só para que fosse desvanecida d'uma vez para sempre a má impressão que produziu em certos espiritos as declarações dos que diziam que a sociedade só elegia certos e determinados socios, como tambem porque elle, orador, desejava vêr cumpridas as promessas que se fizeram, de levantar a sociedade do abatimento em que se encontrava segundo as declarações então apresentadas.

Encerrou-se a sessão ás 11 horas. — Pelo 2.º secretario, *Antonio Joaquim Vaz Leirinha*.

SESSÃO DE 31 DE AGOSTO DE 1886—Presidencia do sr. SILVA MACHADO  
2.º vice-presidente

Estando presente numero legal de socios, o sr. presidente declarou aberta a sessão, eram 8 horas e meia da noite.

Foi lida e approvada sem discussão a acta da sessão anterior.

O sr. *Fragoso*, (servindo de 1.º secretario) fez a leitura da seguinte correspondencia :

1.º Um officio do sr. commendador José Tedeschi, participando não poder comparecer na sociedade, afim de tomar e dar posse aos funcionarios eleitos para os differentes cargos, e agradecendo com palavras extremamente agradaveis a distincta honra que a sociedade acabava de conferir-lhe, nomeando-o mais uma vez seu presidente.

2.º Do sr. Jacintho Serrão Burguete, da Barquinha, agradecendo ter sido eleito socio correspondente.

3.º Dos srs. dr. Thomaz de Carvalho e José Mendes Jára, convidando a mesa da sociedade a assistir a uma missa na parochial igreja de Santa Justa e Rufina, no dia 27 de agosto, missa que aquelles srs. mandaram celebrar por alma do nosso consocio Joaquim Sant'Anna Machado Figueira.

4.º Do sr. Mattos, pedindo a exoneração de 3.º operador da commissão de chimica.

5.º Da procuradoria regia, pedindo o laboratorio para ali se fazer uma analyse.—Concedido.

6.º Dos srs. Emilio Estacio, Francisco de Carvalho, João de Jesus Pires, José Bento Coelho de Jesus, Francisco d'Almeida Ferreira, e Alfredo Mella, em que apresentavam escusa dos logares para que tinham sido eleitos na sessão de 10 de agosto.

O sr. *Pratas*, lembrou que se officiasse aos socios que pediram escusa, instando para que desistam d'aquelle intento.

O sr. *Silva Machado*, presidente, respondeu que em tempo foi praxe fazer-se o que s. ex.<sup>a</sup> pedia, mas que julgava isso agora desnecessario, porque tinha quasi a certeza que aquelles senhores não acceitavam.

O sr. *Fragoso*, declarou que não era da opinião do sr. *Pratas*; concordava com a resposta do sr. presidente, e votava para que na proxima sessão se procedesse a novas eleições.

O sr. *Assumpção* disse que ficou summamente satisfeito por a sociedade ter escolhido para os differentes cargos, socios que com o seu concurso podiam servir de muito ;

lamentou que a maior parte não acceitasse os logares para que tinham sido eleitos; e acrescentou que sendo socio ha quarenta e tantos annos, nunca tinha visto uma sessão tão pouco concorrida, vendo n'isto a má vontade dos collegas.

O sr. *Fragoso*, referindo-se ao que acabava de dizer o sr. *Assumpção*, disse mais, que sentia não estarem presentes alguns socios, para fazer algumas perguntas, visto em tempo terem escripto em differentes jornaes, que só pharmaceuticos de primeira classe occupavam os cargos da sociedade; e lastimou com magua que o sr. Pires não acceitasse por falta de saude.

O sr. *presidente*, pediu que se lançasse na acta um voto de agradecimento ao sr. *Tedeschi*, por ter mais uma vez accitado a presidencia.

O sr. *Assumpção*, associando-se á idéa do sr. *Machado*, pediu que se officiasse, agradecendo a s. ex.<sup>a</sup> por mostrar desejos de servir tão espinhoso encargo apesar do seu estado de saude, idade e trabalho.

#### ORDEM DA NOITE

Passou-se á admissão de socios, e foram eleitos effectivos, os srs. *Abel Augusto Leitão de Figueiredo*, e *Matheus Soares das Neves*.

Teve primeira leitura um parecer da commissão de pharmacia.

O sr. *presidente* declarou que por esquecimento não tinha apresentado ha mais tempo á sociedade, um officio do sr. *Antonio Candido da Cruz*, demittindo-se de socio, e agradeceu em nome do sr. *Sousa Telles* as manifestações de apreço que aquelle senhor recebeu de todos os collegas durante a sua doença. Manifestou desejos de se nomearem delegados nas cidades mais importantes como: *Porto*, *Braga* e outras, acabando por pedir desculpa de algumas irregularidades por elle commettidas como director da commissão de redacção na ausencia do sr. *Guimarães Drack*, que proxivamente reassumiria o seu logar.

O sr. *Assumpção*, elogiou muito o sr. *Machado*.

O sr. *Fragoso*, perguntou ao sr. presidente se tinha sido offerecida á sociedade uma obra agora publicada e distribuida profusamente por todos os medicos, pelo socio Emilio Estacio.

O sr. *presidente*, declarou que sabia particularmente da publicação do sr. Estacio e que, comquanto até á presente data, ella não tivesse sido offerecida, estava certo que o digno socio não deixaria de enriquecer a nossa bibliotheca com algum exemplar.

Não havendo mais nada a tratar, encerrou-se a sessão eram 10 horas e meia da noite. — O 2.<sup>o</sup> vice-secretario, *Joaquim Antonio Vaz Leirinha*.

SESSÃO DE 12 DE OUTUBRO DE 1886 — Presidencia do sr. SILVA MACHADO  
2.<sup>o</sup> vice presidente

Abertura da sessão ás oito horas da noite.

Foi lida e approvada por unanimidade a acta da sessão antecedente.

O sr. *Fragoso* (servindo de 1.<sup>o</sup> secretario) fez a leitura da correspondencia seguinte:

1.<sup>o</sup>—Um officio do sr. Francisco José Pereira, do Cartaxo, agradecendo ter sido admittido membro correspondente nacional.

2.<sup>o</sup>—Do sr. Gabriel de Sousa e Silva, accusando a recepção do officio que lhe foi dirigido em nome da mesa da sociedade, e agradecendo.

3.<sup>o</sup>—Do sr. Nuno Salgueiro, do Porto, pedindo desculpa por não ter respondido ha mais tempo ao officio que lhe foi enviado, e agradecendo a nomeação de socio.

4.<sup>o</sup>—Da procuradoria regia, pedindo o laboratorio, para ali se fazer uma analyse toxicologica. Concedido.

#### ORDEM DA NOITE

Corrido o escrutinio, sairam eleitos por maioria de votos:

1.<sup>o</sup> Secretario, Emilio Fragoso.

2.<sup>o</sup> Secretario, J. A. Vaz Leirinha.

1.<sup>o</sup> Vice secretario Augusto de Oliveira Abreu.



**Commissão de chimica**

Alfredo da Silva Machado, terceiro operador.  
Emilio Fragoso, supplente.

**Commissão de pharmacia**

Pedro Fernandes da Cunha.  
Joaquim Antonio Vaz Leirinha.  
Joaquim Simões Serra.

Para a commissão encarregada de promover judicialmente os processos contra os individuos que, sem serem pharmaceuticos, aviam receitas medicas, foi eleito vogal o sr. Domingos Francisco da Silva Nogueira.

Teve segunda leitura e foi approvedo sem discussão um parecer da commissão de pharmacia.

O sr. *Fernandes da Cunha*, communicou que o nosso consocio Temotheo Rodrigues Avelino o encarregára de fazer as suas despedidas á sociedade, offerecendo o seu prestimo no Rio de Janeiro, e pedindo desculpa de não vi pessoalmente, por ser apressada a sua retirada.

O sr. *Malato* agradeceu as provas de sympathia e boa camaradagem que os collegas na mesa lhe dispensaram durante o tempo que serviu de 2.º secretario.

O sr. *Jára* fez varias considerações sobre o modo como os pharmaceuticos deviam proceder para com a *Sociedade Pharmaceutica*.

Eram 40 horas encerrou-se a sessão.—O 2.º vice secretario, *Joaquim Antonio Vaz Leirinha*.

**PHARMACIA****Sobre o sulfato de quinina**

O sr. Vry, em uma communicação feita recentemente á *Academia de medicina*, mostrou o resultado de suas analyses sobre a composição dos sulfatos de quinina fabricados

nos diversos paizes, e por onde se vê que o sulfato de cinchonidina se encontra em elevada proporção no sulfato basico, ou do commercio. Assim, o sulfato de quinina de fabricação franceza, apresenta a composição seguinte:

	Marca das tres firmas	Marca Thomaz
Sulfato de quinina.....	73,790	76,282
Sulfato de cinchonidina.....	12,448	9,072
Agua de crystallisação.....	13,762	14,646
	100,000	100,000

Segundo a opinião do celebre quinologo hollandez, a presença da cinchonidina nos sulfatos de quinina do commercio é apenas a consequencia natural d'uma lei chimica e não o effeito d'uma adulteração fraudulenta. Effectivamente, em virtude d'esta lei, é impossivel fabricar com as cascas actuaes relativamente ricas em cinchonidina, um sulfato de quinina basico isento de cinchonidina; mas é, pelo contrario, muito facil preparar com as mesmas cascas sulfato neutro em boas condições de puresa.

Se o sulfato de quinina preparado por Pelletier e Caventou não continha senão vestigios de cinchonidina, é porque este ultimo alcaloide existia nas cascas de quina então empregadas, em insignificante quantidade, ao passo que as que se empregam actualmente o conteem em elevada proporção.

Para fabricar sulfato basico de quinina é, pois, necessario modificar os processos usados até hoje, preparando primeiro o sulfato neutro, que crystallisa puro, transformando-o depois em sulfato basico, que fica então isento de cinchonidina.

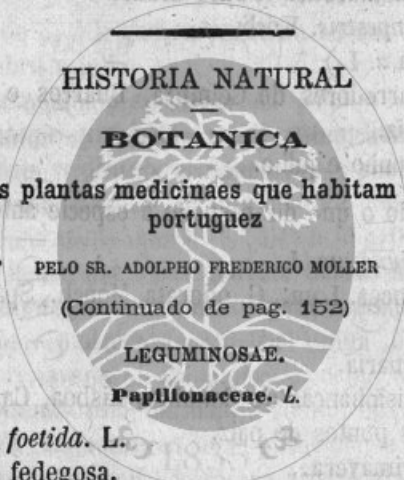
Este processo tem porém o inconveniente de produzir um sulfato de quinina que não é bem recebido pelo commercio por ser muito pesado e não ter o aspecto de crystaes aciculares sedosos, que apresenta o sulfato de quinina preparado pelos processos ordinarios.

O sr. Vry aconselha, como meio de obviar a taes inconve-

nientes, a proscricção do sulfato de quinina basico ou neutro; que se faça uso do chlorhydrato de quinina, sal que se obtem chimicamente puro contendo 81,6 por 100 de alcaloide.

O sr. Armez de Lille, fabricante de sulfato de quinina da marca das taes firmas, protestou contra a communicacção do sr. Vry, mas este confirmou o que havia deposto, e fez com que a academia nomeasse uma commissão para estudar o methodo de analyse optica de Oudemans.

S. M.



HISTORIA NATURAL

BOTANICA

Catalogo das plantas medicinaes que habitam o continente portuguez

PELO SR. ADOLPHO FREDERICO MOLLER

(Continuado de pag. 152)

LEGUMINOSAE.

*Papilionaceae.* L.

*Anagyris foetida.* L.

Anagyris fedegosa.

Hab. nas visinhanças de Serpa, Tavira e Loulé.

Flor. em abril.

P. u. as folhas e sementes.

Emp. as folhas como emeto-catharticas e as sementes como emeticas. Pouco usada.

*Lupinus albus.* L.

Tremoceiro ordinario.

Planta originaria de Oriente e muito cultivada no nosso paiz, principalmente nas provincias do norte. Encontra-se ás vezes quasi espontanea.

Flor. na primavera.

P. u. a farinha (sementes em pó).

Emp. como vermifugo, purgativo e resolutivo. Pouco usado.

*Ononis procurrens*. Wallr.<sup>1</sup>

(*O. mimiana*. Plan.)

Restaboi, Rilhaboi, Unhagata.

Hab. nas visinhanças de Coimbra, Celorico da Beira, Lisboa, Alter do Chão, Santarem, Montargil, Porto, Caldas de Molêdo e em outros pontos do paiz.

Flor. de maio a julho.

P. u. a raiz.

Emp. como diuretica. Pouco usado.

*Ononis campestris*. Koch.

(*O. spinosa*  $\alpha$ . L.)

Hab. nos arredores de Coimbra, Buarcos e em outros pontos do paiz.

Flor. em junho e julho.

P. u. } Tudo o que diz respeito á especie antecedente.

Emp. }

*Spartium junceum*. L.

(*Genista juncea*. Lam., *G. odorata*. Monch., *Sparthianthus junceus*. Lk.)

Giesta ordinaria.

Hab. nas visinhanças de Coimbra, Lisboa, Cascaes e em muitos outros pontos do paiz.

Flor. na primavera.

P. u. as sementes.

Emp. como diureticas e emeto-catharticas. Pouco usada.

*Sarothamnus grandiflorus*. Wbb.

(*Spartium grandiflorum*. Brot., *Cytisus grandiflorus*. D. C.

*C. affinis*. Bss., *Sarothamnus affinis*. Bss., *S. virgatus*. Wbb.)

Giesteira das seves.

Hab. nas visinhanças de Coimbra, Guarda, Serra da Estrella, Cantanhede, Foja, Marinha Grande, Faro e outros pontos do paiz, principalmente nas provincias do norte.

Flor. em março e abril.

<sup>1</sup> Variedades:  $\alpha$ . vulgaris. Lge. (*O. spinosa*  $\beta$ . L.);  $\beta$ . mitis. Lge;  $\gamma$ . spinosissima Lge.

P. u. as summidades e sementes.

Emp. como diureticas e purgativas. Pouco usado.

*Sarothamnus scoparius*. Koch <sup>1</sup>.

(*S. vulgaris* Wimm., *Cytisus scoparius* Lk., *Spartium scoparium* L.)

Giesteira das vassouras.

Hab. nas visinhanças de Bragança, Serra do Gerez, Braga, Evora monte, Serpa, margens do Guadiana e Monchique.

A variedade  $\beta$ . é a que se encontra ao sul do paiz.

Flor. de abril a julho.

P. u. as sementes e summidades.

Emp. o mesmo que o da especie antecedente.

*Pterospartum tridentatum*. Spach.

(*Genista tridentata*. L.)

Carqueja.

Hab. nas visinhanças de Coimbra, Serras da Estrella e do Gerez, Portalegre e em outros pontos do paiz nos terrenos incultos e pinhaes.

Flor. na primavera.

P. u. as summidades floridas.

Emp. como diaphoreticas <sup>2</sup>.

*Anthyllis vulneraria*. L. <sup>3</sup>

Vulneraria.

Hab. nas visinhanças de Coimbra, Bragança, Mirandado Corvo, Lisboa, Cintra, Caparica, Portalegre e em outros pontos das nossas provincias do Douro, Traz-os-Montes, Beira e Extremadura.

Flor. em maio e junho.

P. u. toda a planta.

Emp. como resolutiva.

*Trigonella foenum-graecum*. L.

<sup>1</sup> Variedade  $\beta$ . *leiostylus*.

<sup>2</sup> Habitam no paiz ainda outras especies de carqueja que a podem substituir taes como: *Pterospartum lasianthum* Spach, *P. scolopendrium* Spach, *P. ste-nopterum* Spach, *P. Cantabricum* Spach.

<sup>3</sup> Variedades:  $\alpha$ . *albiflora*,  $\beta$ . *flaviflora*,  $\gamma$ . *rubriflora*.



Alforva, Hervinha, Feno grego.

Hab. nas nossas provincias da Extremadura e Alemtejo.

Flor. na primavera.

P. u. as sementes.

Emp. como mucilaginosas, e emollientes.

*Melilotus officinalis*. Lam.

(*M. arvensis*. Wallr.; *M. diffusa*. Koch.; *M. Petitpierreana*. W.; *M. officinalis*. L. ex. p.)

Trevo de cheiro, corôa de rei.

Hab. no Douro, e Trás-os-Montes. (Brot.)

Flor. no estio.

P. u. as summidades floridas.

Emp. como bechico, e levemente adstringente.

*Melilotus parviflora*. Desf.

(*M. indica* All.)

Hab. nas vizinhanças de Coimbra, Buarcos, Lisboa, Cascaes, Almada, Alcochete, Beja e Faro.

Flor. em maio a julho.

P. u. } Tudo o que diz respeito á especie antecedente.

Emp. }

*Trifolium repens*. L.<sup>1</sup>

Trevo.

Hab. nas vizinhanças de Coimbra, Braga, Vizella, Bussaco, Serra da Estrella, Leiria, Lisboa, Cintra, Montargil, Portalegre, Faro e em quasi todo o paiz.

Flor. de junho a agosto.

P. u. as folhas.

Emp. para fazer o unguento de trevo<sup>2</sup>.

*Glycyrrhiza glabra*. L.

Regoliz, alcaçus ordinario.

Hab. nas vizinhanças de Torres Vedras, entre Vallada e Castanheira e em outros pontos da Extremadura, Alemtejo e Beira.

<sup>1</sup> Variedade  $\beta$ . proliferum.

<sup>2</sup> Pode-se substituir pelo *T. pratense* L. muito frequente em quasi todo o paiz.

Flor. no estio.

P. u. a raiz <sup>1</sup>.

Emp. como emolliente.

*Astragalus poterium*. Brot.

(H. Massiliensis Lam., H. Tragacantha L. ex. p.)

Alquitira do Algarve.

Hab. proximo a Sagres junto do Cabo de S. Vicente no Algarve.

Flor. na primavera.

P. u. a exsudação do tronco.

Emp. como emolliente <sup>2</sup>.

*Cicer arietinum*. L.

Grão de bico.

Planta de patria desconhecida e muito cultivada no nosso paiz.

Flor. na primavera e estio.

P. u. as sementes <sup>3</sup>.

Emp. como diureticos e antisiphiliticos; outr'ora foram usados como liptrontripticos. Os grãos depois de torrados podem substituir o café. Pouco usado. <sup>4</sup>

*Lens esculenta*. Mnch.

(*Ervum Lens*. L.; *Cicer Lens*. Willd.)

Lentilha.

Cultiva-se frequentemente ao sul do reino, onde se encontra às vezes quasi que espontanea. É originaria do Oriente.

<sup>1</sup> Empregue descorticada.

<sup>2</sup> Póde substituir a *gomma adragantha* obtida do *Astragalus verus* Oliv. planta originaria da Asia menor.

<sup>3</sup> Vulgarmente chamadas *grão de bico*.

<sup>4</sup> Este vegetal é cultivado em todas as provincias do reino em rasão do uso alimentar da sua semente: a semente tem igualmente uso na pharmacia, bem que me não conste que os nossos medicos jámais a prescrevessem.

É fóra do meu objecto indicar os usos que d'ella se podem fazer: a planta não me consta que se ache em catalogo algum de materia medica; por isso julgo do meu dever participar aos nossos medicos que os pêllos que ornem as suas vagens e toda a planta são um orgão secretor do acido oxalico dotado de eminentes virtudes na economia animal: as observações que levaram meu sabio mestre o dr. Thomé Rodrigues Sobral a esta descoberta, no mesmo tempo em que Vauquelin fazia a mesma na França, me foram communicadas benignamente pelo dito chimico portuguez. (Dr J. J. de Figueiredo.)

Flor. na primavera.

P. u. as sementes.

Emp. a farinha de lentilhas constitue a base da Revalenta ou Revalescieri Dubarry <sup>1</sup> e da ervalenta Warton.

*Vicia faba*, L. (Faba vulgaris. Mnch.)

Faveira.

Planta originaria das margens do Mar Caspio e muito cultivada entre nós.

Flor. em março e abril.

P. u. a raiz e sementes <sup>2</sup>.

Emp. a raiz como diuretica. Das sementes extrahê-se uma farinha que serve para polvilhar as erysipelas e que é um bom analeptico <sup>3</sup>.

## FORMULARIO

### Elixir ferro-phosphatado

(DR. SEMAL)

Protochlorreto de ferro .....	gr.	2,5
Alcool a 92° .....		40,0
Xarope commum .....		300,0
Agua distillada .....		155,0
Alcoolato d'aniz .....		1,0
Alcoolato de limão } <sup>3a</sup> .....		1,0
Dissolva.		

<sup>1</sup> A Revalescieri Dubarry é feita do modo seguinte:

Farinha de lentilhas .....	1000	grammas
» de cevada .....	500	»
Sal marinho .....	100	»
ou		
Farinha de feijões .....	1000	grammas
» de milho .....	500	»
Sal marinho .....	100	»

<sup>2</sup> Vulgarmente chamadas *favas*.

<sup>3</sup> A farinha da fava entra na composição da ervalenta de Warton. A ervalenta de Warton compõe-se de farinha de lentilhas, misturada com a de favas e um pouco de assucar.

(Instituto de Coimbra)

Biphosphato de cal.....	5,0
Acido citrico.....	5,0
Agua distillada.....	4,9

Dissolva.

Misture os dois solutos e filtre.

(*Jour. de pharm. de Antuerpia.*)

### Mistura contra a coqueluche

Sulfato de quinina.....	1 gr
Brometo de potassio.....	3 »
Extracto de valeriana.....	2 »
Agua.....	15 »
Xarope commum (ou aromatisado).....	80 »

F. S. M. Para 20 colheres das de chá.

Tres a seis colheres das de chá para as creanças de dois a seis annos, segundo a intensidade. As creanças de mais idade, deve-se administrar o medicamento por colher das de sobremesa.

(*Capmartin.*)

### Pomada contra o eczema da cabeça

Vaselina.....	100 gr.
Acido salicylico.....	2 »
Tinctura de benjoim.....	5 gr.

Mistura.

(*Bull. de la Soc. Royale de Pharm. de Bruxellas.*)

## da Ordem dos Farmacêuticos

### Soluto anti-nevralgico

Acido osmico.....	0,10 centigr.
Agua distillada.....	6 gr.
Glycerina.....	4 »

5 a 6 gotas em injeccão hypodermica.

O dr. Coninck combate a nevralgia facial com o chlorhydrato de cocaina, applicando algumas gottas d'um soluto

de 1:100 no fundo do canal auditivo. A dôr desaparece instantaneamente por muito intensa que seja.

(Nov. remèdes)

S. M.

---

## VARIÉDADES

---

**Agradecimento.**—Reassumindo a direcção do jornal da Sociedade, aqui o renovamos uma vez mais, como já agradecemos em sessão á boa vontade com que o nosso particular amigo Silva Machado, tomou sobre si o encargo de continuar esta publicação, sem que ella soffresse atrasos, durante a nossa prolongada doença.

Aos mais membros da commissão de redacção, que o coadjuvaram; a todos os collegas, tanto da capital, como da provincia, que se interessaram pela nossa melhora; e aos nossos collegas da imprensa os nossos sinceros e cordeaes protestos de eterna estima e reconhecimento.

**Ao sr. A. F. Moller** — Enviámos igualmente os nossos affectuosos agradecimentos pela dedicação com que tem revisto as provas do seu importante *catalogo das plantas medicinaes que habitam o continente português*, aqui transcripto do *Instituto de Coimbra*, e pelo nosso prestante consocio agora corrigido e consideravelmente augmentado.

Aos nossos agradecimentos juntámos o pedido da valiosa collaboraço do illustre naturalista nas columnas d'este jornal, como até ao presente.

J. R. GUIMARÃES DRACK.

### A reforma do ensino pharmaceutico

(Continuado do n.º 8, pag. 157)

**Projecto de lei para a reforma das escolas de pharmacia annexas á universidade de Coimbra e ás escolas medico-cirurgicas de Lisboa e Porto.**

**Artigo 1.º** O curso pharmaceutico é dividido em theorico e pratico.



§ 1.º O curso theorico comprehende :

- 1.º Physica;
- 2.º Chimica organica;
- 3.º Chimica inorganica e analyse;
- 4.º Botanica;
- 5.º Zoologia;
- 6.º As materias que fazem parte do curso pharmaceutico na escola de pharmacia.

§ 2.º O curso pratico comprehende :

1.º O exercicio por tres annos em officina pharmaceutica legalmente estabelecida e comprovado por certidão do livro de matricula das escolas;

2.º A pratica no laboratorio da escola que fôr determinada pelo respectivo professor durante o anno lectivo.

Art. 2.º O curso pharmaceutico consta das cadeiras e disciplinas seguintes :

1.ª cadeira — Historia natural pharmaceutica; pratica no laboratorio da escola.

2.ª cadeira — Pharmacia theorica e analyse chimica applicadas ás sciencias medicas; pratica no laboratorio da escola.

Art. 3.º Os alumnos de pharmacia, depois de concluido o curso e tendo obtido approvação em todas as cadeiras que o constituem, serão obrigados a defender uma these, que deverá ser impressa, na qual apresentarão tambem proposições relativas ás cadeiras theoricas do curso.

Art. 4.º As disciplinas de que trata o art. 2.º serão ensinadas em dois annos e distribuidas do modo seguinte :

1.º anno, 1.ª cadeira; 2.º anno, 2.ª cadeira.

Art. 5.º Fica existindo uma unica classe de pharmaceuticos habilitados n'estas escolas.

#### PREPARATORIOS PARA A MATRICULA

Art. 6.º Para a matricula no 1.º anno do curso pharmaceutico são preparatorios: 1.º, curso de portuguez; 2.º, latim 3.º, philosophia racional e moral e principios de direito natural; 4.º, lingua franceza; 5.º, mathematica elemen-

tar; 6.º, principios de chimica e physica e introdução á historia natural; 7.º, geographia, chronologia e historia.

Art. 7.º Os alumnos que pretenderem matricular-se no 1.º anno do curso pharmaceutico farão os seus requerimentos aos directores das escolas, acompanhados: 1.º, das certidões de approvação, nos lyceus de 1.ª classe do reino, das materias de que trata o artigo antecedente; 2.º, de certidões legaes de approvação, na escola polytechnica ou faculdade de philosophia da universidade de Coimbra, em chimica organica, chimica inorganica, physica, botanica e zoologia, de que trata o artigo 1.º

#### DOS EXAMES

Art. 8.º No fim de cada anno lectivo, os alumnos farão exame d'esse anno perante um jury composto de tres lentes pharmaceuticos.

§ unico. No caso de reprovação o alumno terá a frequentar novamente este anno.

Art. 9.º Approvados os alumnos em ambos os annos, e apresentando o documento em que provem ter satisfeito a pratica exigida no § 2.º do artigo 1.º, farão acto grande, de cuja approvação se lhes passará o competente diploma.

Dos lentes:

Art. 10.º Em cada uma das escolas haverá dois lentes proprietarios e um substituto, que farão parte dos conselhos escolares e pertencerão ao corpo cathedraticeo, com as mesmas prerogativas, vencimentos e regalias dos demais lentes.

§ unico. O lente substituto servirá no impedimento de alguns dos lentes proprietarios, e além d'isto ajudal-os-ha nos trabalhos praticos.

Art. 11.º Os logares de lentes só poderão ser providos em pharmaceuticos portuguezes, legalmente habilitados com o curso da escola de pharmacia.

Art. 12.º Depois da publicação d'esta lei nenhum individuo poderá habilitar-se a pharmaceutico, sem que seja pela formula n'elle estabelecida.

§ unico. Os individuos que na data da creação da escola de pharmacia tiverem quatro annos de pratica registada nas escolas medico-cirurgicas de Lisboa e Porto, ou na universidade de Coimbra, e os preparatorios exigidos na lei de 12 de agosto de 1854, poderão ser admittidos á primeira matricula na escola de pharmacia, independentemente das habilitações estabelecidas na presente lei.

Sala das sessões da camara dos senhores deputados, 9 de março de 1885.

Os deputados, Joaquim José Alves, Marianno de Carvalho, Visconde de Carregoso, Pedro Augusto Franco.»

Como vemos, este projecto foi apresentado no parlamento em 1875.

Já decorreram dez annos e apesar do seu primeiro signatario o ter renovado em diferentes legislaturas, até hoje ainda o não tem attendido.

Será porque elle não seja vantajoso para o paiz?

De certo que não, e corporações insuspeitas e de toda a auctoridade, como são as escolas-cirurgicas de Lisboa e Porto, pensam como nós e tem levado estes principios ao conhecimento dos governos.

Que a escola medica de Lisboa declarou ao governo que é necessario reformar o ensino pharmaceutico, sabe-se pelas considerações que precedem o projecto, onde se affirma que elle é feito de accôrdo com o que o corpo docente da mesma escola apresentou ao governo.

E que a escola medica do Porto aceitou o projecto, prova-se com o que ella disse, quando em 1881 apresentou ao governo as bases para a reforma dos estudos medicos professados n'aquelle estabelecimento de ensino superior.

Diz, a respeito da pharmacia, na parte em que trata da organização dos cursos annexos:

«Na organização do curso de pharmacia somos de opinião que se deve attender o projecto redigido pelos professores Thomaz de Carvalho, Cunha Vianna, e Theotonio da Silva, a que esta escola já adheriu.»

Mas, se citamos as escolas medicas de Lisboa e Porto, qual o motivo, podem os leitores perguntar, porque não nos referimos á universidade de Coimbra? Será porque ella nada tenha feito em favor do ensino pharmaceutico?

De certo que não.

É porque já nos numeros 3, 6, 8 e 11 de 1885, apresentámos e analysámos o projecto que a faculdade de medicina elaborou, para que se crie uma faculdade de pharmacia e para que se estabeleça uma unica fôrma de se obter o diploma de pharmaceutico; e n'este ponto estão d'accôrdo todos os estabelecimentos de ensino medico.

É isto tambem o que o projecto que atraz transcrevemos na intrega pede que se faça, e a que nos associamos de boa vontade, como tambem já mostrámos n'outro jornal, por vermos que é d'urgente necessidade acabar com as duas fôrmas existentes de habilitar pharmaceuticos, e estabelecer unicamente uma, como se dá com os facultativos, com os engenheiros, com os artilheiros e com os advogados etc.

Com effeito, se os serviços que elles prestam são os mesmos, quer seja na capital, quer na mais humilde povoação em que exercem o seu mister, não ha rasão para que uns sejam mais habilitados do que outros.

Onde ha egualdade de serviços, não deve haver desigualdade de habilitações.

E se n'um ou outro ramo de serviço publico se pôde admitir o contrario do que affirmamos, isso constitue uma excepção que senão pôde applicar a questões de saude publica, de que a pharmacia é um poderoso auxilio.

E o resultado que se tira de não attenderem as reclamações das escolas medicas, da faculdade de medicina e dos pharmaceuticos, é a pharmacia achar-se n'um cahos, de que é urgente e necessario fazerem-a sair.

(Continua)

F. DE CARVALHO.

## CHIMICA

**Novo processo para reconhecer a falsificação do azeite com o oleo de algodão**

PELO SR. BECHI

A determinação dos diversos oleos que entram n'uma mistura é, de certo, um dos problemas mais difficeis, que apparecem n'um laboratorio d'analyse. E' tão semelhante a composição immediata dos oleos; cada um d'elles apresenta um modo de ser tão variavel, segundo as condições em que foi produzido; são tão pouco seguras as reacções peculiares a cada um, que, se é relativamente facil distinguil-os quando estão separados, depois de reunidos, a maior parte das vezes, a sua individualisação é muito pouco segura, e conduz a resultados duvidosos quasi sempre.

São, no entanto, bem numerosos os processos que se conhecem. Exactamente este numero é indicio de quanto elles são pouco perfeitos.

As falsificações do azeite pelos oleos de menor preço, como é sabido de todos, tomaram, nos ultimos tempos, um grande incremento. Um dos oleos mais empregados, na actualidade, para este uso, é o das sementes do algodão.

O azeite portuguez encontra-se, a este respeito, em condições muito excepçionaes. Os elevados direitos, que o oleo de algodão paga nas nossas alfandegas, tornam esta fraude impossivel, é certo; mas os azeites hespanhoes, que a ella recorrem em grande escala, beneficiados ainda por cima por um conjuncto de circumstancias especiaes, como já foi dito n'este jornal, em um numero anterior, vem competir, d'esta fôrma, com o producto nacional, em condições bem desvantajosas para nós.

Os nossos laboratorios precisam, pois, em muitos casos, reconhecer esta falsificação com o oleo d'algodão, uma vez

---

<sup>1</sup> *Agricultura contemporanea*, dezembro, 1886.



que ella é frequente no azeite que concorre aos nossos mercados.

Entre os muitos processos aconselhados para este reconhecimento, o que nos tem dado melhores resultados é o de Roth—a solidificação e coloração dadas pelo acido sulfurico convenientemente diluido, e saturado pelo peroxydo de azote. Devemos, todavia, acrescentar que este processo, segundo os nossos ensaios, indica com segurança, se o azeite é ou não puro, mas difficilmente diz qual o oleo que tem misturado.

Ultimamente o sr. professor Bechi, director da estação agronomica de Florença, depois de longos trabalhos, descobriu um methodo muito exacto, e muito facil, para reconhecer a presença do oleo das sementes do algodão no azeite. Para ter absoluta confiança no seu processo, communicou-o a diversos laboratorios, em diferentes paizes, afim de ser ensaiado com varios azeites, e por varios operadores. D'esta fórma foi verificado em muitas estações agricolas da Italia, em Paris nos laboratorios dos srs. Grandeau e Jean, no Instituto Agricola de Barcelona pelo sr. Roiz y Torres, na Russia pelo sr. Thoms, professor do Polytechnikum de Riga, no laboratorio do nosso Instituto Agricola de Lisboa, etc.

Passamos a descrever este processo, e a apresentar os resultados obtidos nos ensaios feitos no laboratorio do Instituto.

Preparam-se, primeiro, dois reagentes especiaes, segundo as seguintes formulas:

Nitrato de prata, fundido.....	1 gramma
Alcool de 98°.....	100 <sup>cc</sup>
Ether.....	20 <sup>cc</sup>
Acido nitrico.....	2/10 <sup>cc</sup>

Se o mixto não vier bem claro, filtra-se. Esta solução dá melhores resultados se estiver já preparada de alguns dias.

N'outro vaso, á parte, toma-se alcool amylico, cujo ponto

de ebullição esteja comprehendido entre 130° e 132°, e juntam-se-lhe 15 0/0 de oleo de colza bem depurado.

Quando se quer ensaiar um azeite suspeito, deitam-se 10<sup>cc</sup> n'um tubo d'ensaio, addicionam-se-lhe 1<sup>cc</sup> da solução de nitrato de prata e 10<sup>cc</sup> de mistura do alcool amylico e oleo de colza; agita-se bem, e colloca-se o tubo n'um banho maria. Passado proximamente um quarto d'hora examina-se o tubo; se o azeite é puro conserva a côr amarella que lhe é dada pelo oleo de colza, se tem oleo de algodão toma côr escura, puxando a acastanhada, tanto mais intensa, quanto maior a percentagem d'oleo d'algodão. A reacção é muito nitida, e saliente; o exame é, sobretudo, frisante, quando feito sobre um fundo branco, e contra a luz.

Obtivemos bons resultados, bem seguros, até com a percentagem minima de 5 0/0 d'algodão. Advertiremos, todavia, que, ás vezes, é necessario esperar um pouco mais de um quarto d'hora, principalmente se a solução de nitrato de prata é recente, e a quantidade d'oleo de algodão pequena; porém, nunca é preciso esperar mais de meia hora.

O melhor meio de conduzir este ensaio, parece-nos o seguinte. Tomar um azeite de confiança, puro, e tratá-lo, como se disse; tomar o mesmo azeite e juntar-lhe 20 0/0 de oleo de algodão, e n'um terceiro tubo o azeite suspeito. Empregar o processo, e metter os três tubos no banho, e comparar o do azeite suspeito, com o do azeite puro, e com o do azeite falsificado.

Quizemos verificar se esta reacção distingue bem o oleo d'algodão dos outros oleos; só podemos fazer essa verificação com os oleos de gergelim e de mendobi, mas com esses os resultados foram completos. Azeites falsificados com estes oleos ficaram amarellos no banho maria, isto é, a reacção accusou que não tinham oleo de algodão.

Verificámos o processo do sr. professor Bechi com diferentes azeites portuguezes, e obtivemos sempre resultados seguros. Advertiremos que a côr, mais ou menos ama-

rellada ou esverdinhada, do azeite pouco influe, porque a addição constante de uma quantidade avultada de oleo de colza dá ao mixto uma coloração amarella muito pouco variavel. Advertiremos ainda, que, empregando o commercio, n'esta fraude, percentagens d'oleo d'algodão sempre superiores a 5 e a 10 % (às vezes até 40 %), a reacção nunca é duvidosa.

Póde, pois, afirmar-se que o sr. professor Bechi dotou os laboratorios com um methodo bem pratico e bem seguro, para determinar esta falsificação tão frequente, e aliás tão difficil de caracterisar com certesa. Confessamo-nos muito reconhecidos ao sr. professor Louis Paparelli, de Roma, por cujo intermedio podemos conhecer e ensaiar este processo.

ANTONIO X. PEREIRA COUTINHO -

### Os alimentos vegetaes e os alimentos gordos

QUINTA CONFERENCIA, FEITA NO HOSPITAL COCHIN,

PELO DR. DUJARDIN-BEAUMETZ.

MEMBRO DA ACADEMIA DE MEDICINA, MEDICO DO MESMO HOSPITAL

Senhores:

Se o homem se aproveita no regimen animal de numerosos alimentos, o reino vegetal tambem lh'os fornece e muito importantes. Tomados no seu conjuncto, estes alimentos vegetaes conteem como elementos proprios á nutrição: 1.º Substancias albuminoides (glutina, albumina, caseina, legumina, fibrina vegetal, etc.); 2.º amido; 3.º dextrina e glucose; 4.º materias gordas; 5.º saes e agua.

São elles, como vedes, que constituem alimentos completos, isto é, conteem todos os elementos primordiaes necessarios á nutrição; sómente os principios albuminoides, os saes e as materias gordas são em quantidade insufficiente para constituirem um alimento completo, pelo menos para o homem, porque para a nutrição d'um grande numero d'animaes é sufficiente a alimentação vegetal. A palavra *insufficiente* não é absolutamente applicavel ao ho-

mem, porque populações inteiras são rigorosamente vegetariannas. Nós veremos, quando eu tratar da ração alimentar, que, para ser sufficiente a nutrição, é necessario absorver uma grande quantidade d'estas materias vegetaes para achar n'ellas os 20 grammas d'azote que nós perdemos diariamente.

N'estes ultimos tempos, tem-se exaltado em excesso as vantagens do regimen vegetal no homem, e sustentado que, graças a este regimen, o homem podia combater a maior parte das doenças e attingir uma idade avançada: é a doutrina dos vegetariannos. Reconhecendo as grandes vantagens que se podem tirar em certas affecções d'estomago com o regimen unicamente vegetal, eu creio que o homem pela conformação do seu organismo é omnivero; por isso a sua alimentação deve ser mixta e compôr-se de carnes e de vegetaes; espero para diante demonstrar-vos a verdade d'esta asserção.

Os principios albuminoides d'estes vegetaes teem sido bem estudados por Ritthausen<sup>1</sup>. Compõe-se d'albumina vegetal, de caseina vegetal, de legumina, de gelatina vegetal, de glutina e de conglutina. Em quanto ao gluten, a sua composição é das mais complexas, e Ritthausen affirma que elle contem pelo ménos quatro substancias albuminoides, o gluten-caseina insolúvel no alcool, e tres substancias soluveis no alcool: o gluten-fibrina, a gliadina e a mucédina. Para que possaes julgar da composição d'estas diversas substancias, apresento-vos a analyse de diferentes albuminas vegetaes devidas a Ritthausen:

	Trigo	Cevada	Milho	Tremoço	Ervilha	Fava
Carboneo ...	53,12	52,86	52,31	52,63	52,94	53,33
Hydrogenio .	7,18	7,23	7,73	7,46	7,13	7,19
Azote. ....	17,60	15,75	15,49	17,24	17,14	17,14
Enxofre ....	1,55	1,18	—	0,76	1,04	1,04
Oxygenio ...	20,55	22,98	—	21,91	21,75	21,75

Se lançardes um golpe de vista sobre o seguinte mappa

<sup>1</sup> Ritthausen, *Die Eiweißkörper*. Bonn, 1872.

## Composição dos alimentos amyláceos

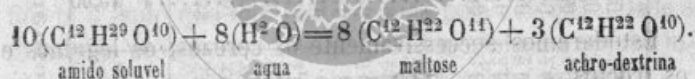
SUBSTANCIAS	MATERIAS AZOTADAS	AMIDO	DEXTRINA E GLUCOSE	GORDURAS	CELLULOSE	SABRS	AGUA	AUCTORES
Trigo duro .....	20,68	62,49	8,36	2,32	3,02	2,86	"	Payen.
Trigo molle.....	11,75	76,51	6,05	1,87	2,08	2,12	"	—
Cenizo.....	9,00	57,50	10,00	2,00	3,00	1,90	14,60	Boussingault.
Aveia.....	11,90	53,68	7,90	3,50	4,10	3,00	14,00	—
Cevada.....	12,96	66,63	10,00	2,76	4,73	2,10	"	Payen.
Miolo de pão.....	6,67	53,55	3,79	0,70	"	0,84	44,45	Violet.
Códea de pão....	13,00	62,58	3,88	1,18	"	1,21	17,15	—
Pão de munição..	8,85	44,50	4,12	0,70	6,07 (rarelo)	1,39	34,17	Poggiale.
Milho.....	12,80	58,40	1,50	7,00	1,50	1,10	17,70	Boussingault.
Arroz.....	6,13	77,75	0,60	0,43	0,50	0,68	14,40	—
Batalas.....	2,05	20,00	1,09	0,11	1,04	1,26	74,00	Payen.
Favas pequenas..	30,80	48,00		1,90	3,00	3,50	12,50	—
Ervilhaca.....	27,30	48,90		2,70	3,50	3,00	14,60	—
Feljos.....	25,50	55,10		2,80	2,90	3,20	9,90	—
Levilhas.....	25,20	56,00		2,60	2,40	2,30	11,50	—
Chicharos.....	25,40	58,50		2,00	1,90	2,50	9,90	—
Ervilhas.....	23,80	58,80		2,10	3,50	2,10	9,80	—
Favas.....	24,40	61,50		1,50	3,50	3,60	46,00	—



que dá a analyse da maior parte dos alimentos amylaceos e feculentos, vereis este facto caracteristico que, em geral, a proporção d'amido está na razão inversa das materias azotadas.

O amido e os principios feculentos gosam um papel consideravel na alimentação vegetal; sabeis que elles são absorvidos no estado de glucose, e que esta transformação do amido em glucose é o resultado de dois fermentos; um proveniente da saliva mixta, a diástase salivar, o outro encontrado no succo pancreatico, é a amylopsina.

A transformação do amido em glucose não é tão simples que se possa julgar á primeira vista. O desdobramento da molecula do amido em uma molecula de dextrina e uma de glucose, não seria exacto se nós nos referissemos ás experiencias de Musculus, de O Sullivan<sup>1</sup>, de H. Brown e de J. Héron e de William Roberts. Segundo estes analysatas, é preciso considerar esta reacção como muito mais complexa, e terminando-se pela formação de maltose e de achro dextrina, como mostra a formula seguinte:



Ewald<sup>2</sup>, de Berlim, estudou recentemente a influencia que a saliva exerce sobre a saccharificação das materias amylaceas no estomago; demonstrou que a transformação de amido em assucar se produzia com difficuldade no estomago, e que depois da administração d'um decocto concentrado d'amido, se verificava a presença de dextrina fermentescivel e de maltose, mas que a transformação da maltose em assucar só se operava no intestino. Se aos factos observados por Ewald, accrescentarmos que o assucar pancreatico fornece um fermento proprio á digestão

<sup>1</sup> O'Sullivan Journ. of the Chemical Society, 1873, 1876.—P. H. Brown et J. Héron, Journal of the Chemical Society, 1879.—William Roberts, Des fermenta digestifs, (Revue internationale de sciences, t. VIII, p. 89, 203, 320.

<sup>2</sup> Ewald, Etude sur la digestion stomacal (Congrès des naturalistes et des médecins), septembre, 1885.

d'estas materias feculentas, devemos concluir que estas materias são exclusivamente digeridas no intestino.

Devemos ter sempre interesse em conhecer, sobretudo para o tratamento de diversas doenças, a glycosuria em particular, a quantidade d'amido contido n'estes vegetaes. A tabella seguinte devida a Nédats dá-nos essas quantidades por 100.

Arroz .....	74,10
Milho .....	65,90
Farinha de trigo .....	63,00
Grão de trigo .....	59,60
Farinha de centeio .....	59,84
Milho miudo .....	57,90
Sarraceno .....	50,00
Pão de trigo .....	42,70
Farinha d'aveia .....	39,10
Ervilhas .....	37,00
Pão de centeio .....	36,25
Feijões .....	36,00
Topinambo .....	16,60
Batatas .....	15,50

Estudaremos successivamente os cereaes, os legumes e os fructos.

Os cereaes, com os quaes se faz um grande numero de preparações, taes como as massas alimentares, servem de base a um alimento primordial ao homem, o pão. Permitireis que eu insista principalmente sobre este ponto.

Sem entrar nos pormenores da panificação e nas reacções que se produzem, reacções aliás das mais completas, e que Graham<sup>1</sup> estudou d'um modo muito completo, insistirei sobretudo no valor nutritivo do pão. A este respeito, é importante distinguir a codea do miolo; a codea é muito mais nutritiva que o miolo, e a analyse seguinte feita por Barral<sup>2</sup> revela bem a differença que existe entre estas duas partes:

<sup>1</sup> Graham, *la Chimie et la panification: courtes lectures* (Journal of the Society of Arts, 1880).

<sup>2</sup> Barral, *le Blé et le Pain*, 2.<sup>a</sup> édition, Paris, 1867, pag. 604.

	Codea	Miolo
Agua.....	17,15	44,45
Materias azotadas insolueis (gluten, etc.).....	7,30	5,92
Materias azotadas soluveis (amido, etc.) .....	5,70	0,75
Materias não azotadas sol. (dextrina, assucar) ..	4,88	3,79
Amido.....	62,58	43,55
Materias gordas.....	1,18	0,70
Materias mineraes.....	1,21	0,84
	100,00	100,00

Julga-se geralmente que os pães ordinarios são mais nutritivos que os pães de luxo. É um erro; Violet<sup>1</sup> demonstrou que quanto mais branco fôr o pão, maior será a sua quantidade d'azote. Podereis julgar isto pela tabella seguinte:

	Quantidade d'azote por 100		
	2. <sup>a</sup> qualidade	1. <sup>a</sup> qualidade	O melhor
Primeira amostra .....	0,92	1,18	1,39
Segunda amostra .....	1,05	1,36	2,06
Terceira amostra .....	0,99	1,02	1,25
Media...	0,99	1,15	1,57

Comtudo, considerando isto sob um ponto de vista diferente, e julgando o valor nutritivo do pão, não pela quantidade d'azote que elle contem, mas pela sua quantidade e principios salinos, os pães preparados com uma farinha incompletamente peneirada apresentam certas vantagens.

Sabeis, com effeito, que é principalmente a *testa* das sementes das gramineas que contem as partes mais ricas em phosphatos; assim tem-se aconselhado em certos casos, em que se quer introduzir estes phosphatos na economia, fabricar o pão de farelo que contem uma grande quantidade de *testa* d'estas gramineas. Quando eu vos falar do tratamento alimentar dos diabeticos, mostrar-vos-hei os meios empregados para substituir o pão, e insistirei muito particularmente sobre o pão de gluten.

O centeio, o milho, o sarraceno e tambem a aveia teem sido substituidas ao trigo na fabricação do pão. Eu vos mencionarei particularmente duas d'estas farinhas: a do milho e a da aveia.

<sup>1</sup> Violet, *Sur le pain* (Thèse de Paris, 1876, n.º 111).

A farinha de milho é das mais nutritivas. Occupa o primeiro lugar pelas materias gordas que contem, e comprehende-se a tendencia que ha para substituir a farinha de trigo pela do milho. Sômente, em quanto que a farinha de trigo não possui gosto, a de milho tem-o muito pronunciado, ao qual é preciso habituar-nos.

Em quanto á farinha d'aveia, chamada *rolão d'aveia*, tem sido exaltada principalmente pelos medicos escocezes, que affirmam que em virtude d'este rolão usado para a alimentação das creanças é que deveriam attribuir o seu desenvolvimento muscular. N'um trabalho que fiz em collaboração com Ernest Hardy<sup>1</sup>, demonstrámos, com effeito, a grande proporção d'azote que contem a farinha d'aveia, proporção que podereis avaliar pela analyse seguinte que publicámos:

Agua .....	8,7
Materias gordas .....	7,5
Amido .....	64,0
Materias azotadas, gluten .....	11,7
Materias mineraes .....	1,5
Cellulose, materias não doseadas .....	6,6
	100,0

Tambem, em zootecnia, a aveia, pela sua grande quantidade d'azote, é considerada como um excellente alimento. Acrescentaremos que esta aveia contem um principio excitante particular que Sanson<sup>2</sup> isolou, cujos effeitos elle estudou. Este principio excitante encontra-se principalmente na aveia negra, e os seus effeitos no cavallo manifestam-se no lapso d'uma hora a partir da administração d'um kilogramma d'aveia. Diremos finalmente que a aveia é uma das farinhas mais ricas em ferro.

Esta dupla qualidade de ser um alimento tonico e excitante tem originado a applicação da farinha d'aveia para

<sup>1</sup> Dujardin-Beaumetz, De la farine d'avoine et de son rôle d'ans l'alimentation du jenne âge (Bull. de la Societé medicale des hospitaux de Paris, IX, 1873, et Union medicale, 1873.

<sup>2</sup> Sanson, Recherches expérimentales sur l'action excitante de l'avoine (Journ. d'anat. de phys. de Ch. Robin et Pouché, t. XIX, mars, avril 1883, p. 113.

a nutrição das creanças, e encontrareis na these do meu discipulo, o dr. Marie<sup>1</sup>, factos interessantes relativos a este assumpto. Creio mesmo que poderíamos actualmente completar estas pesquisas estudando no homem, como o fez Sanson nos cavallos, os effeitos do principio excitante que elle isolou, e vêr se poderíamos utilisal-os sob o ponto de vista therapeutico. Vou encetar porém a questão dos legumes.

Os legumes dividem-se em legumes feculentos e em legumes herbaceos. Se attenderdes á seguinte analyse das principaes leguminosas empregadas, analyse devida a Bous-singault, vereis que os legumes feculentos, feijões, lentilhas, favas, contem uma grande quantidade de legumina, o que os torna muito nutritivos; por isso se chamam *carne do pobre*.

## COMPOSIÇÃO DOS GRÃOS DAS LEGUMINOSAS

	Feijões brancos	Ervilhas	Lentilhas	Favas
Legumina.....	26,9	23,9	25,0	24,4
Amido e dextrina...	48,8	59,6	55,7	51,5
Substancia gorda...	3,0	2,0	2,5	1,5
Linhoso e cellulose...	2,8	3,6	2,1	3,0
Saes.....	3,5	2,0	2,2	3,6
Agua.....	15,0	8,9	12,5	16,0
	100,0	100,0	100,0	100,0

O envolvero que os reveste compõe-se exclusivamente de cellulose, tornando-os muitas vezes pouco digestivos. Assim, quando forem applicados a estomagos preguiçosos ou a pessoas que mastiguem incompletamente, será necessario privar estes feculentos dos seus envolveros cellulósicos e dal-os sob a fórma de *purée*.

Entre estes legumes, chamarei a vossa attenção para a lentilha, por isso que ella occupa o primeiro logar debaixo do ponto de vista do seu valor nutritivo. Não sómente contem uma grande proporção de materias azotadas, mas tambem uma grande quantidade de ferro. Boussingault, que nos deu uma analyse interessantissima dos diversos ali-

<sup>1</sup> Marie, *Etude sur l'emploi de l'avoine* (These de Paris, 1873).



mentos com relação ao ferro n'elles contidos, collocou, por assim dizer, a lentilha em primeiro lugar. Lançae uma vista d'olhos para a tabella seguinte, e vereis a quantidade consideravel de ferro existente nas lentilhas. É o dobro da quantidade que existe na carne muscular do boi, e só a aveia lhe é superior.

	Quantidade de ferro por 1.000
Sangue de boi.....	0gr,03750
Sangue de porco.....	0 ,06340
Carne muscular de boi.....	0 ,00480
— — de vitella.....	0 ,00270
— — de peixe (pescada).....	0 ,00150
Bacalhau sem sal (carne).....	0 ,00420
Ovo de gallinha (sem casca).....	0 ,00570
Caracol (sem casca).....	0 ,00360
Ossos frescos de boi.....	0 ,01200
Ossos de pé de carneiro.....	0 ,02090
Pão de trigo.....	0 ,00480
Feijões brancos.....	0 ,00740
Aveia.....	0 ,01310
Lentilhas.....	0 ,00830
Batatas.....	0 ,00160
Leite de vacca.....	0 ,00180
Genouras.....	0 ,00090
Milho.....	0 ,00360
Arroz.....	0 ,00150
Maças.....	0 ,00200
Espinafre.....	0 ,00450
Couves (folhas verdes).....	0 ,00390
Vinho vermelho do Beaujolais (por litro).....	0 ,01090
Cerveja.....	0 ,00400
Agua do Sena (Dhuis).....	0 ,00104 <sup>1</sup>

Não vos esqueçaes, que, para que a farinha de lentilha possua todas as suas propriedades, é necessario que seja cosida, e não é farinha de lentilha ordinaria, mas a farinha cosida que deveis indicar aos vossos doentes. É mesmo provavel que a Revalescière, para a qual se teem feito tantos *reclames*, e que é, como sabeis, composta de farinha de lentilha, contenha uma certa quantidade de farinha de lentilha germinada.

Ao lado d'estes legumes feculentos, e em primeiro lugar, devem ser collocadas as batatas, alimento hoje tão in-

<sup>1</sup> Boussingault, *Comtes rendus de l'Acad. des sc.* t. LXXIV, p. 22, 1872, p. 1354.

dispensavel como o pão. Vereis mais adiante que as batatas conteem pouco amido, e que por este motivo occupam por assim dizer o ultimo logar, e vereis tambem a applicação que d'ellas se pôde fazer no regimen alimentar dos diabeticos.

(Continua)

A.

### A apomorphina e a cocaina denunciadas uma pela outra

Um vestigio apenas de chlorhydrato de apomorphina, solvido em 1 ou 2 gottas de agua distillada, pôde ser facilmente descoberto por um soluto de chlorhydrato de cocaina, egualmente diluido.

A reacção, que tem logar dentro de alguns minutos, é de uma extrema sensibilidade, e dá logar ao apparecimento de uma côr verde, segundo noticia o Pharm. Post.

D.

### Codeina, reacção nova

Triturando pequena porção de codeina com duas gottas de agua de Javelle, juntando-lhe 4 gottas de acido sulfurico concentrado e agitando com uma vareta de vidro, obtem-se uma bella côr azul celeste, persistente.

(Pharm. Post.)

D.

### VARIEDADES

**Pecas officiaes.** — As actas das sessões do mez de novembro e dezembro serão publicadas no jornal respectivo a este ultimo mez. Estão a sair do prelo com o resto do jornal.

**Dr. Alves.** — Regressou do estrangeiro este nosso distincto collega e amigo, depois de uma ausencia de quatro mezes. Fez uma viagem de instrucção em companhia da sua illustrada esposa.

**Nomeação bem merecida.** — O nosso collega

n'esta redacção, Oliveira Abreu, ficou classificado chefe de serviço pharmaceutico no instituto de agronomia, segundo a ultima reforma, sem por isso deixar de continuar a prestar excellentes serviços no laboratorio de chimica, onde tem sabido conquistar as sympathias e amizade de todos os professores e mais empregados.

**Somniferina**—alcaloide novo, extrahido da *withania somnifera*, e que gosa de propriedades hypnoticas.

**Francisceina**—alcaloide, ultimamente descoberto na *franciscea uniflora*—ao mesmo tempo purgativo, diaphoretico, vomitivo e emenagogo.

(Der. Pharmaceut.)

D.

**Novos concursos para ensaiadores e ajudantes de ensaiadores das contrastarias.**—Terminaram na casa da moeda, ao que parece, as provas praticas e oraes para os candidatos aos restantes logares vagos nas contrastarias que vão montar-se, afim de ser posto em execução o regulamento que deve reformar o importante ramo do commercio e industria dos metaes preciosos.

A comissão nomeada em 28 de março de 1883 para formular o regulamento d'este serviço, apresentou em maio de 1884 o resultado dos seus trabalhos, o qual, dois annos depois, approximadamente, e não sabemos se modificado pela propria comissão, appareceu approved por decreto de 10 de fevereiro de 1886. Vê-se pois que elle levou bastante tempo a elaborar, não pouco para obter a sancção regia, e não pouco tem levado para chegar á execução. Não se dirá que é por falta de maduresa que hade dar bons e sasonados fructos, se os não dêr. E tanto que já em 1862, o illustre chimico Betamio d'Almeida, então director da casa da moeda, pensava em propôr ao governo a reforma das contrastarias e a sua annexação ao laboratorio d'ensaios que com todo o esmero acabava de organizar no estabelecimento a seu cargo, tendo para isso rece-

bido de Paris todo o material necessario, por intermedio do seu antigo collega e amigo, o sabio professor Pelouse.

Surprehendido pela morte que nol-o arrebatou, não conseguiu realizar o seu intento, mas a idéa divulgou-se entre os immediatamente interessados, obtendo logo a sua sancção, isto é, a do commercio licito, e a do proprio publico, e o governo adoptou emfim as providencias necessarias para fazer cessar os abusos que se multiplicavam, ao passo que as reclamações do publico e da benemerita associação dos ourives e artes annexas se faziam ouvir insistentemente.

Em 1862 iniciado na casa da moeda na profissão de ensaiador, que temos exercido até hoje, e como discipulo grato do illustre professor Betamio, que nos honrava com a sua amisade, e que com tanto regosijo nos via assistir na companhia dos mais collegas do laboratorio; ás suas bellas lições no instituto industrial, sentimos que o governo não perfillhasse o antigo pensamento d'este esclarecido funcionario, pensamento, que nos parece preferivel ao que se vae adoptar, tanto debaixo do ponto de vista tecnico e scientifico, como e principalmente debaixo do ponto de vista economico.

Fallando do ensaio das moedas e das diversas ligas de ouro e prata, dizem os professores Chevallier e Baudrimont: «A arte de ensaiador comprehende a execução de uma serie de processos chimicos dos mais delicados, tendo por fim estabelecer o titulo de uma liga de ouro ou de prata. Esta arte adquire-se com uma longa pratica. Tem-se conservado o privilegio de certos individuos, aos quaes *serios exames tem permittido que se confira, com um diploma, o grau de ensaiador do commercio.*» <sup>1</sup>

Por isso a nossa acanhada comprehensão não attinge as rasões que levaram a distincta commissão a aconselhar o governo, que tem na moeda um laboratorio d'ensaios com pessoal habilitado, mal remunerado, e com trabalho intermittente, a crear um laboratorio e pessoal novos e simila-

---

<sup>1</sup> *Dictionnaire des alterations et falsifications, etc., pag. 811. Edit. 1883.*

res, sujeitando-se a um excesso de despesa consequente e perfeitamente desnecessario, em parte, já se sabe.

Preferiamos que o laboratorio que tem dado provas da sua competencia n'estes assumptos, e aonde em regra não abunda o trabalho, fosse constituido o centro dos serviços das contrastarias, os quaes são perfeitamente compatíveis com o trabalho da amoedação.

Digamos já que não é o egoismo que nos move a fallar por este modo; pelo contrario alguns dos principaes funcionarios futuros das contrastarias, de quem somos amigo, podem attestar se lhes temos dispensado ou não palavras de animação e todos os esclarecimentos e conselhos que nos pediram, e que o nosso tirocinio de vinte e tantos annos nos tem permittido prodigalisar-lhes.

Cabe a tres pharmaceuticos, membros distinctos d'esta sociedade, a direcção das tres contrastarias que estão em via de funcionar, pelo que nos felicitámos sinceramente, como collega, e como amigo; entram pela porta que a lei lhes abre, mas, francamente, desejavamos vê-los entrar por aquella que o egoismo talvez, diga-se aqui á puridade, previamente lhes fechou.

Ainda assim o laboratorio da moeda não deixa de ser representado nas duas principaes contrastarias; na de Lisboa por um seu antigo ajudante, já nomeado ensaiador; e no Porto pelo seu actual servente, o qual, carregado de annos e de serviço, e tendo feito progressos estupendos em concorrência vantajosa com Succi e Merlatti, sobre os quaes tem o merito da prioridade de meitos annos, se resolve á ultima hora a tentar uma reabilitação perante a arte culinaria, pondo-se ao serviço do novo estabelecimento, que para tanto lhe deve proporcionar os meios.

Um verdadeiro benemerito (exclamará o leitor) inedito, obscuro, e tanto mais apreciavel quanto é certo que tem tido a rara habilidade de escapar ao reclame; puro engano — nem a corôa civica lhe compete, por ter feito obra por conta alheia, nem a ambição o seduz, a ponto de aspirar



à celebridade. Porque elle verdadeiramente suspira, é por corôas e meias corôas metallicas, d'estas cujo brilho para maior tormento tantas vezes lhe hade ter fascinado a vista, e cujo som lhe hade ter retenido dolorosamente aos ouvidos. É atraz d'estas que elle repentinamente foi caminho do Porto, com as lagrimas nos olhos, separado da mulher e filhos, na esperança de obter com o suor do trabalho uma fatia de pão sufficiente para lhes matar a fome.

Que as settas se lhe não mudem em grelhas, e que o nosso collega Salgueiro se amercie do seu corpo, d'elle servente, porque da alma não temos nós pena, visto que ha muitos annos tem o seu logar reservado nos reinos do ceu.

Pena é que só agora, no ultimo quartel da vida, alcançasse como servente, um salario superior ao ordenado de qualquer ensaiador da casa da moeda.

Quanto á terceira contrastaria, com que Braga deve ser dotada, é de presumir que não passe de simples diversão politica, se não nos enganamos.

(Continua)

D.

---

## NECROLOGIA

---

Os ultimos jornaes francezes, que temos recebido, trazem-nos a noticia do fallecimento de varios homens de sciencia notaveis e, entre outros, citam-nos o nome de um professor illustre, ao qual desde muito tempo tributámos muita sympathia e veneração, de que elle nos era credor por mais de um titulo.

Os jornaes de pharmacia e de chimica especialmente são todos unanimes em lamentar com phrases sentidissimas e repassadas do mais profundo e entranhado respeito e consideração o golpe profundo que a sciencia franceza acaba de receber com a morte do illustre sr. Julio Bouis, titular da cadeira de toxicologia da escola superior de pharmacia de Paris, ensaiador na moeda, membro da academia de medicina, official da legião de honra, etc.

O funeral teve lugar no dia 23 de outubro no cemiterio de Pére-Lachaise.

Os professores da escola de pharmacia, precedidos do bedel, abriam o cortejo; o sr. deão Beclard, da faculdade de medicina, representava esta em grande uniforme. A faculdade das sciencias, a academia de medicina, esta ultima representada por uma numerosa deputação, enviaram os seus delegados. A universidade era largamente representada; á sua frente tomou lugar o conselho superior das faculdades, composto de um delegado das sciencias, das letras, e de medicina. A estas delegações officiaes, universitarias, juntou-se todo o pessoal da moeda, a sociedade *de la bougie de l'étoile*, da qual J. Bouis era um dos principaes accionistas e o sabio renovador, os pharmaceuticos de Paris, os discipulos, e grande numero de amigos, os quaes todos completavam o cortejo.

A' beira do tumulto foram pronunciados tres discursos. O primeiro pelo sr. Schutsemberger, presidente da sociedade de chimica de Paris, em nome da academia de medicina; o segundo pelo sr. Riche, pela escola de pharmacia; o terceiro pelo sr. Poutier em nome dos antigos discipulos.

Entre outras palavras, proferidas pelo amigo intimo do finado, o sr. Riche, citaremos as seguintes, que mostram o grande affecto que os ligava: «... minha vida se tem passado junto á sua desde 1859, como agregado ou como professor, e desde 1864 como ensaiador das moedas. Todos os dias o trabalho nos reunia; as nossas alegrias e os nossos pesares eram communs, e em tempo algum a mais leve nuvem passou entre nós, tão recto e levantado era o seu character, e tão grande era o seu desejo de ser agradável a todos que o rodeavam».

Não comportando os limites curtos d'este jornal uma biographia por mais resumida que seja, lembraremos rapidamente os traços geraes da sua vida.

Pharmaceutico de origem, passou a sua infancia e mocidade na officina paterna em Perpignan, e mais tarde recordava com satisfação que devia ao pae o gosto e inclina-

ção que sempre nutrirá pelo estudo da analyse e da toxicologia, pelo facto de, desde a sua infancia, o ver occupar-se, como perito, de todas as questões que o tribunal da sua região tinha a resolver.

Seu pae, antevendo, depois d'elle ser pharmaceutico, que Perpignan não era theatro bastante para o seu talento e actividade, enviou-o a Paris com recommendação a Arago, como o proprio sr. Bouis, então muito novo. Este apresentou-o ao sr. Dumas, em cujo laboratorio foi recebido, e onde trabalhou até 1846, auxiliando o mestre nas suas pesquisas. Passou n'esse anno para o conservatorio das artes e officios, como preparador do curso do Peligot, seu mestre venerado, que soffreu o duro golpe de lhe presidir ao funeral. Em 1849 passou a reger a cadeira de chimica e de physica do collegio Chaptal. Em 1853 foi nomeado repetidor de chimica na escola central d'artes e manufacturas.

Publicou por esse tempo trabalhos importantes sobre chimica, entre os quaes figura a descoberta do alcool caprilico, que lhe deu muita honra, por passar a ser o quinto alcool então conhecido, e porque o caminho para a descoberta d'estes corpos não estava ainda traçado, como hoje, que o numero d'elles é já grande.

Foi a sua these para o doutorado em sciencias, em 1855.

Outro trabalho seu, dos mais importantes, foi o estudo do envenenamento pelos gazes, o qual se tornou classico, e lhe abriu a porta para escrever o tratado de toxicologia, publicado na collecção de estudos de Briand e de Chaudé.

Foi companheiro de laboratorio do nosso illustre compatriota visconde de Villa Maior, quando este erudito professor foi a Paris estudar na pratica dos laboratorios e convivio dos grandes mestres da sciencia, para depois nos transmittir as suas luzes, ensinando no paiz a maior parte dos homens que actualmente cultivam a chimica entre nós.

Apesar de todas as suas occupações escolares e investigações scientificas, o sr. Bouis dedicou sempre uma parte

do tempo ao estudo da chimica applicada á industria, onde realisou varias descobertas, o que lhe estreitou as relações com um sabio industrial, o sr. de Milly, com cuja filha mais velha veio a casar.

Este enlace grangeou-lhe uma fortuna importante, mas nem por chegar a ser dos felizes do mundo, deixou de trabalhar com a mesma actividade e dedicação pela sciencia.

Em 1864 obteve um logar de ensaiador na moeda; em 1865 foi nomeado para o curso de analyse chimica da escola central, e em 1868 para a cadeira de toxicologia da escola de pharmacia, em torno da qual se reunia um auditorio tão numeroso como sympathico, que o recebia todos os annos, ao abrir o curso, com uma salva de palmas.

A riqueza não alterou em nada a simplicidade e a doçura de seus costumes.

Foi sempre modesto, e o ruido da sua reputação parecia assustal-o.

O sr. E. Genevoix, traçando-lhe a necrologia no seu jornal, diz: «Os fornos da moeda eram o theatro quotidiano dos seus trabalhos; e que encantador acolhimento estava reservado para todos os visitantes da profissão quando tinham a boa fortuna de encontrar os seus dois mestres (*refere-se ao sr. Alfredo Riche*) sentados á mesma banca, atraz da sua balança de precisão, luctando um e outro em excessos de affabilidade e de conselhos judiciosos!»

Pela nossa parte, habituado desde muito tempo a pagar de boa mente o nosso tributo de sympathia e respeito pelo saber e actividade d'este talento illustre e, compulsado constantemente, ha alguns annos, o seu excellento tratado de chimica legal, que nos tem sido guia seguro, e muitas vezes exclusivo, em trabalhos de toxicologia, aqui deixamos tambem estas singelas linhas, traçadas como protesto e preito sincero de homenagem e de gratidão ao sabio, cuja pratica e conselhos tantas vezes nos teem aproveitado em um dos campos da chimica mais delicados, e da maior responsabilidade social.

## PEÇAS OFFICIAES

## Extracto das actas das sessões

SESSÃO DE 9 DE NOVEMBRO DE 1886—Presidência do sr. commendador  
JOSÉ TEDESCHI

Abriu-se a sessão ás 7 e meia horas da noite.

Foi lida e approvada a acta da sessão de 12 de outubro.

O sr. *Fragoso* (1.º secretario) deu conta dos seguintes officios:

1.º Do sr. Feio Terenas, bibliothecario geral da camara municipal de Lisboa, pedindo o jornal da sociedade para a bibliotheca do municipio.

Foi deliberado que se remetteste a collecção e que se continuasse a enviar o jornal.

2.º Do sr. João Augusto Ferreira Braga, de Braga, accusando a recepção do officio que lhe foi dirigido, e agradecendo ter sido nomeado delegado da sociedade n'aquella cidade.

3.º Do sr. Miguel José de Sousa Ferreira, do Porto, agradecendo ter sido reconduzido no cargo de delegado, que exerce ha muito na cidade do Porto.

4.º Do sr. Antonio Augusto Vieira d'Almeida, 1.º pharmaceutico do quadro de saude da provincia de S. Thomé, agradecendo ter sido admittido membro correspondente nacional.

5.º Da procuradoria regia, pedindo o laboratorio para uma analyse.—Concedido.

6.º Dos srs. Ferreira & Irmãos, do Porto, accusando a recepção do officio em que se lhes dava a noticia da commissão de pharmacia ter dado o seu parecer relativamente á emulsão de oleo de figados de bacalhau com hypo-phosphito de cal e soda, e agradecendo á sociedade e aos membros da commissão.

## ORDEM DA NOITE

Teve primeira leitura um parecer da commissão de pharmacia.  
Nona serie.—Anno de 1886.



macia sobre o valor do indice chimico-pharmaceutico do sr. Pratas. O auctor do livro pediu a palavra para um requerimento, afim de que o parecer fosse discutido.

O sr. *Cunha* lembrou que era estabelecido pelo regimento interno que os pareceres fossem discutidos depois da segunda leitura, e pediu que se seguisse a lei interna da sociedade.

O sr. *Pratas*, usando novamente da palavra, respondeu que era bem entendido o que dizia o sr. *Cunha*, mas desejava discutido o parecer, porque lhe dizia respeito, e receiava não poder assistir á proxima sessão por motivo de doença ou qualquer outro.

O sr. *Cunha* replicou, que dos socios presentes fôra só o sr. *Pratas* quem manifestára urgencia em o parecer ser discutido, e que estivesse s. ex.<sup>a</sup> descansado que devia poder assistir á discussão, porque a commissão desejava dar-lhe a maior amplitude.

Foi resolvido que o parecer ficasse para segunda leitura e que fosse discutido na proxima sessão.

O sr. *Fragoso* communicou á sociedade que no Porto foi encetada uma verdadeira campanha contra os individuos que sem serem pharmaceuticos aviam receitas medicas; disse que em tempo combateu a proposta apresentada pelo sr. *Pratas* n'aquelle mesmo sentido, mas que, não obstante, via-se obrigado a perguntar o que a commissão tem feito ou pretende fazer, por ter que responder a uns officios que lhe foram dirigidos por um collega, e pelo Centro pharmaceutico portuense.

O sr. *Pratas* respondeu que em tempo foi eleito para a commissão a que se referia o sr. *Fragoso*, assim como mais dois collegas, que recusaram o encargo; que ultimamente tinha sido eleito o sr. *Silva Nogueira*; que elle orador, tinha recebido officio da sociedade, participando que estava eleito, e nada mais podia dizer.

O sr. *presidente* disse que nas commissões era costume o mais velho convocar a reunião.

O sr. *Cunha* deu uma satisfação por não ter convocado a